

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SAMUEL OLIVEIRA VASCONCELOS

A RESSIGNIFICAÇÃO DO *PESSACH*

São Leopoldo

2023

SAMUEL OLIVEIRA VASCONCELOS

A RESSIGNIFICAÇÃO DO *PESSACH*

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Tradições e
Escrituras Sagradas
Linha de Pesquisa: A
RESSIGNIFICAÇÃO DO *PESSACH*.

Orientadora: Dr.^a Carolina Bezerra De Souza

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V331r Vasconcelos, Samuel Oliveira
A resignificação do Pessach / Samuel Oliveira
Vasconcelos; orientadora Carolina Bezerra de Souza. –
São Leopoldo: EST/PPG, 2023.
116 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2023.

1. Pessach. 2. Ceia do senhor. 3. Seder. 4.
Resignificação. I. Souza, Carolina Bezerra de, orientadora.
II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

A RESSIGNIFICAÇÃO DO PESSACH

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Tradições e Escrituras
Sagradas

Data de Aprovação: 23 de março de 2023

PROF.^a DR.^a CAROLINA BEZERRA DE SOUZA (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. RUBEN MARCELINO BENTO DA SILVA (EST) (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. MARCELO DA SILVA CARNEIRO (UMESP)
Participação por webconferência

Assinado digitalmente
por
Carolina Bezerra de
Souza
Data: 2023.03.23
15:25:37 -03:00



Assinado digitalmente
por
Ruben Marcelino Bento
da Silva
Data: 2023.03.23
15:25:37 -03:00



*Dedico para Alice Vasconcelos,
Mariana Vasconcelos,
Benjamim Vasconcelos, e
Sarah Vasconcelos, os amores da minha
vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos meus familiares e a todos os mestres.

Meu muito obrigado!

*“A sabedoria protege, do mesmo modo
que o dinheiro; mas a vantagem da
sabedoria é que ela dá vida a quem a
possui”.*

Eclesiastes 7.12

RESUMO

Apresenta-se uma análise do tema: “A ressignificação do *Pessach*”. No primeiro momento, o *Pessach* será detalhado em sua evolução, partindo das origens e da prática desta celebração, bem como, a influência de outros povos que refletiram nos costumes. Posteriormente, serão abordados os atributos do *Pessach* nos períodos do Antigo Testamento e a continuidade da tradição judaica, tanto que, as novas características permitiram novas interpretações nas ocasiões que foram celebradas. A proposta do trabalho é detalhar as leituras históricas, bem como, proféticas, que ocorriam em torno do cordeiro pascal como sacrifício redentor. Depois da destruição do segundo templo, o *Pessach* começa a ter novos entendimentos ou ressignificações, assim, não está apenas atrelado a um cordeiro pascal (animal), mas também a um cumprimento profético. O objetivo do trabalho de pesquisa é identificar e detalhar o entendimento através dos tempos relacionado à temática, onde, originariamente, o cordeiro não era apenas para o Antigo Testamento, mas também, para o Novo Testamento. Dessa forma, as famílias de judeus meditavam na libertação todas as vezes que celebravam o *Pessach*. Assim também, nos tempos de Jesus, acreditavam em uma libertação através da morte sacrificial do Cordeiro de Deus, dessa forma, não necessitava de qualquer outro derramamento de sangue de cordeiro pascal.

Palavras-chave: *Pessach*. Seder. Ceia do Senhor. Ressignificação.

ABSTRACT

An analysis of the theme is presented: "The resignification of Pessach". In the first moment, Pessach will be detailed in its evolution, starting from the origins and the practice of this celebration, as well as the influence of other peoples that reflected on the customs. Subsequently, the attributes of Pessach in the Old Testament periods and the continuity of the Jewish tradition will be addressed, where the new characteristics allowed new interpretations on the occasions that were celebrated. The purpose of the work is to detail the historical readings, as well as the prophetic ones, that took place around the paschal lamb as a redemptive sacrifice. After the destruction of the second temple, Pessach begins to have new understandings or resignifications, thus, it is not only linked to a paschal lamb (animal), but also to a prophetic fulfillment. The objective of the research work is to identify and detail the understanding through time related to the theme, where, originally, the lamb was not only for the Old Testament, but also for the New Testament. In this way, Jewish families would meditate on deliverance every time they celebrated Passover. So too, in Jesus' day, they believed in deliverance through the sacrificial death of the Lamb of God, thus necessitating no further shedding of the blood of the paschal lamb.

Keywords: Pessach. Seder. Lord's Supper. Resignification.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 O PESSACH NO CONTEXTO HISTÓRICO.....	21
2.1 REFERÊNCIAS BÍBLICAS DO PESSACH.....	21
2.2 O PESSACH DOS NÔMADES.....	23
2.3 O PESSACH DOS AGRICULTORES SEDENTÁRIOS.....	29
2.4 O PESSACH NA TORÁ	30
2.4.1 O Pessach do Êxodo	31
2.4.2 O Pessach em Levítico.....	35
2.4.3 O Pessach em Números.....	36
2.4.4 O Pessach em Deuteronômio.....	38
2.5 O PESSACH NOS ESCRITOS.....	40
2.5.1 O Pessach no reinado do rei Ezequias	40
2.5.2 O Pessach na reforma do rei Josias	43
2.5.3 O Pessach do exílio (598 – 537 A.C.) e pós exílio babilônico (538 A.C.)	51
3 O PESSACH NO NOVO TESTAMENTO	55
3.1 PREPARATIVOS DO SEDER PARA O PESSACH.....	56
3.2 O ÚLTIMO PESSACH DE JESUS NA NARRATIVA DE LUCAS.....	62
3.3 INSTITUIÇÃO DA CEIA DO SENHOR NA NARRATIVA DE LUCAS	74
3.4 CEIA DO SENHOR E AS DISSENSÕES (1 Coríntios 11.23-34).....	78
4 RESSIGNIFICAÇÃO DO PESSACH.....	93
4.1 PÃO DO PESSACH VERSUS CORPO DE CRISTO	95
4.2 CORDEIRO DO PESSACH VERSUS CORDEIRO DE DEUS.....	99
4.3 SANGUE DO CORDEIRO DO PESSACH VERSUS SANGUE DE CRISTO (VINHO).....	100
4.4 LIBERTAÇÃO	105
5 CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS.....	111

1 INTRODUÇÃO

Através de uma análise histórica e bibliográfica, será investigada a temática: “A ressignificação do *Pessach*”. O objetivo da pesquisa é identificar as diferentes interpretações. A celebração do *Pessach* é de extrema importância para os judeus, pois há contextualização entre o cordeiro pascal (animal) e o cordeiro de Deus (Jesus). Assim, investigando as origens do *Pessach*, partindo do contexto nômade, observam-se as mudanças nos cerimoniais, e também, refletindo nas tradições do judaísmo. Entrelaçado com as mudanças houve ressignificação da cerimônia e dos elementos pascais. Desde as origens do *Pessach* na Torá, observa-se a existência de um simbolismo profético; originariamente, era realizada em um ambiente familiar, passando a ser a maior festa de peregrinação, ou seja, a casa familiar deixava de realizar o *Pessach* que passa a ser celebrado no Templo.

As festividades tinham fundo religioso e auxiliam na construção e manutenção da memória que une pessoas de diversas origens e nações sob um mesmo credo. O principal evento do calendário dos judeus e a festa mais antiga é o *Pessach*. É um memorial e uma ordenança permanente. Os judeus, no tempo do Novo Testamento, consideravam como a principal festa. Para os judeus, a instituição do *Pessach* é um dos memoriais mais importantes instituídos por Deus e a principal festa judaica. Eles acreditam que o *Pessach* foi instituído na Torá e consistia em comer o cordeiro pascal com pão asmo e ervas amargas.

As celebrações do *Pessach* perderam parte do significado original, e, no momento da ressignificação, houve incorporação de novos elementos nas celebrações. Nesta temática, Jesus exercia o papel de dono da casa e que ela tem uma nova significação. A celebração no Êxodo comemora a libertação que Deus proporcionou ao seu povo e um propósito memorial (Êx 12.14) e durante a progressão da história foi sofrendo alterações, assim, na ressignificação ocorreu modificação do rito do *Pessach* para celebração da Páscoa Cristã. Jesus leva a questão além do que se esperava em relação aos costumes, Ele não olha apenas como libertação, mas Ele ocupa o centro, proporcionando, um ato de libertação novo e ainda maior do que o primeiro. Através da morte de Jesus traria uma salvação maior do que a do êxodo e uma nova aliança.

A Páscoa quando instituída no Êxodo tinha uma importância para os israelitas, mas os cristãos da atualidade, muitas vezes não sabem o significado daquela Páscoa celebrada pelos judeus e perguntam-se: Qual o significado do nome Páscoa? O que era a festa da Páscoa definida em Êxodo? Qual o significado da festa? Como ela foi inserida na cultura? Existia uma tradição anterior? Por que a Páscoa é a principal festa judaica? Em que contexto histórico ela surge? Qual o significado da festa da Páscoa nos tempos de Jesus? Como os evangelhos tratam da Páscoa? Como os cristãos compreendiam a Páscoa? Qual a importância da Páscoa nos dias atuais? Assim, qual a importância do *Pessach* e sua resignificação? O objetivo da pesquisa é investigar a tradição festiva da Páscoa desde a sua origem como relatada no Antigo Testamento, no NT passando pela tradição paulina, pela vivência pascal da morte e ressurreição de Jesus, usando a primeira carta aos coríntios e do texto do Ev. Lucas.

Dessa forma, para elaboração da pesquisa, nos textos do Antigo Testamento relacionados ao *Pessach* e segundo o evangelho de Lucas, será observada uma perspectiva da metodologia histórico social. Após o levantamento do material bibliográfico, será elaborada análise e fichamento do referencial teórico; conceituação de temas e com base nos dados obtidos elaborar a dissertação.

A pesquisa terá quatro capítulos. O primeiro capítulo é esta parte introdutória da dissertação. No segundo capítulo, será analisado o *Pessach* no contexto histórico: partindo das origens, bem como, as práticas da cerimônia pelos nômades e pelos agricultores sedentários, posteriormente, a evidência da celebração do *Pessach* com imolação do cordeiro, juntamente, com a libertação do Egito. Segundo os relatos na Torá, o *Pessach* caminhou vários períodos e teve novas leituras.

No terceiro capítulo, uma análise bibliográfica da celebração do *Pessach* nos tempos de Jesus, bem como, a última celebração da Páscoa e a instituição da Ceia do Senhor, e ainda, no período do apóstolo Paulo e as celebração da Ceia dos primeiros cristãos.

No quarto capítulo, serão detalhados alguns elementos do *Pessach* que na tradição judaica tinham um significado, mas, a partir das palavras de Jesus na instituição da Ceia seria estabelecido novo significado. Anteriormente, tudo em torno do cordeiro pascal (animal), mas, a partir do novo entendimento, o cordeiro pascal é Jesus.

2 O PESSACH NO CONTEXTO HISTÓRICO

Através da perspectiva bibliográfica, histórica e cultural, o objetivo deste capítulo é identificar as mudanças e as diferentes interpretações do *Pessach*. Percebe-se nas narrativas do Antigo Testamento que originariamente era uma festa familiar, posteriormente, uma comemoração do Templo.

O *Pessach* é um memorial e uma ordenança permanente. Os judeus, no tempo primeiro século, consideravam como a principal festa. Entretanto, há pontos que não permitem clareza. Segundo Roland de Vaux: “A Páscoa tem uma longa história, na qual muitos pontos permanecem obscuros, e às vezes são de difícil interpretação”.¹

2.1 REFERÊNCIAS BÍBLICAS DO PESSACH

Para os israelitas, a instituição do *Pessach* é um dos memoriais mais importantes, foi instituído por Deus e é a principal festa judaica. Eles acreditavam que consistia em comer o cordeiro pascal com pão asmo e ervas amargas. O livro de Êxodo dá indicações precisas como o *Pessach* deveria ser celebrado, vejamos o texto em Êxodo 12.11: “É assim que deveis comê-lo: com os rins cingidos, sandálias nos pés e vara na mão; comê-lo-ei às pressas: é a Páscoa para *lahweh*”.²

As festividades tinham fundo religioso e, até hoje, auxiliam na construção e manutenção da memória que une pessoas de diversas origens e nações sob um mesmo credo. O principal evento do calendário dos judeus é o *Pessach*. Quais as referências bíblicas em relação ao *Pessach*? Roland de Vaux cita:

Há textos litúrgicos: o ritual da Páscoa contido no relato da saída do Egito, Êx 12, os calendários religiosos de Êx 23.15; 34.18 e 25; Dt 16.1-8; Lv 23.5-8, os rituais de Nm 28.16-25; Ez 45.21-24, o relato de Nm 9.1-14 que, sob forma narrativa, justifica a celebração da Páscoa no segundo mês. Há, por outro lado textos históricos que mencionam e descrevem a celebração de algumas Páscoas: a primeira Páscoa do Êxodo, Êx 12, a da entrada em Canaã, Js 5.10-12, a de Josias, 2 Rs 23.21-23 = 2 Cr 35.1-18, a do retorno do Exílio, Ed 6.19-22, às quais se acrescenta, sem paralelo nos livros de Reis, a Páscoa de Ezequias, longamente descrita em 2Cr 30. Deve-se

¹ VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 521.

² Todas as citações bíblicas serão da versão - A BÍBLIA de Jerusalém.

enfim, levar, em conta documentos extrabíblicos importantes: um papiro e dois óstracos, procedentes da colônia judaica de Elefantina.³

A festa é a mais antiga e a maior celebração dos Judeus. É uma história de perdão, libertação, esperança e reconciliação. Na narrativa de Êxodo, o *Pessach* lembra da libertação do povo (Êxodo 13,15), enquanto, segundo o livro de Deuteronômio, é a saída da escravidão para a liberdade (Deuteronômio 16). Para Werner H. Schmidt:

Na festa da Páscoa e dos pães ázimos, a principal festa judaica no período neotestamentário (Mc 14.1,12,14 e outros), juntaram-se dois ritos totalmente distintos em sua origem. Como as formas de sacrifício mencionadas em Gn 4.3s., os dois ritos remontam a dois modos de vida, o nômade e o sedentário.⁴

A palavra “Páscoa” deriva do termo hebraico *pessach* פֶּסַח, que significa segundo R. Laird Harris, “passar (por cima / por alto)”.⁵ De acordo com o dicionário bíblico Wycliffe “o Senhor pulou ou saltou por cima e, desse modo, poupou as casas israelitas quando feriu os egípcios”.⁶ Segundo o comentário bíblico de Champlin, em Êxodo 12 é a primeira vez que aparece a palavra *Pessach*:

A palavra hebraica equivalente deriva-se de um termo que significa “coxear” ou “saltar” (II Sam. 4.4; I Reis 18.21,26). Mas aponta para o fato que o anjo destruidor passou por cima das casas protegidas pelo sangue do cordeiro, aplicado às ombreiras e verga da porta (Êx. 12.23). Temos aqui o primeiro uso da palavra páscoa na Bíblia. Alguns pensam que a palavra é de origem egípcia e significaria então “abrir as asas para proteger”, mas a maioria dos estudiosos prefere o sentido do hebraico. Ver os vs. 24-27 quanto ao fato de que a páscoa foi fatal para os egípcios, mas serviu de livramento para o povo de Israel.⁷

Werner H. Schmidt descreve a interpretação do nome do *Pessach*:

O nome da festa (o significado original de *pesah* permanece incerto) foi interpretado como “passar adiante, ao largo, sobre; poupar” (*psh*, Êx 12.23 J,13 P,27 Dtr; cf. Is 31.5): o castigo divino passou ao largo de Israel. Com isto, o demônio do deserto, que ataca pessoas e animais, se tornou uma espécie de anjo que, por ordem divina, executa o juízo (cp. Êx 12.23 com v. 29 J). Enquanto que [sic!] o “exterminador” somente realiza a vontade divina de “ferir” (cf. 2 Sm 24.17; 2 Rs 19.35), Javé se serve da antiga crença em seres demoníacos bem como rito. Por fim, o Escrito Sacerdotal aboliu totalmente a pessoa do “anjo exterminador”: o “golpe do exterminador”

³ VAUX, 2004, p. 521.

⁴ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004. p. 202.

⁵ HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1223.

⁶ PFEIFFER, Charles F, VOS Howard F, REA John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 1467.

⁷ CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números*. Volume 1. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 349.

tornou-se um mero “golpe destruidor” (v. 13; cf. § 6b,6). Através da subordinação do “anjo exterminador” ao Deus que “conduz para fora do Egito”, e ameaça do demônio, outrora periódica transforma-se em acontecimentos *único* na noite do êxodo. A Páscoa é entendida expressamente como “*memorial*”, um dia que “rememora” o êxodo (Êx12.14 P; Dt 16.13,12; cf Sl 111.4; Lc 23.24). Assim, se conjura o perigo que a história, através do rito pascal, seja “repetida” culturalmente na festa anual, mesmo que a salvação do passado continue válida ainda “hoje” (Êx 13.3s).⁸

O significado da palavra *Pessach* foi interpretado a partir do castigo que passou longe dos israelitas. A celebração é como um memorial porque um dia rememora o êxodo (Êx 12.14). Entretanto, com o tempo, o rito perdeu o seu sentido original, pois já não concedia proteção por si mesmo.

Através do ritual do *Pessach* a memória se mantinha viva no povo pelas tradições contadas. As famílias escolhiam um cordeiro, sem mancha, macho, de um ano, que seria imolado e o sangue deveria ser untados a travessa e os batentes da porta da casa (Êx 12.7). Este dia foi uma festa em homenagem a Javé.

A bíblia descreve algumas celebrações do *Pessach*: a do Êxodo (Êx 12), a do rei Ezequias (2Cr 30), a do rei Josias (2Rs 23, 21-23; 2Cr 35,1-8) e a do retorno da escravidão (Ed 6,19-22).

2.2 O PESSACH DOS NÔMADES

O povo de Israel surgiu no território da Palestina a partir de grupos “israelitas primários”.⁹ Para Erhard S. Gerstenberger “O tamanho ideal de grupos errantes em busca de alimentos deveria ser entre dez e trinta pessoas”.¹⁰ Esses grupos também chamados de tribos, “a tribo é um grupo autônomo de famílias que se consideram descendentes de um mesmo antepassado. Ela é denominada segundo o nome ou o sobrenome de seu antepassado, precedido ou não de filhos de”.¹¹ Segundo Winfried Thiel “O clã é uma unidade que se empenha solidariamente por seus membros, que preserva a comunidade constituída por consanguinidade por meio de migração e acampamento conjunto”.¹² O laço ou as relações das tribos era por consanguinidade. Originariamente dentro das tribos tinham os agrupamentos que

⁸ SCHMIDT, 2004, p. 205.

⁹ THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel da época pré-estatal*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 7.

¹⁰ GERSTENBERGER, Erhard S. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2007. p. 29.

¹¹ VAUX, 2004, p. 23.

¹² THIEL, 1993, p. 9.

eram comunidades solidárias chamadas de clã. Roland de Vaux detalha sobre as tribos:

Cada tribo possui tradições próprias sobre o antepassado do qual pretende descender. Essas tradições não são sempre verídicas, mas, independentemente de seu valor, o importante é que o nômade pense que é do mesmo sangue que os outros membros da tribo e que as relações entre as diferentes tribos se expressam também como relações de parentesco. Segundo isto, toda a organização social do deserto se resume em uma árvore genealógica.¹³

A tribo era responsável por seus membros, ela tem uma organização interna fundada nos vínculos sanguíneos, dessa forma, o ajuntamento ou a unidade de base é a família, e, diversas famílias constituem uma fração do clã. A comunidade clã e a comunidade tribal desenvolvem-se entre nômades e sedentários de forma igual: através da expansão da família ampliada.¹⁴ Ainda neste contexto Roland de Vaux descreve:

Os israelitas conheceram uma organização muito semelhante. A *bêt ' ab*, a “casa paterna”, é a família, que compreende não só o pai, sua esposa ou esposas e seus filhos não casados, mas também os filhos casados, com suas esposas e filhos, e a criadagem. Várias famílias compõem um clã, *mispahah*. Esta vive ordinariamente no mesmo lugar ou, pelo mesmo, se reúne para festas religiosas comuns e refeições sacrificiais, 1 Sm 20.6,29, e assume especialmente a vingança de sangue.¹⁵

Na liderança da tribo, encontra-se o chefe chamado de *sayyid ou saih*, o cargo não é hereditário e a escolha alguém de uma família rica. Para Roland de Vaux “Essa autoridade se mantém geralmente na mesma família, mas nem sempre passa ao filho mais velho, porque se valoriza muito o caráter e exige-se que o sheikh seja prudente, valoroso, generoso e rico”.¹⁶ Winfried Thiel detalha as atribuições do líder do clã:

Decidir sobre o local do acampamento, o dia de partida e o roteiro da jornada;
Ele tem que tomar conta dos pobres de sua tribo e tem a obrigação de pagar os resgates para presos endividados; e cuidar da coesão e unidade da tribo, conciliar, intermediar e procurar acordos em caso de conflitos.¹⁷

Segundo Erhard S. Gerstenberger não havia clareza total sobre as competências do chefe de família:

¹³ VAUX, 2004, p. 23.

¹⁴ GERSTENBERGER, 2007, p. 32.

¹⁵ VAUX, 2004, p. 26.

¹⁶ VAUX, 2004, p. 26.

¹⁷ THIEL, 1993, p. 11.

Por um lado, ele aparentemente tinha, na época posterior do Antigo Testamento, autoridade para espancar impunemente o filho desobediente até a morte (Pv 19.18); por outro lado, ele deve temer a “mulher briguenta” (Pv 21.9). Por um lado, oficialmente os rebanhos pertenciam a ele; por outro, a mulher era responsável pelos negócios imobiliários (Pv 31.16). Provavelmente o chefe de família não exercia o domínio de forma absolutista, mas era representante da família para fora, enquanto que [sic] a mulher era responsável pelas questões internas da família (vale lembrar que geralmente são o pai e a mãe que aparecem, nos escritos sapienciais, como educadores das crianças).¹⁸

A formação de clãs e de tribos se confunde. Os maiores clãs assumem funções de uma tribo, Erhard S. Gerstenberger detalha: “Essas funções consistem, principalmente, de proteção e vingança mútuas, talvez também – como no caso da comunidade local – da manutenção de elos religiosos”.¹⁹ Os clãs uniam pelo casamento entre filhos e filhas de tribos diferentes. A tribo aparece predominantemente atuando para fora, em circunstâncias onde as famílias e os clãs são poupados.²⁰

O líder do clã era responsável pelas celebrações das festas. Assim, em relação ao *Pessach*, aparece, inicialmente, como um ritual de pastores. O livro do Êxodo evidencia a atividade pastoril em conexão com o memorial:

Ide, tomai um animal do rebanho segundo as vossas famílias e imolai a Páscoa. Tomai alguns ramos de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia, e marcai a travessa da porta e os seus marcos com o sangue que estiver na bacia; nenhum de vós saia da porta da casa até amanhã (Êx 12,21-22).

Vicente Serrano, ao relatar sobre a festa dos pastores, se expressa da seguinte maneira:

A própria descrição que o livro do Êxodo faz da Páscoa indica sua origem e sua condição de festa de pastores. A vítima do sacrifício era um animal escolhido do rebanho, que era assado depois nas brasas da fogueira com que se aqueceriam na fria noite do deserto; a refeição era acompanhada de alguns bolinhos de pão sem fermento, feitos sobre as próprias brasas, e com ervas de estepe apreciadas por eles e cujas propriedades eles conheciam perfeitamente. Outros detalhes que fazem referência à mesma origem é o traje dos participantes, próprio de pastores, e o fato de que eles mesmos faziam o sacrifício do animal no lugar onde pernoitavam os rebanhos e não um sacerdote e um santuário.²¹

¹⁸ GERSTENBERGER, 2007, p. 29.

¹⁹ GERSTENBERGER, 2007, p. 32.

²⁰ THIEL, 1993, p. 9.

²¹ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje*. Apêndice com a Hagadá de Pessach. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 13.

Na religião dos israelitas primitivos eram cultuados aos deuses dos pais, “divindades que se haviam revelado ao patriarca do clã e que lhe haviam prometido aumento considerável de seu grupo e decerto também assentamento da terra cultivada”.²² Neste contexto descreve Werner H. Schmidt:

Talvez o Deus dos pais até tenha sido adorado *sem imagem* ou estátua. Contudo, parece que lhe eram oferecidos sacrifícios (Gn 31.54; 46.1; cf Êx 18.12), como também era costume na terra cultivada. O Deus dos pais parece partilhar da vida dos nômades; ele peregrina com os patriarcas, guia o grupo em seu caminho, protege-o de perigos (Gn 28.15; 31.3,5; 35.3; 46.4) e, assim, está “com” o grupo como seu amável ajudador (26.3,24,28, e outras; quando à relação de parentesco, cf. infra § 12b,3). A *providência* e a *assistência* ao clã parecem ser sua esfera de atuação. Assim, no acordo entre Jacó e Labão, os deuses dos patriarcas protegem seus adoradores e intervêm em favor dos seus direitos (31.53). Também a saga acerca de Caim fala de um sinal protetor que Deus dá ao nômade (4.15).²³

A forma dos israelitas primitivos venerarem a Deus tinha se adaptado pelos costumes vizinhos. O exercício da religião já não era apenas assunto interno da grande família ou do clã, mas da comunidade territorial maior. Todas as manifestações cúlticas essenciais haviam sido transferidas para os santuários.²⁴ Werner H. Schmidt destaca: “As relações com as religiões vizinhas eram múltiplas, mudaram no curso da história”.²⁵

Esta festa “não estava ligada a um lugar santo, também não era celebrada por sacerdotes (num altar), mas pelos anciãos do clã”.²⁶ Entre todos os rituais israelitas, este sacrifício de nômades e seminômades era o que mais se aproximava dos sacrifícios dos antigos árabes: não há sacerdotes, não há relação com o altar, mas há o rito de sangue.

A festa de *Pessach* dos pastores nômades era uma festa noturna e no deserto, celebrado na lua cheia, porque era a noite mais clara do mês. O deserto era um ambiente de insegurança e perigoso. Na imaginação dos pastores, os demônios “povoavam o deserto”. O demônio determinado, “o Destruidor (*mashit*), cujo influxo maléfico era temido pelos nômades de modo especial”.²⁷ Para Erhard S. Gerstenberger:

²² THIEL, 1993, p. 36.

²³ SCHMIDT, 2004, p. 50.

²⁴ THIEL, 1993, p. 79.

²⁵ SCHMIDT, 2004, p. 20.

²⁶ SCHMIDT, 2004, p. 202.

²⁷ SERRANO, 1997, p. 13.

Os seres malignos podem causar doenças e desgraças (cf. Sl 91.5s, que menciona demônios particularmente perigosos: “o terror da noite”, “as setas que voam de dia”, “a peste que ronda nas trevas”, “a epidemia que devasta ao meio-dia”).²⁸

Há relatos neste período que nos tempos primitivos realizavam um ato cúltico, Winfried Thiel detalha: “existia ainda outros vestígios religioso dos seminômades israelitas primitivos, que realizava culto aos deuses dos seus pais, exemplo: o sacrifício pascal (Êx 12.21-23).”²⁹

A festa, aparentemente, tinha objetivo de pedir proteção divina, para a família e o seu rebanho de animais menores contra o exterminador ou saqueador, bando de destruição (1Sm 13.17; 14.15; Pr 18.9).³⁰ Tinha a finalidade de fecundidade do rebanho na primavera e de tranquilizar os males oriundos dos demônios do deserto. No ritual, era oferecido o sacrifício de um cordeiro e o sangue era colocado nos paus das tendas com o objetivo de afastar os perigos que existiam na caminhada.³¹ Este sangue tinha um significado apotropaico. Ele repelia as adversidades e desgraças e, prestava proteção às pessoas e os animais diante do exterminador. Para os pastores, através do ritual de sangue, todas as ameaças eram expulsas. Segundo Roland de Vaux:

O sangue colocado sobre os batentes da porta, primitivamente sobre as armações da tenda, deve afastar os poderes maléficos, o *mashit*, o exterminador, cuja menção é conservada na tradição javista, Ex 12.23, e talvez se ache, deformada, na tradição sacerdotal, Êx12.13. Ela é uma festa que pode marcar, como tem sido proposto, a partida para a transumância de primavera, mas que não é suficiente explicada por ela: é, mais geralmente, uma oferenda para o bem do rebanho, como era a antiga festa árabe do mês de radjab, o primeiro mês da primavera. Os outros detalhes da Páscoa acentuam esse caráter de festa de nômades: come-se a vítima assada no fogo, sem que haja necessidade de utensílios de cozinha, ela é comida com pão sem fermento, o que é ainda hoje o pão dos beduínos, e com ervas amargas, que não são legumes cultivados em uma horta, mas plantas do deserto que os beduínos sabem escolher para temperar sua alimentação frugal. Come-se com os lombos cingidos e as sandálias nos pés, como para uma longa marcha, e o cajado de pastor à mão.³²

É possível que também o costume de se enviar para o deserto um bode expiatório, elemento constante do ritual do dia da expiação de Lv 16, representasse

²⁸ GERSTENBERGER, 2007, p. 49.

²⁹ THIEL, 1993, p. 36.

³⁰ SIQUEIRA, Tércio Machado. *Estudos Bíblicos: um estudo sobre a origem da Páscoa*. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

³¹ SERRANO, 1997, p. 12.

³² VAUX, 2004, p. 525-526.

um ritual análogo realizado no outono, antes da transumância para as pastagens de inverno na estepe.³³

Inicialmente, o sentido de *Pessach* não era de oferenda de sacrifícios dos primogênitos (Êx 13.2-11), e ainda, não era de estabelecer expiação e comunhão. Desta forma, os pastores nômades celebravam o *Pessach* com o ritual de sangue, porque necessitavam de proteção especial, então, “o rito servia à proteção dos envolvidos, em primeiro lugar da família”.³⁴ As famílias não saíam de casa até o amanhecer (Êx 12.21-23). Portanto, esta prática de celebração da festa relatada no livro do Êxodo, encontra-se na festa da primavera celebrada por pastores nômades. O *Pessach* é uma festa muito antiga e remonta à época em que os israelitas ainda eram seminômades; ela é anterior ao Êxodo.

Neste período quando o povo estava em suas migrações receberam mais valores culturais quando entraram em contato com santuários cananeus, assim detalha Winfried Thiel:

Dessa forma certamente foi possível transmitir aos recém-chegados significativamente mais valores culturais dos cananeus do que pela convivência, inicialmente apenas esporádica, nas áreas parcamente habitadas das regiões montanhosas centrais e do Neguebe. Ainda que não se possa atribuir aos agricultores cananeus o mesmo nível de civilização que o reinante nas cidades, a primeira transmissão de vida e pensamento cananeu era imensamente importante para os seminômades em vias de se tornarem sedentários, visto que precisavam destes conhecimentos na transição plenas para a agricultura. Não se tratava somente de assimilar as práticas desenvolvidas pelos agricultores palestinos e as experiências por eles feitas, mas também as ideias religiosas amplamente relacionadas com este processo.³⁵

Originariamente, a festa do *Pessach* celebrada pelos nômades não tinha ligação a nenhum lugar santo, assim, o objetivo da cerimônia era pedir proteção divina. Enfim, com a chegada dos nômades em Canaã, onde, receberam valores culturais a partir da mudança para a vida do agrário, houve a inclusão de novos elementos e novas ideias por causa dos cananeus que gerou mudanças sociais entre os grupos israelitas primitivos.

³³ THIEL, 1993, p. 36.

³⁴ SCHMIDT, 2004, p. 202.

³⁵ THIEL, 1993, p. 37.

2.3 O PESSACH DOS AGRICULTORES SEDENTÁRIOS

A festa dos pães Ázimos (*Matsot*), são os pães sem fermento. Eram pães sem fermento porque a “visão popular do fermento como um agente de corrupção está pressuposta, bem como sua atividade na massa em que é colocado”.³⁶ São comidos durante sete dias no mês de *Abib*, citados também em: Êx 23.14,17. A origem da festa acontecia com a peregrinação de camponeses cananeus, que era festejada no início da colheita dos cereais: após o primeiro corte da cevada (Dt 16.9). A festa tinha o objetivo de oferecer as primícias da colheita. A festa dos *Matsot* é descrita por Vicente Serrano da seguinte maneira:

Durante os sete dias seguintes, comia-se apenas pão sem fermento, feito com os grãos moídos das espigas recém-colhidas. A razão de comer unicamente este pão ázimo pode estar relacionada com antigas tradições que falavam de influências maléficas, evitando-se por isso utilizar o fermento que restou da colheita anterior para fazer fermentar o fruto da nova colheita, ou ainda pela ideia de que, ao iniciar-se, com a chegada da primavera, o ciclo da vida, também o pão, alimento básico do homem, deveria estar elaborado com farinha nova, sem mistura de nada antigo.³⁷

De acordo com Êx 23.15: “Guardarás a festa dos Ázimos. Durante sete dias comerás ázimos, como te ordenei, no mês de abib, porque foi nesse mês que saíste do Egito. Ninguém compareça de mãos vazias perante mim”. A festa dos agricultores, só começou a ser celebrada após a entrada em Canaã, conforme o texto de Levítico 23.10: “quando tiverdes entrado na terra vos dou e fizerdes nela a ceifa, trareis ao sacerdote o primeiro feixe de vossa ceifa”. Segundo Rolando de Vaux, “a festa tem, pois, o caráter de uma primeira oferenda das primícias, que será acentuado quando o ritual posterior detalhar o ritual do primeiro feixe, Lv 23.9-14”.³⁸

A festa do *Pessach* do Êxodo, antes da junção com a festa dos agricultores, era uma festa de peregrinação e oferecimento dos primeiros frutos da terra. É possível que a festa deva ter sido uma “festa tribal ou assimilada dos próprios cananeus, que não foram expulsos nem destruídos, como geralmente se crê, com base nas descrições feitas pelo livro de Josué”.³⁹ Roland de Vaux, descreve “é possível que os israelitas tenham emprestado esta festa dos cananeus”.⁴⁰

³⁶ MACKENZIE, J. L. Ázimos. In: *Dicionário Bíblico*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 98.

³⁷ SERRANO, 1997, p. 14.

³⁸ VAUX, 2004, p. 527.

³⁹ SERRANO, 1997, p. 15.

⁴⁰ VAUX, 2004, p. 527.

O encontro com outras tribos e culturas fez com que a festa dos ázimos ocorresse em santuários ou casas, não perdendo seu caráter familiar e tribal. A festa dos *Matsot* tornou-se uma festa anual, ligada ao *Pessach*, como uma espécie de continuação natural, com a duração de sete dias. Segundo Roland de Vaux:

Quando ela foi transformada, pelo Deuteronômio e pela reforma de Josias, em uma festa de peregrinação, como eram já os Ázimos, pareceu conveniente unir as duas festas; a própria prescrição antiga e independente de comer pão sem fermento na Páscoa favoreceu esta combinação, talvez também a influência de ritos locais, como o do santuário de Gilgal, Js 5.10-12.⁴¹

Originariamente, a festa dos *Matsot* (*festa agrícola Cananéia*) e o *Pessach* (*ritual de pastores nômades*), não estavam relacionadas com Deus, mas com a natureza. Então, por que as festas têm ligação com a história da salvação? Para Roland de Vaux, “As festas da Páscoa e dos Ázimos serviram para comemorar este evento dominante da história da salvação”.⁴²

Ambas, foram festas distintas, posteriormente, fundiram-se, por causa da proximidade cronológica, tornando-se uma festa de peregrinação e tendo lugar no santuário. De acordo com Roland de Vaux, quando “ela foi transformada, pelo Deuteronômio e pela reforma de Josias, em uma festa de peregrinação, como eram já os Ázimos, pareceu conveniente unir as duas festas”.⁴³

A festa era celebrada no início da colheita dos cereais e tinha o objetivo de oferecer as primícias da colheita, era o oferecimento dos primeiros frutos da terra para Deus.

2.4 O PESSACH NA TORÁ

O *Pessach* na Torá é descrito da seguinte maneira: no Êxodo, a imolação do cordeiro e saída do povo de Israel do Egito (Êx 13.15); e no livro de Deuteronômio é à saída da escravidão para a liberdade (Dt 16). O *Pessach* se tornou padrão, por meio dele todo o Israel entenderia o significado da redenção. A seguir, o objetivo é analisar a celebração da Páscoa judaica descrita nos livros da Torá.

⁴¹ VAUX, 2004, p. 528.

⁴² VAUX, 2004, p. 529.

⁴³ VAUX, 2004, p. 528.

2.4.1 O Pessach do Êxodo

O Êxodo é um dos elementos que definem a identidade de Israel. Em diversos textos bíblicos do Antigo Testamento, faz-se presente a memória de que o povo hebreu foi libertado do Egito mediante o poder de Deus. No “livro do Êxodo, portanto, não é apenas o relato de um fato passado. Nele encontramos o modelo inspirador de como um grupo humano lutou para encontrar seu espaço e se tornar povo”.⁴⁴ O Êxodo é descrito por José Severino Croatto da seguinte maneira:

[...] o Êxodo é um acontecimento cheio de sentido (como revelam o relato bíblico e a experiência de Israel) e que ainda não foi concluído. [...] Se nossa leitura do querigma bíblico serve para algo, a “memória” do Êxodo se converte para nós – povos oprimidos do Terceiro Mundo – em Palavra provocadora, em anúncio de libertação. [...] Em uma linha hermenêutica, é perfeitamente viável que nos entendamos baseados em nossa situação de povos “escravizados” econômica, política, social ou culturalmente.⁴⁵

A história do Êxodo descreve duas importantes transições, de um lado, os filhos de Jacó e suas famílias vivendo no exílio do Egito, e do outro, os hebreus passam por um processo de libertação mediante o poder de *lahweh*. Segundo a narrativa do Êxodo, durante 430 anos os descendentes dos 12 filhos de Jacó e suas famílias evoluíram e tornaram-se uma grande nação (Êx 1.7). Os tempos mudaram quando surgiu um novo faraó que não conhecia José. Temendo que os hebreus traíssem o Egito, o novo faraó os escravizou, obrigando-os a construir as cidades de Pitom e Ramsés. Estas “cidades teriam sido construídas durante o reinado de Ramsés II (1290-1224)”.⁴⁶

Ainda segundo a narrativa, os egípcios tornaram a vida dos hebreus ainda mais amarga e os forçaram ao trabalho pesado com argila e tijolos e a toda espécie de trabalho nos campos (Êx 1.14). Euclides Balancin e Ivo Storniolo descrevem sobre a exploração no Egito:

[...] o povo era também explorado na sua força de trabalho. Durante o período das cheias do Nilo, quando a agricultura ficava impraticável, a mão de obra disponível era requisitada pelo Estado para grandes construções ou serviços públicos. Com o tempo, porém, essa requisição era feita não só no

⁴⁴ BALANCIN M. Euclides e STORNILO Ivo. *Como ler o livro do Êxodo*. O caminho para a liberdade. São Paulo: Paulus, 1990. p. 14.

⁴⁵ CROATTO, José Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 40-41.

⁴⁶ SCHMIDT, 2004, p. 68.

período das cheias, mas também na época de plantio e colheita, obrigando o povo a várias jornadas de trabalho.⁴⁷

Havia “grupos insatisfeitos com o sistema (os *apiru*) e os hebreus seriam parte de grupos insatisfeitos com o sistema cananeu e egípcio”.⁴⁸ E antes que os hebreus “insatisfeitos” reagissem, os poderosos usaram de astúcia para abafar possíveis revoltas. O recurso usado seria sobre ocupar o povo. “Temendo a explosão da população, o faraó ordenou que todos os recém-nascidos hebreus do sexo masculino fossem afogados no Nilo”.⁴⁹ Segundo o relato em Êxodo, essa medida desesperada acabou convertendo em instrumento para a libertação dos hebreus. Uma criança da tribo de Levi, colocada à deriva numa cesta de junco teria sido encontrada pela filha de faraó. Anos mais tarde, quando Moisés havia crescido e se tornado homem, ele matou capataz e escondeu seu corpo na areia. Temeroso das consequências fugiu para o deserto. E foi durante o percurso de sua caminhada como pastor que ele recebeu a revelação que mudaria o destino dos hebreus.

Segundo Êxodo 7, Deus ordenou que Moisés voltasse ao Egito, a fim de confrontar o faraó com uma demonstração de milagres e exigir liberdade para a nação de Israel. Entretanto, o coração do faraó estava endurecido, assim, o faraó aumentou os trabalhos dos escravos hebreus. Então, Deus instruiu Moisés ameaçar o Egito com uma série de pragas terríveis. Werner H. Schmidt cita “Entre a promessa de levar o povo para fora do Egito e o próprio êxodo interpõe-se ciclo de narrativas das pragas (Êx 7.8-10.29; cf. Sl 78.43ss.; 105.26ss.)”.⁵⁰

No auge do confronto com o faraó opressor, veio a praga da morte dos primogênitos, dos humanos e dos animais na terra do Nilo. Essa praga é apresentada no contexto da ordenança da celebração do *Pessach* no Êxodo, assim é descrita por Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman da seguinte maneira:

A fim de proteger os primogênitos nascidos dos israelitas, Deus ordenou a Moisés e Aarão que preparassem a congregação de Israel para um sacrifício de carneiros incomum, cujo sangue seria usado para marcar as portas de suas casas, de modo que fossem poupadas na noite da morte dos primogênitos egípcios. Deus os instruiu também para preparassem provisões de pão ázimo para um êxodo imediato. Quando o faraó testemunhou o terrível número de mortos da décima praga, a morte de

⁴⁷ BALANCIN; STORNILO, 1990, p. 8-9.

⁴⁸ BALANCIN; STORNILO, 1990, p. 10.

⁴⁹ FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. Tradução Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. p. 76.

⁵⁰ SCHMIDT, 2004, p. 69.

todos os primogênitos, incluindo o seu próprio, finalmente cedeu, ordenando aos hebreus que carregassem seus rebanhos e manadas, e partissem.⁵¹

Na celebração do *Pessach*, era escolhido o cordeiro sem mancha, macho de um ano, e imolado no décimo quarto dia do mês de Abib. Moisés e Arão explicaram a finalidade do sacrifício, segundo o livro do Êxodo 5.3: “O Deus dos hebreus veio ao nosso encontro. Deixa-nos ir pelo caminho de três dias de marcha no deserto para sacrificar a lahweh, nosso Deus, para que não no ataque com a peste ou com a espada!”

Roland de Vaux descreve da seguinte maneira a questão ritual:

Esta festa não é a oferenda dos “primogênitos” do rebanho: os textos mais detalhados sobre a escolha da vítima e sobre os ritos da festa não o dizem em nenhum lugar. Porém, Êx 34.19-20 inseriu a lei dos primogênitos entre a prescrição da festa dos Ázimos e sua conclusão natural no v. 20b, como o mostra a comparação com Êx 23.15, e Êx 13.1-2, 11-16 aproxima a lei dos primogênitos da Páscoa e dos Ázimos. É uma ligação artificial para qual a décima praga serviu de intermediária: na noite de Páscoa, Deus feriu os primogênitos do Egito e poupou as casas marcadas pelo sangue do sacrifício pascal; é por isso, diz Êx 13.15, que se imolam os primogênitos dos animais e que se resgatam os primogênitos dos homens. Os textos sacerdotais e Ez 45.25 são os únicos a precisar a data da Páscoa, 14/15 do primeiro mês. Isto é, na lua cheia deste mês. Esta data deve ter sido a da Páscoa desde o início: sendo uma festa noturna e do deserto, ela era celebrada na lua cheia, não necessariamente porque se ligava a um culto astral, mas simplesmente porque é a noite mais clara do mês. Esta explicação de bom senso basta para afastar uma hipótese segundo a qual a Páscoa teria inicialmente sido celebrada na noite de lua nova: como *hodes* significou “lua nova” antes de significar “mês”, tem-se, de fato, tentado recentemente traduzir Dt 16.1: “observe a lua nova, *hodes*, de abibe e celebre uma Páscoa para *lahvé* teu Deus”; a sequência do versículo, onde *hodes* reaparece e tem certamente o sentido de “mês” seria uma adição sacerdotal.⁵²

A festa do *Pessach* perdeu seu sentido original, não tendo proteção por si mesmo. O rito não era como antes, não fornecia penhor mágico algum. O sangue no umbral é agora apenas um sinal (Êx 12.13) da passagem de Deus, como sinal da aliança. Schottroff descreve sobre a alteração do significado:

Diferente do rito protetor primitivo, o rito historizado da Páscoa ainda não tem peso próprio. A história passada não é trazida para o presente por meio de um drama cultural, mas “ela se torna acessível aos participantes do culto através de um ato de proclamação em que se evidencia sua relevância atual”. [...] Pode-se perguntar se em P os momentos dramáticos da celebração da Páscoa, que querem evocar a memória, não devem ser

⁵¹ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 78.

⁵² VAUX, 2004, p. 526.

entendidos somente como atos simbólicos, que ajudam a compreender a atualidade dos acontecimentos representados simbolicamente.⁵³

Conforme o texto bíblico do Êxodo 12.2: “Este mês será para vós o princípio dos meses; será o primeiro mês do ano”. O *Pessach* marcava o início do ano. Inicialmente, o primeiro mês não era *Abib*, mostrando a alteração das ordens dos meses. Algumas passagens bíblicas dão a entender a existência de semelhanças entre o calendário egípcio e o babilônico e o ano de comemoração de Israel, segundo evidências do calendário agrícola mais antigo, o ano começa no outono (Êx. 22; 23.16; 34.22), entretanto, outras referências bíblicas acenam para a primavera. Posteriormente, pela influência babilônica, o mês de *Abib*, mais tarde, passou a se chamar *Nisã*. George V. Pixley descreve sobre a data da celebração da seguinte maneira:

Caracteriza as celebrações religiosas o cuidado em observar o dia preciso. E, por ser a celebração do aniversário da saída do Egito, tanto mais se haverá de observar o mesmo dia catorze do primeiro mês. A páscoa é uma festa da primavera, e se opina comumente que o hábito de começar a contar os meses na primavera foi inovação dos tempos da dominação babilônica. Este texto, que supõe um ano que começa com a primavera, não é anterior ao século VI. Com toda probabilidade faz parte da versão sacerdotal do êxodo.⁵⁴

Inicialmente, o local para celebração do *Pessach* no Êxodo era nas casas (Êx 12.22), uma cerimônia familiar sem referência a algum tipo de santuário central, nem altares e nem envolvimento sacerdotal. Conforme Êx 12.3-4:

Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro por família [...]. Mas se a família for pequena para um cordeiro, então juntará com o vizinho mais próximo da sua casa, conforme o número de pessoas.

O texto sinaliza que havia unidade familiar. O ambiente familiar é o primeiro lugar para a celebração do *Pessach* e o pai é o líder do ritual. Sobre a celebração de a festa ser nas casas, George V. Pixley descreve da seguinte maneira:

É de se notar que a festa se faz em família, cada família na intimidade de sua casa. A reforma do Deuteronômio (Dt 18,1-8) estabeleceu que se celebraria no lugar escolhido por *lahweh* (Jerusalém), o que dificultou esta celebração familiar. Mesmo neste texto de elaboração sacerdotal não se atribui papel especial aos sacerdotes. A celebração da libertação nacional é celebração das famílias, pois se pensa que *lahweh* libertou cada família.⁵⁵

⁵³ SCHOTTROFF *apud* SCHMIDT, 2004, p. 205-206.

⁵⁴ PIXLEY, George V. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 86.

⁵⁵ PIXLEY, 1987, p. 86.

O *Pessach* do Êxodo lembrava libertação, na qual os antepassados provaram a escravidão e a aflição, conforme o texto bíblico, Deus conduziu liberdade ao seu povo. Nesta celebração se rememorava a presença de Deus unido ao povo de Israel entre os conflitos e tribulações.

O *Pessach* que surgiu com os pastores nômades deixou de ser uma cerimônia mágica que procurava proteger do “exterminador” e se tornaria uma celebração familiar concreta da plena liberdade proporcionada por Deus. A Páscoa do Êxodo relembra a presença de Deus em libertar o povo da escravidão.

2.4.2 O *Pessach* em Levítico

Levítico é um manual de como cultuar a Deus e fruto do exílio, segundo Roland K. Harrison, “O livro fala da presença de Deus com Seu povo Israel, simbolizada pelo tabernáculo no meio do arraial, que era o assento da Sua glória”.⁵⁶ O capítulo 23 é o relato mais completo das festividades designadas por Deus que o povo de Israel deveria observar por todas as suas gerações. Este capítulo apresenta seis festividades, o *Pessach* é a primeira dessas festas anuais. Levítico 23.4-8 diz:

Estas são as solenidades de lahweh, as santas assembleias às quais convocareis os israelitas, no tempo determinado: No primeiro mês, no décimo quarto dia do mês, ao crepúsculo, é Páscoa na lahweh, e, no décimo quinto dia desse mês, é a festa dos Ázimos pra lahweh. Durante sete dias comereis pães sem fermento. No primeiro dia, tereis santa assembleia; não fareis nenhuma obra servil. Durante sete dias apresentareis uma oferenda queimada a lahweh. No sétimo dia, dia de santa assembleia, não fareis nenhuma obra servil.

As celebrações das festas fixas constam no calendário religioso israelita, entretanto, o calendário antigo era lunar e do mundo ocidental é solar, dessa forma, os meses não correspondem exatamente aos modernos. Roland K. Harrison cita quadro ilustrativo dos períodos das comemorações no Antigo Testamento⁵⁷.

Quadro 1: As festas de Levítico 23 e outros calendários do Antigo Testamento

MÊS				OCASIÃO	REFERÊNCIA
Designação Antiga	Nome Posterior	Nome Moderno	Data		
<i>Abib</i>	<i>Nisan</i>	Abril	14	Páscoa	Lv. 23.5

⁵⁶ HARRISON, Roland K, *Levítico – Introdução e Comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1980. p. 27.

⁵⁷ HARRISON, 1980, p. 198.

Primeiro mês			15	Pães Asmos	Dt. 16.2 Êx 23.14-17
	<i>Síwan</i>	Junho	6	Pentecoste Primícias e Colheita	Dt 16.9-12 Êx 23.16 Lv 25.8-9
Sétimo mês	<i>Tísri</i>	Outubro	1-2 10 15-21	Trombetas Dia da Expição Tabernáculo	Lv 23.24 Lv 23.27 Lv 23.34 Dt 16.13

Fonte: Harrison, 1980, p. 198.

A cerimônia era exclusiva aos israelitas, todos os homens adultos eram conclamados a observar a festa do *Pessach*. Para Mackintosh:

O Pessach é a primeira das sete solenidades periódicas – a oferta do cordeiro da páscoa cujo sangue havia ocultado o Israel de Deus da espada do anjo destruidor na terrível noite em que os primogênitos do Egito foram abatidos.⁵⁸

Roland K. Harrison detalha sobre as duas festividades, suas observâncias e os propósitos didáticos:

A páscoa e a festa dos pães asmos serviam de valioso período anual de instrução, e faziam os israelitas lembrarem-se das questões teológicas envolvidas no êxodo do Egito, e também das implicações do relacionamento da aliança. A observância das grandes festas cristãs serve exatamente o mesmo propósito didático, levando à atenção do adorador que aquilo que está sendo comemorado aconteceu no tempo histórico a pessoas reais.⁵⁹

Em conclusão, segundo o capítulo 23 de Levítico, estabelece datas fixas no calendário o dia da celebração do *Pessach*, todos os israelitas eram convocados, por meio da festividade o povo reunia para honrar a Deus pela sua bondade.

2.4.3 O *Pessach* em Números

Depois da saída dos israelitas do Egito, em Números 9.1-14, faz-se menção de uma segunda celebração:

⁵⁸ MACKINTOSH, C.H. *Estudo Sobre o Livro de Levítico*. São Paulo: Literatura Cristã, 2003. p. 205.

⁵⁹ HARRISON, 1980, p. 200.

Fala aos israelitas e dize-lhes: Se alguém do meio de vós ou dos vossos descendentes se achar impuro devido a um morto, ou estiver numa longa viagem, celebrará, contudo, a Páscoa de Iahweh. No segundo mês, no dia catorze, no crepúsculo, celebrá-la-ão. Com ázimos e ervas amargas a comerão.

Em Números 9.1-14, descreve-se a graça de Deus para os que estavam impuros e incapazes de participar do *Pessach*. Em vez de celebrar no décimo quarto dia do primeiro mês, eles celebrarão no décimo quarto dia do segundo mês.

Então, porque o *Pessach*, em alguns casos, era comemorado um mês depois? John Goldingay responde:

Quando alguém morria um dia antes da Páscoa e a família tinha que enterrá-lo, os familiares do morto tinham sobre si a mácula da morte e, assim, estariam impedidos de participar da celebração e da adoração ao Deus vivo.⁶⁰

No relato bíblico, Moisés pede orientações a Deus, Ele responde: Eles podem celebrar o *Pessach* no mês que vem. Cito o texto bíblico de Número 9.10-11, quem estivesse imundo por corpo morto ou se achasse em jornada longe, podia observar a Páscoa um mês depois – no segundo mês, no dia catorze.

Segundo John Nelson Darby “Somente, Deus provia em graça e em proteção à necessidade daqueles que não estavam em estado de celebrar em harmonia com a Sua vontade, que lhes tinha sido notificada. Mas esses meios, fornecidos pelo auxílio e pela graça de Deus, tornavam constantemente presente a ideia de um povo resgatado e colocado diretamente sob o governo paternal de Deus”.⁶¹

Os holocaustos diários segundo Levíticos 23.8, são expandidos em Números 28.16-25. Robert Walter cita sobre os holocaustos:

A cada dia, dois touros, um carneiro e sete cordeiros machos serão ofertados como holocaustos, juntamente com as ofertas de cereais que os acompanham. Diferentemente do cordeiro pascoal ofertado no décimo quarto dia, esses holocaustos não devem ser comidos pelos sacerdotes ou pelo povo.⁶²

⁶⁰ GOLDINGAY, John. *Pentateuco para todos: Números e Deuteronômio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021. p. 38.

⁶¹ DARBY, John N. *Sinopse dos Livros do AT - Números*. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2020. p. 23.

⁶² WALTER, 2020, p. 48.

Os capítulos 28 e 29 descrevem detalhes de como Israel deveria ofertar os sacrifícios nas festas. Em Números 28.39 relata-se sobre os sacrifícios: “Isso é o que oferecereis a *lahweh*, nas vossas solenidades, além das vossas oferendas votivas e das vossas oferendas voluntárias, dos vossos holocaustos, oblações e libações, e dos vossos sacrifícios de comunhão”.

A celebração no segundo mês, diferentemente de Êxodo 12, como já citado, tem por objetivo que os viajantes e os impuros que não pudesse participar do *Pessach* seria permitido no segundo mês do décimo quarto dia.

2.4.4 O *Pessach* em Deuteronômio

O *Pessach* do Êxodo destaca a imolação do cordeiro e a saída do povo de Israel do Egito; no livro de Deuteronômio, o destaque está na saída da escravidão para a liberdade (Dt 16). A interpretação religiosa para ritos do *Pessach* e o rito dos Pães Ázimos estão vinculadas à saída do Egito.

Em Deuteronômio (16.2-5) é o momento inaugural que transfere o *Pessach* do ambiente familiar (Êx 12.21) das aldeias, focando o santuário central. Entretanto, por ausência de documentos, não se sabe, se foi em Deuteronômio que transformou em uma das festas de peregrinação comum ao povo, ou isto aconteceu em duas etapas. Entende-se uma etapa pré-deuteronômica inserida à festa do *Pessach* com a festa dos *Matsot*, e outra etapa fez com que várias festas de peregrinações fossem aprazadas, por motivos da centralização, para o santuário central. Com a transformação da prática cultural, o *Pessach* parece ter transformado, ao mesmo tempo, em um sacrifício.⁶³

Dessa forma, o *Pessach* não poderia ser celebrado em qualquer das cidades de Israel. O texto de Deuteronômio 16.5-7 ressalta:

Não poderás sacrificar a Páscoa numa das cidades que *lahweh* teu Deus te dará, mas somente no lugar que *lahweh* teu Deus houver escolhido para aí fazer habitar o seu nome. Sacrificarás a Páscoa à tarde, ao pôr-do-sol, hora em que saíste do Egito. Tu a cozerás e comerás no lugar que *lahweh* teu Deus houver escolhido. Pela manhã voltarás e irás para as tuas tendas.

O lugar escolhido para a celebração do *Pessach* foi em Jerusalém. As pessoas iam para o santuário comiam durante a noite e pela manhã voltavam para

⁶³ SCHMIDT, 2004, p. 203.

suas casas. Roland de Vaux descreve quanto à obrigação de celebrar a Páscoa em Jerusalém, que esta é a verdadeira novidade do Deuteronomio; é bem possível que, como o dizem 2Rs 23.22 e 2Cr 35.18, a Páscoa tenha sido, até a instituição monárquica, uma festa comum, celebrada no santuário central da federação das tribos, assim como tinha sido uma festa tribal antes da sedentarização.⁶⁴

Com a sedentarização das tribos nômades e da festa dos Pães Ázimos dos povos agrícolas, favoreceu a união dessas festas. Segundo Tércio Machado Siqueira, com a sedentarização ocorreu uma profunda transformação no significado do *Pessach*:

- O conteúdo e a forma da cerimônia primitiva da Páscoa já não respondem as condições de vida atuais do povo israelita. Exigiam-se modificações;
- Apesar da Páscoa manter boa parte do seu antigo ritual, o povo israelita procurou encontrar outros motivos para a celebração;
- A cerimônia continuou a ser celebrada em família, mas a Páscoa deixou de ser um ritual ligado à troca de favores divinos, para tornar-se uma memória da ação de Deus, salvando o povo hebreu da escravidão.⁶⁵

Segundo os textos de Deuteronomio 16, houve a centralização do culto em um local. Werner H. Schmidt cita sobre a centralização do culto:

Mas também ela torna obrigatórias somente três festas anuais (v. 16). Mais além vão somente a minuciosa regulamentação das festas da Lei da Santidade, em Lv 23, e o calendário de sacrifícios, em Nm 28s., que incluem o sábado ou o dia de descanso (Lv 23.3; Nm 28.8s.) – originalmente nenhum feriado cultural, em todo caso nenhuma “festa” (v. supra Excurso 2) -, o dia do ano novo e o dia da reconciliação (ou expiação: Lv 23.23-32; Nm 29.1-11). Além disso, estes textos posteriores do Escrito Sacerdotal mostram uma outra inovação: enquanto que [sic] o Deuteronomio tinha unificado as festas em termos local, Lv 23 e Nm 28s., fixam as festas em termos de tempo, ao substituírem, na medida do possível, as antigas datas imprecisas por datas exatas. Tais mudanças e ampliações marcam o caminho do desenvolvimento histórico.⁶⁶

Roland de Vaux descreve sobre a importância da celebração da seguinte maneira:

Especialistas que veem no culto a atualização do mito consideram todo o conjunto de Êx 1-15 como a “lenda” da festa pascal, por trás da qual é inútil procurar eventos da história: é a expressão cultural do mito da luta de Iahvé contra seus inimigos. O ponto culminante é a noite que é revivida na noite da Páscoa, a noite em que se vela como Iahvé “velou”, Êx 12.42. De manhã, Êx 14.24, os egípcios estão derrotados; é o triunfo de Iahvé, celebrado em um cântico de vitória, que acaba com a glorificação do

⁶⁴ VAUX, 2004, p. 522.

⁶⁵ SIQUEIRA, Tércio Machado. *Estudos Bíblicos: um estudo sobre a origem da Páscoa*. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

⁶⁶ SCHMIDT, 2004, p. 200.

Templo de Jerusalém, onde a festa acontece e onde Iahvé reside para sempre, Êx 15.17.⁶⁷

A partir da unificação de tais festas e de sua celebração anual no templo de Jerusalém, o *Pessach* serviu para manter viva a memória daquele fato decisivo na história do povo de Deus. Cada ano a festa recordaria a atividade de Deus, seja na história, como redentor e libertador e na natureza, como o criador e aquele que dá vida.

2.5 O PESSACH NOS ESCRITOS

Os Ketuvim, ou Escritos, são parte do *Tanakh (TNK)*, da Bíblia hebraica, e foram escritos principalmente em hebraico. Richard H. Flashman cita a importância do *Pessach* nos Ketuvim: “Enquanto a Torá conta a história da primeira Páscoa, o Ketuvim desdobra o impacto que o evento da Páscoa tem sobre as gerações seguintes do povo judeu na história bíblica”.⁶⁸ Por isso, consideramos importante olhar para a celebração da Páscoa também nesses escritos.

2.5.1 O Pessach no reinado do rei Ezequias

Durante 16 anos do rei Acaz, a nação esteve à beira da ruína. Se não fosse o Senhor através do profeta Obede, tudo estaria perdido (2Cr 28.9-15). Ezequias é um predecessor do rei Josias, ao assumir o trono ele reconhece o fracasso do pai e lidera uma renovação em Judá. O objetivo definitivo da reforma de Ezequias foi estabelecer uma veneração a Deus, no Templo de Jerusalém. Segundo o texto de 2 Reis 18.3-7:

Fez o que agrada aos olhos de Iahweh, imitando tudo o que fizera Davi seu antepassado. Foi ele que aboliu os lugares altos, quebrou as estelas, cortou o poste sagrado e reduziu a pedaços a serpente de bronze que Moisés havia feito, pois os israelitas até então ofereciam-lhe incenso; chamavam-na Noestã. Pôs sua confiança em Iahweh, Deus de Israel. Depois dele, não houve entre todos os reis de Judá quem lhe pudesse comparar; e antes dele também não houve. Conservou-se fiel a Iahweh, sem jamais se afastar dele observou os mandamentos que Iahweh prescrevera a Moisés. Por isso, Iahweh esteve com ele e ele teve êxito em todos os seus empreendimentos. Revoltou-se contra o rei da Assíria e não mais lhe foi submisso.

⁶⁷ VAUX, 2004, p. 524.

⁶⁸ FLASHMAN, Richard H. A Páscoa nos Escritos. In: BOCK, Darrell L.; GLASER Mitch (org.). *O Messias na Páscoa: A tradição judaica por trás da figura do Messias e da Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020. p. 57.

Corroborando com a citação bíblica acima, Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman afirmam que: “Jerusalém era o centro da veneração a YHWH. E os membros da dinastia de Davi eram os únicos representantes e agentes legítimos do domínio de YHWH sobre o mundo”.⁶⁹

Ezequias tornou-se rei aos vinte e cinco anos de idade (2Cr 29.1), começou seu reinado com uma grande mudança religiosa no Reino do Sul. Segundo Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman “O objetivo definitivo da reforma de Ezequias era o estabelecimento da veneração exclusiva a YHWH, no único lugar legítimo para essa veneração, o Templo de Jerusalém”⁷⁰, Roland de Vaux descreve que o rei Ezequias foi um dos responsáveis por reformas centralizadoras:

Dos dois reis de Judá tentaram fazer do Templo de Jerusalém não só o santuário central da nação, mas o santuário único fora do qual nenhum culto público seria tolerado. Os livros de Reis louvam Ezequias por ter suprimido os lugares altos [...]. Ezequias quis assegurar a força e a unidade da nação com um retorno as suas tradições, e a concentração do culto em Jerusalém sob sua vigilância era um elemento dessa política.⁷¹

Ele liderou um movimento de renovação dentro de Judá, reparou o templo, a começar pelas portas. Segundo Thomas Römer, o rei Ezequias realizou:

No plano político, as “reformas” de Ezequias, especialmente a abolição dos lugares altos, poderiam simplesmente refletir a situação geopolítica. Após 701, de Judá só restava Jerusalém e seu *hinterland*. A narrativa bíblica atribui a Ezequias também a destruição de uma “serpente de bronze”... Essa serpente, atribuída a Moisés, lembra, sobretudo a influência egípcia, embora as serpentes fossem veneradas em numerosos sistemas religiosos.⁷²

A celebração do *Pessach* surge neste contexto, após negligência espiritual durante o reinado de seu pai, o rei Acáz. Roland de Vaux cita: “Ele teria comportado uma purificação do Templo, uma Páscoa solene e uma reorganização do clero”.⁷³ O cronista cita que o templo é restaurado, reparado e consagrado, vejamos o texto 2Cr 29.16,17:

Os sacerdotes entraram no Templo de lahweh para purificá-lo. Removeram para o pátio do Templo de lahweh todas as coisas impuras que encontraram no santuário de lahweh e os levitas amontoaram-nas e foram

⁶⁹ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 338.

⁷⁰ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 337.

⁷¹ VAUX, 2004, p. 375.

⁷² ROMER, Thomas. *A origem de Javé: O Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 183.

⁷³ VAUX, 2004, p. 375.

jogá-las fora, no vale do Cedron. Começaram a purificação no primeiro dia do primeiro mês; no oitavo dia desse mês puderam entrar no Vestíbulo de lahweh; em oito dias consagraram o Templo de lahweh e terminaram a purificação no décimo sexto dia do primeiro mês.

O rei Ezequias ofereceu sacrifícios pelo reino, pelo santuário, por Judá e por todo Israel (2Cr 29.20-24). Ele celebrou o *Pessach*, no segundo mês do calendário judaico, no mês de *iyar*, da data informada em Números 9.10-11:

Fala aos israelitas e diz-lhes: Se alguém do meio de vós ou dos vossos descendentes se achar impuro devido a um morto, ou estiver numa longa viagem, celebrará, contudo, a Páscoa de lahweh. No segundo mês, no dia catorze, no crepúsculo, celebrá-la-ão. Com ázimos e ervas amargas a comerão.

Após a remoção dos altares de incenso pagãos de Acaz no vale de Cédron, os cordeiros pascais são abatidos no dia 14 de *iyar* (Nm 9.9-13). Segundo Richard H. Flashman no momento da celebração do *Pessach* houve uma crise cerimonial:

O zelo do povo expõe os sacerdotes e levitas ao embaraço, e eles rapidamente se consagram para o serviço no templo (2Cr 30.15). No entanto, em seu zelo de comer a Páscoa, a maioria dos homens do reino do norte não conseguem se consagrar, mesmo assim desejam sacrificar o cordeiro pascal, o que seria contrário à Lei de Moisés, que exige que façam isso num estado de pureza (v.17). Isso gera uma crise cerimonial, e os levitas se oferecem para sacrificar os cordeiros em nome dos israelitas não consagrados. Reconhecendo a singularidades dessa situação, Ezequias não hesita, mas clama ao Senhor pedindo que ele ignore as violações das regras do santuário cometidas pelos israelitas e perdoe os homens que o estão buscando com sinceridade.⁷⁴

O cronista relata que lahweh ouviu a oração de Ezequias e conservou o povo são e salvo (2Cr 30.20). A festa dura sete dias inteiros, e o povo decide continuar por outros sete dias, totalizando quatorze dias de celebração do *Pessach*, dessa forma, o Senhor os encheu com tamanha alegria. Richard H. Flashman cita que após os quatorze dias de celebração do *Pessach* houve um grande movimento espiritual de reavivamento na terra:

No final dos quatorze dias de celebração, surge um movimento de reavivamento e se espalha pela terra. Israelitas de Efraim, Manassés, Issacar e Zebulom são tomados por um fervor religioso e saem para as cidades de Judá e Benjamim no sul e Efraim e Manassés no norte, destruindo todas as evidências de paganismo. Pedras sagradas são quebradas, colunas de Aserá são derrubadas e os lugares altos são destruídos (2Cr 31.1).⁷⁵

⁷⁴ FLASHMAN, 2020, p. 59.

⁷⁵ FLASHMAN, 2020, p. 60.

Através da comemoração do *Pessach* no reinado do rei Ezequias segundo o texto de 2Cr 31.1, o povo do Norte destruiu todos os altares. R. Laird Harris cita que “Ezequias tirou os locais e os objetos de culto ligados à idolatria (2R 18.4; 2Cr 30.14). O povo de Deus foi instado a tirar ou pôr de lado aquelas coisas que lhes causariam dano espiritual: deuses estranhos (Gn 35.2), todo o mal (Is 1.16), vinho (1Sm 1.14), falsos caminhos (Sl 119.29) e falsa adoração (Am 5.21-23)”⁷⁶

Havia entre os hebreus um grande movimento espiritual proporcionado pela celebração do *Pessach*. De acordo com R. Laird Harris “O avivamento na época de Ezequias trouxe um senso de mordomia e as ofertas voluntárias em *bāqār* (2Cr 31.6)”⁷⁷. O rei Ezequias decide rebelar contra o império assírio. Declarar independência do brutal senhor imperial da região, exigia poder político e organização estatal que pudessem enfrentar o terrível poder do império assírio. O novo rei assírio, Senaquerib, avançou contra Judá com um exército poderoso. Relata Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman:

Apenas a fé em YHWH não salvou o território de Ezequias da ira e da destruição dos assírios. Amplas regiões de Judá foram devastadas, e a terra agrícola valiosa do Shephelah entregue pelos assírios vitoriosos às cidades-Estado da Filistéia. Ezequias foi forçado a pagar pesado tributo à Assíria, e número significativo de judeus foi deportado para essa cidade. Somente Jerusalém e as colinas logo ao sul da capital foram poupadas. Apesar de tudo o que a Bíblia fala sobre a piedade de Ezequias e a intervenção salvadora de YHWH, a Assíria foi a única vitoriosa. Senaquerib alcançou seus objetivos: quebrou a resistência do reino de Judá e o subjugou. Ezequias herdou um Estado próspero, e Senaquerib o destruiu.⁷⁸

No segundo mês judaico (*iyar*), o rei Ezequias celebrou o *Pessach*. A celebração está correlacionada com a comemoração de Números 9, assim, a proposta é que todos os que estiverem de viagem e impuros devido a um morto, deveriam participar do *Pessach* apenas no dia 14 de *iyar*.

2.5.2 O *Pessach* na reforma do rei Josias

Segundo o relato bíblico de Crônicas, o rei Josias foi entronizado aos oito anos de idade pelo “povo da terra”. “Este grupo é identificado como os proprietários de terras – o campesinato de Judá – que, aproveitando o momento oportuno de

⁷⁶ HARRIS, 1998, p. 1481.

⁷⁷ HARRIS, 1998, p. 209.

⁷⁸ FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher, 2003, p.356.

instabilidade institucional provocada pelo assassinato do rei Amon, tomam as rédeas do estado em suas mãos”.⁷⁹ Segundo Frank Crüsemann “O que se pode perceber é que os grupos que desfecharam o golpe pretendiam forçar uma mudança de dinastia”,⁸⁰ é o que consta no texto bíblico de 2 Crônicas 33.24-25: “Seus servos tramaram contra ele e o mataram no seu palácio; mas o povo da terra matou todos os que haviam conspirado contra Amon e proclamou rei, em seu lugar, seu filho Josias”.

O povo, inicialmente, acolhe o movimento da reforma, pois simbolizava libertação da política dos assírios, resultado de culto aos seus deuses. Finkelstein e Silberman descrevem sobre os resultados deste movimento:

[...] produziu os documentos nucleares da Bíblia; entre eles, o mais importante, o livro da Lei, descoberto durante as renovações do Templo de Jerusalém em 622 a.C., no décimo oitavo ano do reinado de Josias. Aquele livro, identificado por muitos estudiosos como forma original do livro do Deuteronômio, inflamou uma revolução nos rituais e uma completa reformulação da identidade israelita. O livro continha as características básicas do monoteísmo bíblico: a exclusiva veneração a um único Deus em um único lugar; a observância nacional e centralizada dos principais festivais e dos dias santificados do ano judaico, Páscoa e Tabernáculos; e um conjunto de legislação definindo regras de bem-estar social, justiça e moralidade pessoal.⁸¹

Haroldo Reimer destaca que “Os projetos e as práticas expansionistas de Josias e sua reforma político-religiosa constituem o evento histórico mais importante deste período”⁸² Neste período foi marcante na identidade da história de Israel.

A Reforma de Josias, cuja característica principal é a chamada “centralização” do culto sacrificial no templo oficial. Haroldo Reimer detalha sobre a centralização do culto em um único local:

No culto central houve expurgos significativos naquele momento: santuários interioranos fechados, proibição do culto a Baal e a Ashera; retiradas de representações iconográficas (2 Reis 22-23). Memórias e tradições populares ou interioranas foram cooptadas e ressignificadas, especialmente a tradicional festa do *pessah*, isto é, da páscoa judaica. Mas também a proposta oficial deve ter passado por ressignificações por parte dos

⁷⁹ LORASCHI, Celso. *O profeta Sofonias e a reforma de Josias*. São Paulo: Estudos Bíblicos, v. 29, n. 116, 2021. p. 53.

⁸⁰ CRUSEMANN, Frank. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 299.

⁸¹ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 373.

⁸² REIMER, Haroldo. *O Antigo Israel: história, textos e representações*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. p. 61.

populares participantes dos eventos. Afinal, os fiéis tecem a sua própria rede de sentidos, embora tantas vezes enredados nos fios oficiais.⁸³

A Reforma de Josias parece ter tido apenas uma intenção política, entretanto, quando o rei destruiu os santuários para obrigar os israelitas do Norte virem adorar a Deus em Jerusalém, como único santuário, assim, era uma forma que todo israelita tinha obrigação de realizar uma festa de peregrinação no santuário de Jerusalém. Para Roland de Vaux, “No momento em que se desagregava o império de Assurbanipal, Josias sacudiu o jugo da Assíria e quis devolver a Judá sua independência. Esse movimento nacionalista acarretou a rejeição dos costumes religiosos emprestados da Assíria e culto de deuses estrangeiros em geral, os Baals, as Astartes e outros mais que contaminavam o culto do Deus nacional, Iahvé”.⁸⁴ Randall Price cita sobre a reforma do rei Josias:

Josias foi o último dos reis de Judá que foram piedosos. Ele tentou reverter a terrível apostasia trazida por Manassés, seu avô descrente. Restaurou o Templo, liberou os recintos sagrados dos ídolos, reinstalou os levitas no serviço e colocou de volta a Arca da Aliança no Santo dos Santos (2 Cr 35.1-3). Suas reformas estenderam-se a todo o Judá com o imperativo de remover todos os traços idolátricos do reino (2 Cr 34.33). As evidências da reforma foram percebidas em mais de 70 potes de cerâmica, deliberadamente despedaçados e objetos de pedra para o culto enterrados em baixo de pilas de pedras que foram usadas para destruí-los. Algumas destas relíquias quebradas são altares, estátuas, queimadores de incenso, vasilhas para libação, cálices e suportes para incenso no formato humana. A destruição intencional de um santuário [edomita] tão distante do sul mostra a extensão da operação “limpeza religiosa de Josias”.⁸⁵

Para Norman K. Gottwald “O reinado de Josias coincidiu com o declínio e a morte do império assírio. Josias conseguiu promover o programa de purificação e expansão nacionais que Ezequias iniciara experimentalmente”.⁸⁶ Ele iniciou uma campanha a fim de trazer de volta as práticas religiosas. Seus primeiros alvos foram as idolatrias em Jerusalém e no templo, conforme o texto bíblico de 2Cr 34.4-7:

Derrubaram diante dele os altares de baais, ele próprio demoliu os altares de incenso que estavam sobre eles, despedaçou as aserás, os ídolos de madeira ou de metal fundido e, tendo-os reduzido aos pó, espalhou o pó sobre os túmulos dos que lhes ofereceram sacrifícios. Queimou os ossos dos sacerdotes sobre seus altares e assim purificou Judá e Jerusalém. Nas cidades de Manassés, de Efraim, de Simão e também de Neftali e nos

⁸³ REIMER, 2017, p. 62.

⁸⁴ VAUX, 2004, p. 376.

⁸⁵ PRICE, Randall. *Arqueologia Bíblica: O que as últimas descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 186-187.

⁸⁶ GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 350.

territórios devastados que os rodeavam, ele demoliu os altares, as aserás, quebrou e pulverizou os ídolos, derrubou os altares de incenso em toda a terra de Israel e depois voltou a Jerusalém.

Tércio Machado Siqueira descreve um dos projetos da “reforma” do rei Josias:

- Um dos projetos mais fortes dessa reforma foi à centralização do culto no templo de Jerusalém. - Por extensão, as manifestações de culto, realizadas nas famílias, foram transferidas para o Templo, particularmente a celebração da Páscoa. A Páscoa, que era uma celebração caseira, familiar, entra definitivamente para o calendário do Templo de Jerusalém, passando a ser uma das festas de Peregrinação. - Ao ser assimilado pelo calendário oficial do Templo, a Páscoa perdeu, definitivamente, o seu caráter de protetor contra qualquer tipo de enfermidade, peste etc., bem como a sua relação com a Festa dos Pães Asmos ou Ázimos (Êx 12,1-51). - Conforme prescreve Deuteronômio (16,1-8), as prescrições litúrgicas da Páscoa foram ligeiramente alteradas. Como exemplo, o gado maior (boi e vaca) passa a ser admitido como parte do sacrifício e a carne da vítima pode também ser cozida. - O êxodo do Egito continuou sendo o motivo principal da Páscoa.⁸⁷

Norman K. Gottwald detalha a sequência dos esforços adotados na reforma do rei Josias:

- 1) Purificação do templo de Jerusalém;
- 2) Purificação dos lugares santos judaítas remotos;
- 3) Descoberta/apresentação pública do livro da lei e decisão de centralizar todo o culto em Jerusalém, fechando santuários distantes; e
- 4) Extensão da purificação e centralização a todos os territórios recentemente controlados na planície litorânea e para o norte até dentro da Síria, e talvez também para dentro de Galaad e da Galileia.⁸⁸

O Cronista formulou a reforma do rei Ezequias, à maneira da reforma de Josias, e concluiu-se, uma Páscoa solene que, segue menos as prescrições do Deuteronômio que as do Código Sacerdotal.⁸⁹ Roland de Vaux, destaca:

Foi também do Código Sacerdotal que o Cronista tirou esta ideia da Páscoa do segundo mês, inspirando-se em Nm 9.1-14, onde se acham os dois traços da falta de pureza e da longa viagem a realizar: essa regulamentação de Nm 9.1-14 é explicada pelas condições depois do Exílio e as relações entre a comunidade da Palestina e as de Babilônia e da Diáspora.⁹⁰

Aproximadamente no ano de 622 (a.C.) adveio o evento narrado em 2Cr 34. No Templo, teria sido achado um rolo, no qual jazia registrada uma lei antiga alusiva

⁸⁷ SIQUEIRA, Tércio Machado. Estudos Bíblicos: um estudo sobre a origem da Páscoa. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

⁸⁸ GOTTWALD, 1998, p. 350.

⁸⁹ VAUX, 2004, p. 524.

⁹⁰ VAUX, 2004, p. 524.

ao culto.⁹¹ Para Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman o livro encontrado na reforma do Templo inflamou uma revolução nos rituais e uma completa reformulação da identidade israelita:

O livro continha as características básicas do monoteísmo bíblico: a exclusiva veneração a um único Deus em um único lugar; a observância nacional e centralizada dos principais festivais e dos dias santificados do ano judaico, Páscoa e Tabernáculos; e um conjunto de legislação definindo regras de bem-estar social, justiça e moralidade pessoal.⁹²

Quando o templo passou por reforma, Josias demoliu tudo o que lembrava os cultos pagãos, posteriormente, depois da limpeza ele poderia restaurar o templo, e, renovou o templo do Senhor. Josias acabou com os rituais sacrificatórios realizados pelos sacerdotes das zonas rurais, que conduzem essas cerimônias nos lugares elevados. Enquanto combatia a idolatria, Josias instituiu as celebrações religiosas (2Cr 34.14-21):

O rei ordenou a todo o povo: “Celebrai a Páscoa em honra de *lahweh*, vosso Deus, de modo como está escrito neste livro da Aliança.” Não se havia celebrado uma Páscoa semelhante a esta em Israel desde os dias dos Juízes que haviam governado Israel, nem durante todo o tempo dos reis de Israel e dos reis de Judá. Foi somente no décimo oitavo ano do rei Josias que semelhante Páscoa foi celebrada em honra de *lahweh* em Jerusalém.

Neste contexto de reformas e demolições que é encontrado no templo, Josias reuniu todos os homens, solicitou que todos guardassem os mandamentos [2Cr 34]. Thomas Romer descreve que estava escrito no rolo: “*Yhwh é nosso deus, Yhwh é Um*”. Trata-se, com efeito, de duas afirmações centrais que são bem entendidas no quadro da reforma josiânica: Yhwh é (único) deus de Israel e ele é *um*, quer dizer que só há o Yhwh de Jerusalém, e não Yhwh de Samaria, de Temã, de Betel e doutro lugar qualquer.⁹³

A reforma de Josias atinge, também, a “prostituição cultural”. Segundo Reis 23.5, Josias “demoliu as casas dos santos”. E ainda, houve a desapareição da deusa do culto de Jerusalém, porque Josias transportou do Templo do Senhor para fora de Jerusalém, e, reduziu as cinzas 2Rs 23.5-6. Segundo Thomas Romer “a eliminação da estátua da deusa se inscreve na visão monolátrica da reforma de Josias. A

⁹¹ MALANGA, Eliana Branco. **Bíblia Hebraica como obra aberta**. São Paulo: Humanitas, 2005. p. 123-124.

⁹² FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 371-372.

⁹³ ROMER, 2016, p. 197.

erradicação do culto da deusa significava, com efeito, uma censura maior que não foi facilmente aceita pelos habitantes de Jerusalém e de Judá”.⁹⁴ Para Celso Loraschi “As denúncias de Sofonias, no entanto, revelam que a reforma está tomando outro rumo. A política interna conduzida pelos detentores do poder em Jerusalém, não leva em conta as aspirações e os direitos do povo da cidade e da roça”.⁹⁵

Enquanto combatia a idolatria, Josias instituiu as celebrações religiosas nacionais⁹⁶, conforme descrito em 2 Crônicas 35. 16-18:

Foi organizada toda a liturgia de lahweh naquele dia, de modo que se pudesse celebrar a Páscoa e oferecer holocaustos sobre o altar de lahweh, segundo os preceitos do rei Josias. Foi nessa época que os israelitas presentes celebraram a Páscoa e durante sete dias a festa dos Ázimos. Não se havia celebrado em Israel uma Páscoa semelhante a essa desde a época do profeta Samuel; nenhum rei de Israel celebrara uma Páscoa semelhante à que celebrou Josias com os sacerdotes, os levitas, o povo de Judá e de Israel presente e os habitantes de Jerusalém.

A reforma “se estendeu ao antigo reino do Norte [...] A conclusão da reforma foi marcada pela festa da Páscoa que, consequência da centralização do culto, foi celebrada por todos em Jerusalém, 2 Rs 23.21-23”.⁹⁷ O rei Josias, aproveitou o momento para fazer uma reforma deuteronômica e, festejou o *Pessach*. “A festa de Josias não teria sido uma novidade tão grande: uma Páscoa semelhante já teria sido celebrada em Jerusalém sob Ezequias [...]”⁹⁸ A reforma equipara o *Pessach* a uma festa de peregrinação (Sl 120-134). É a partir da “reforma do rei Josias, no séc. VII a.C., as festas do *Pessach* e do *Matsot* unem-se definitivamente e se impõe a obrigação de celebrá-las como única festa no único templo de Jerusalém”.⁹⁹

Conforme 2Cr 35.1, o rei Josias, por causa da reforma deuteronômica, festejou um *Pessach* com o povo. O *Pessach* que originariamente era celebrado pelos pastores nômades e pelos agricultores sedentários, ambos existiram simultaneamente, e comemorado na primavera. Elas garantiam a fecundidade do rebanho – os pastores – e da colheita e rebanho – os povos sedentários. “Essas

⁹⁴ ROMER, 2016, p. 195.

⁹⁵ LORASCHI, 2021, p. 53.

⁹⁶ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 375.

⁹⁷ VAUX, 2004, p. 376.

⁹⁸ VAUX, 2004, p. 523.

⁹⁹ SERRANO, 1997, p. 17.

coincidências facilitaram sua união durante a reforma religiosa do rei Josias, a partir da qual se tornaram uma única festa”.¹⁰⁰

A unificação das festas e a celebração no templo de Jerusalém tiveram intenção religiosa e política. “A religiosa, pela qual se unifica o culto e se purifica o javismo, de acordo com a linha reformadora dos deuteronomistas; a política, pela qual se conseguem vincular mais estreitamente à capital todos os territórios do reino”.¹⁰¹ Para Shigeyuki Nakanose, “o que de fato transformou a Páscoa, festa popular dos camponeses, em festa de peregrinos, com a exigência de celebrar somente no Templo de Jerusalém, foi a reforma de Josias”.¹⁰² Para Celso Loraschi “A reforma josiana restringiu-se à destruição dos lugares de culto não javista espalhados pelas diversas vilas e promoveu a centralização no templo de Jerusalém, trazendo para a capital os sacerdotes e levitas que exerciam suas funções nas províncias do interior”.¹⁰³ Segundo Haroldo Reimer “A centralização do culto no templo de Jerusalém andou de mãos dadas com interdições de santuários no interior, impelindo os fiéis ao deslocamento à capital e à necessária submissão às intervenções coordenadas nos eventos festivos oficiais”¹⁰⁴ Para Roland de Vaux:

A inovação do Deuteronomio e da festa de Josias é justamente ter feito da Páscoa uma peregrinação, para a qual se vinha ao santuário único. Era uma consequência da centralização do culto. [...] Como as duas festas caíam na mesma época e tinham traços comuns, foram reunidas. Mas esta junção ainda não estava feita na época de Josias e ela só aparece em Ez 45.21 e nos textos sacerdotais.¹⁰⁵

Há ausência de citações em relação a celebração do *Pessach*, exceto pelo profeta Oséias (Os 12). Esse silêncio quanto ao *Pessach*, tem alguns motivos segundo Tércio Machado Siqueira:

- A páscoa era uma celebração de pastores que viviam na periferia da sociedade israelita;
- A páscoa, originalmente, foi uma celebração caseira, familiar e os historiadores preocuparam-se com a atuação dos reis;
- A páscoa possuía um conteúdo contestador a toda instituição opressora como acontecia nos reinados de Judá e Israel;

¹⁰⁰ SERRANO, 1997, p. 15.

¹⁰¹ SERRANO, 1997, p. 17.

¹⁰² NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar**: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22,1-23,30. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 239.

¹⁰³ LORASCHI, 2021, p. 53.

¹⁰⁴ REIMER, 2017, p. 62.

¹⁰⁵ VAUX, 2004, p. 523.

- Consequentemente, os reis e os sacerdotes do templo em Jerusalém não tiveram interesse de promover a celebração da páscoa.¹⁰⁶

Em resumo, o *Pessach* deixava de ser celebrado em ambiente privado, torna-se uma celebração pública, no Templo de Jerusalém. Entretanto, o cordeiro deixou de ser imolado pelo chefe da família, dessa forma, era realizado pelo sacerdote, e o sangue que era posto nos umbrais das portas das casas, agora, derramado sobre o altar. Shigeyuki Nakanose destaca: “A Páscoa, uma festa camponesa, que se realizava na casa, com a participação de todo mundo; agora, celebrada no Templo e presidida por um Sacerdote da cidade”.¹⁰⁷

Por fim, a reforma celebrada pelo rei Josias, segundo Celso Loraschi houve “A intolerância com as práticas religiosas diferentes (que coexistiam com o junto de lahweh) promoveu uma religião que cimentou a estrutura sócio-política-econômica expansionista e de dominação de um grupo de privilégios sobre a maioria”.¹⁰⁸

Segundo Haroldo Reimer “A morte de Josias interrompeu o processo de expansão e unificação. A sua morte marca a renovada presença vigilante de novos poderes internacionais de plantão na região”.¹⁰⁹ Neste contexto, Norman K. Gottwald descreve “Quando Josias estava prestes a colher toda a safra do seu programa, pouco tempo depois da queda da última fortaleza do poder assírio em Harã, na Síria setentrional, Josias foi morto em combate em 609 a.C”.¹¹⁰

Conclui-se que a reforma do rei Josias é resultado da descoberta do livro no templo, que legitimou mudanças de ordem religiosa, econômica e política. Neste livro, continha que “Yhwh é nosso deus, Yhwh é UM”, dessa forma, Josias reuniu o povo para declarar que só existe um Deus, e ainda, extinguiu a prostituição cultural e a adoração da deusa do culto oficial de Jerusalém. Nesta reforma, Josias comemora o *Pessach*, que foi celebrado e comemorado por todos no Templo de Jerusalém 2Cr 35.1-19.

¹⁰⁶ SIQUEIRA, Tércio Machado. **Estudos Bíblicos**: um estudo sobre a origem da Páscoa. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹⁰⁷ NAKANOSE, 2000, p. 254.

¹⁰⁸ LORASCHI, 2021, p. 53.

¹⁰⁹ REIMER, 2017, p. 63.

¹¹⁰ GOTTWALD, 1998, p. 350.

2.5.3 O Pessach do exílio (598 – 537 A.C.) e pós-exílio babilônico (538 A.C.)

Para compreender toda a história do antigo Israel e a criação da história bíblica, não podemos parar na morte de Josias, nem deter na destruição de Jerusalém e do Templo, nem na queda da dinastia de Davi.¹¹¹ É importante examinar os acontecimentos após a conquista babilônica. Nabucodonosor invadiu Judá e sitiou Jerusalém. Na terceira deportação pelos babilônios no ano 586 a.C., os exércitos da Babilônia, comandados pelo rei Nabucodonosor II, sitiaram Jerusalém pela primeira vez (Daniel 1.1). Segundo Thomas Romer, “A destruição de Jerusalém afetou mais as elites deportada do que as populações rurais e pobres que permaneceram no país”.¹¹² Para Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman “Jerusalém está destruída, o Templo está em ruínas, o último rei da dinastia de Davi, Sedecias, está cego e exilado, seus filhos trucidados. Muitos membros da elite judaica foram deportados”.¹¹³ O rei foi deportado, o templo destruído e a integridade geográfica de Judá foi pulverizada. Para Roland de Vaux:

A queda de Jerusalém marca o fim das instituições políticas de Israel. A Judéia será daí em diante integrante dos impérios neobabilônico, persa, selêucida, que lhe imporão o estatuto habitual de suas províncias e, quando os hasmoneus reivindicarem o título de reis, estarão ainda sobre tutela.¹¹⁴

Ildo Bohn Gass destaca que o exílio babilônico foi um divisor de águas “O exílio marcou profundamente a vida do povo, tanto dos remanescentes em Judá como dos expatriados. Influenciou também profundamente a releitura e a redação da história e das antigas tradições. Fala-se antes do exílio ou em depois do exílio”.¹¹⁵ Enéas Tognini descreve o período do cativo: “Eles levavam todos os cativos para sua metrópole, onde viviam agrupados em bairros, com liberdade de cultuar o seu Deus e praticar os seus costumes, ou seja, eles levaram consigo e preservavam suas tradições históricas”.¹¹⁶ Destaca que quando chegaram a Jerusalém, os judeus:

¹¹¹ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 397.

¹¹² ROMER, 2016, p. 208.

¹¹³ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 398.

¹¹⁴ VAUX, 2004, p. 124.

¹¹⁵ GASS, I, B. **Uma introdução à Bíblia: Exílio Babilônico e Dominação Persa**. São Leopoldo: Paulus, 2004. p. 9.

¹¹⁶ TOGNINI, Enéas. **O Período Interbíblico: 400 anos de silêncio profético**. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 51.

“edificaram um altar, e o culto ao Senhor foi restabelecido e lançaram os alicerces do templo”.¹¹⁷

Com o Templo destruído em 587 a.C., o costume retorna para as casas por que o povo não tinha templo, assim, desapareceram as atividades cultuais, uma assembleia de sacerdotes decidiu regressar ao antigo costume. Segundo Tércio Machado Siqueira, a celebração volta a ser praticada no ambiente familiar e o ritual de sangue volta a ter sentido de símbolo da defesa contra o “exterminador”.¹¹⁸ Através do *Pessach* no período do exílio babilônico, o povo, “desenvolveu a esperança que Javé poderia libertá-los, de novo, e trazê-los de volta para Israel”.¹¹⁹ Segundo Márcio José Pinheiro “os hebreus começaram a se reunir em outro lugar para a leitura da Bíblia e fazer suas preces”.¹²⁰

Em relação ao *Pessach*, neste período é muito abordado pelo profeta anônimo do exílio, cujas palavras foram editadas no livro de Isaías, capítulos 40 a 55. Tércio Machado Siqueira organiza esta listagem:

- Com a destruição de Jerusalém (587 a.C.), desaparece a atividade cultual oficial (Sl 137); surge o estudo bíblico entre os exilados (mais tarde, Sinagoga);
- A celebração da Páscoa volta para a casa. Volta a ênfase no sacrifício da rês menor, o cordeiro. O antigo ritual de sangue, provavelmente, volta a ter o sentido de defesa ante o exterminador;
- Percebem-se algumas variações no ritual da celebração: não jogar fora parte do animal sacrificado; não quebrar os ossos da vítima; celebração no segundo mês para quem não o fez no primeiro; permissão para os estrangeiros participarem (Nm 9,1-14).
- Começa aparecer uma separação entre Páscoa e Ázimos como celebrações distintas: Ázimos, nos dias 1 a 7 e Páscoa, no dia 14 do primeiro mês.¹²¹

Durante o exílio babilônico 598 – 537 anos antes de Cristo e com a destruição de Jerusalém (587 a.C.), o povo volta a celebrar o *Pessach* no ambiente familiar. Na celebração do *Pessach* as famílias relembavam o que Deus fez no

¹¹⁷ TOGNINI, 2009, p. 62.

¹¹⁸ SIQUEIRA, Tércio Machado. **Estudos Bíblicos**: um estudo sobre a origem da Páscoa. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹¹⁹ SIQUEIRA, Tércio Machado. **Estudos Bíblicos**: um estudo sobre a origem da Páscoa. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹²⁰ PINHEIRO, M.J. *A páscoa cristã*. Belo Horizonte: Clube de autores, 2016. p. 24.

¹²¹ SIQUEIRA, Tércio Machado. **Estudos Bíblicos**: um estudo sobre a origem da Páscoa. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

Egito, libertando seu povo da escravidão, dessa forma, os exilados na Babilônia tinham esperança de que Deus poderia libertar novamente todo Israel.

O todo-poderoso império babilônico desmoronou e foi conquistado pelos persas em 539 a.C. No primeiro ano de seu reinado, Ciro, o fundador do império persa, publicou um decreto real para a restauração de Judá e do Templo (Esdras 1.2-3).¹²²

Segundo a narrativa do livro de Esdras, em 538 a.C., Ciro decretou que os judeus voltassem para Israel, com objetivo que reconstruíssem o templo de Deus (Ed 1.1-5). Para Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman:

Um líder dos exilados, chamado Sasabassar, descrito em Esdras 1:8 como “o príncipe de Judá” (provavelmente indicando que era o filho de Joaquin, o exilado rei davídico), conduziu o primeiro grupo dos que retornaram a Sião. Diz-se que levaram de volta os tesouros do Templo, que Nabucodonosor havia tirado de Jerusalém, meio século antes. Sabe-se de uma lista dos que retornaram, por cidade de origem, família, que soma cerca de 50 mil exilados. Eles estabeleceram na sua antiga pátria e iniciaram as fundações para um Templo novo.¹²³

Os primeiros que retornaram a Jerusalém, no mês de *tishri* (setembro-outubro), de 537 a.C., empreenderam a reconstrução do Templo e da cidade. Segundo Claudionor de Andrade “se não fosse Ciro os judeus não teria condições de levar adiante tão formidável tarefa: reconstruir o Templo, reedificar os muros e reinstalar a autoridade judaica nos territórios”.¹²⁴

Após no livro de Esdras 4.11-16, a construção foi interrompida (Esdras 4.24), porém, posteriormente, a ordem do rei Daria que a obra fosse retomada. Neste contexto Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman descrevem: “Dario o instruiu de que não apenas deixasse o trabalho continuar, mas também que custeasse todas as despesas com as rendas do Estado, para suprir o Templo com animais para os sacrifícios e punir qualquer um que tentasse impedir a implementação do édito real”.¹²⁵

A construção do Templo continuou, então, foi “concluída no ano 516 a.C. E assim começou a era do judaísmo do Segundo Templo”.¹²⁶ Com a reconstrução do

¹²² FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 400.

¹²³ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 400.

¹²⁴ ANDRADE, Claudionor. **Geografia Bíblica – A geografia da Terra Santa é uma das maneiras mais emocionantes de se entender a história sagrada**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 84.

¹²⁵ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 402.

¹²⁶ FINKELSTEIN. SILBERMAN, 2003, p. 402.

Templo puderam celebrar novamente suas festas tradicionais. Richard H. Flashman descreve o dia celebração do *Pessach* no Templo:

No terceiro dia de adar (fevereiro – março), de 516 a.C., mais ou menos setenta anos após a destruição do primeiro templo, o segundo templo é completado. Ele é dedicado imediatamente ao Senhor. Então, quarenta dias mais tarde, no décimo quarto dia do primeiro mês de nissan (março - abril), de 515 a.C., os exilados celebram a Páscoa. É uma celebração grande! O povo está buscando o Senhor com sinceridade, distanciando-se das práticas impuras de seus vizinhos pagãos. Os sacerdotes e levitas cumprem seu trabalho com fidelidade. O povo come a Páscoa, e durante os sete dias seguintes celebra a Festa dos Pães Asmos. Eles se enchem de alegria, não só porque que a celebração da Páscoa foi restaurada, mas porque viram a mão milagrosa de Deus, do Deus de Israel, transformar o coração do rei pagão Dário que lhes ajuda para completar o templo do Senhor (Ed. 6.21).¹²⁷

Quando foi posta a celebração no templo, ficaram em dúvida sobre a permanência mantendo como uma festa privada, ou se regressariam à ordenança total da celebração no Templo. O *Pessach* é comemorado como lembrança dos livramentos de Israel de seus inimigos por Deus. Tércio Machado Siqueira narra a celebração da Páscoa no Templo:

- O "historiador cronista" (1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias) mostra que a Páscoa preservou alguma cerimônia para o Templo de Jerusalém. Somente a refeição pascal foi mantida na família.
- A carne deveria ser assada e não mais cozida.
- As cerimônias da Páscoa e dos Ázimos voltam a integrarem-se.
- Algumas novidades na celebração: O levita passa a ter um papel relevante na cerimônia; surgiu a música como parte da celebração; um copo de vinho passou a fazer parte da cerimônia.¹²⁸

Os exilados que retornaram para Jerusalém expressam sua gratidão pela restauração do povo à sua terra e pela reconstrução do templo, e celebraram o *Pessach*. Roland de Vaux descreve: “Este ritual é conforme à breve injunção de Ez 45.21, na Páscoa celebrada no retorno do Exílio segundo Ed 6.19-22 e as indicações do “Papiro Pascal” de Elefantina, de 419 a.C., no qual a insistência sobre as datas a observar para a Páscoa e os Ázimos é explicada como uma nova prescrição imposta a esta colônia judaica”.¹²⁹ Por fim, o *Pessach*, tornou-se uma festa que recebia multidões que vinham a peregrinar em Jerusalém.

¹²⁷ FLASHMAN, 2020, p. 63.

¹²⁸ SIQUEIRA, Tércio Machado. **Estudos Bíblicos**: um estudo sobre a origem da Páscoa. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹²⁹ VAUX, 2004, p. 522

3 O PESSACH NO NOVO TESTAMENTO

O *Pessach* serviu de marco para a instituição da Ceia celebrada por Jesus. O objetivo do capítulo é descrever a celebração no Novo Testamento, partindo da preparação para a festividade, os costumes, e a última Páscoa celebrada por Jesus e a instituição da Ceia concentrada na narrativa lucana, e a Ceia do Senhor segundo a narrativa paulina.

A população recebia o sinal dos sacerdotes do Templo de retirar e queimar todos os alimentos fermentados (*chametz*). “Alguns costumavam também aproveitar a agitada manhã para fazer a purificação ou o banho ritual”.¹³⁰ Os preparativos da ordem cerimonial da ceia pascal eram executados pelas famílias. Levavam o cordeiro para o templo para sacrificá-lo e assavam o cordeiro. Após cumprir os rituais tradicionais, reuniam-se em família para iniciar o Sêder. Nesta ocasião, o pai da família iniciava a cerimônia e narrava a história relembrando as aflições que sofreram no Egito e também a libertação que veio através de Deus.

Os preparativos do *Pessach* estavam relacionados com a palavra “pureza”. Essa pureza diz respeito à santidade de Israel e de seus filhos.¹³¹ O escritor Carlos Vido, destaca os três ritos de purificação:

- 1) Lavar as mãos – parece que esse hábito decorre da prática dos sacerdotes, que lavavam as mãos antes de comerem sua parte das oferendas. [...] Para as oblações lava-se as mãos até o punho e para as iguarias profanas, até as articulações dos dedos;
- 2) Ter feito abluções – Para comer alimentos não consagrados, do dízimo ou da oblação, basta lavar as mãos; mas para o que é santo (ofertas do Templo e que não podiam ser consumidas a não ser em seu recinto) deve tomar um banho. Os livros dos Números 19.19, do Levítico 15.13 e do Deuteronômio 23.12 falam de tais banhos, mas não os relacionam com as refeições. É esse tal rito, previsto muito especialmente para antes da manducação do cordeiro pascal, que Jesus e seus discípulos se submeteram antes de tomar a última refeição na hora da paixão (Jo 13.10);
- 3) Lavagem ritual das taças, vasos e pratos – O judaísmo contemporâneo continua muito atento às prescrições que dizem respeito aos utensílios de cozinha e à louça. Indicações detalhadas sobre esse assunto são fornecidas pelo ritual judaico, chamado *Choul'han Aroukh* (“a mesa posta”) especialmente no que diz respeito às disposições a serem observadas para o tempo de páscoa.¹³²

¹³⁰ SERRANO, 1997, p. 26.

¹³¹ VIDO, Carlos. **A Eucaristia na Bíblia**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. p. 27.

¹³² VIDO, 1985, p. 28, 29.

Todo o ritual estava relacionado com a “pureza”. Os familiares quando reuniam para o ritual deveriam lavar as mãos, ter feito abluções e lavagem ritual das taças, vasos e pratos, indicando, todos os preparativos deveriam estar limpos.

3.1 PREPARATIVOS DO SEDER PARA O PESSACH

O *Sêder* é a ordem cerimonial da ceia pascal. O *Pessach* é marcado pelo *Sêder*, uma refeição familiar que une rituais religiosos e uma ceia com alimentos simbólicos. Nas noites que antecedem ao *Pessach*, o *Sêder* era explicado pelos pais aos filhos, segundo os textos bíblicos, lembrado a história do Êxodo. O chefe da família inicia o *Sêder*, preparando os três pães ázimos, têm de suas representações sendo os Sacerdotes, Levitas e o povo. Segundo Jairo Fridlin “o oficiante põe uma sobre a outra, separadas por guardanapos, iniciando pela debaixo que é nomeada Israel, em cima dela põe a nomeada Levi e, no final, põe sobre ambas a nomeada Cohen”.¹³³

Nos tempos de Jesus, antes do *Pessach*, segundo o costume judaico, havia uma preparação. Norval Geldenhuys detalha:

[...] as famílias na noite anterior à Páscoa vasculhavam suas casas completamente e coletassem cada pedaço de fermento ou bolo de fermento para queimá-lo no dia seguinte (14º Nisan), não deve haver mais fermento nas casas e os pães em folha devem estar pronto para a Páscoa.¹³⁴

Em relação às vítimas sacrificadas no recinto do Templo em Jerusalém, havia um ritual pascal das qualidades exigidas do cordeiro e o destino de seus restos. Segundo Vicente Serrano: “Tinham de comprar o cordeiro no mercado dos animais, sacrificá-lo no templo após o meio-dia”.¹³⁵

Os sacerdotes ficavam em filas, trazendo nas mãos vasos de prata e ouro, uma fila levando vasos de prata e outra, levando vasos de ouro, sem se misturar.¹³⁶

Vicente Serrano detalha o ritual dos sacrifícios:

Para esfolar e limpar os cordeiros havia nos muros e pilares do átrio ganchos de ferro nos quais os penduravam. Quem não os alcançava, por estarem já ocupados, visto o grande número de sacrifícios, encontrava ali mesmo alguns paus que serviam exatamente para esses casos. Colocado

¹³³ FRIDLIN, Jairo. **Hagadá de Pêssach**. 12. ed. Rio de Janeiro: Sêfer, 2011. p. 3.

¹³⁴ GELDENHUYS, Norval. **Commentary on The Gospel Of Luke**. London: Edinburgh, 1956. p. 551.

¹³⁵ SERRANO, 1997, p. 39.

¹³⁶ VIDO, 1985, p. 32.

um deles sobre o ombro do sacrificador e sobre o ombro do acompanhante, o animal era então erguido e logo degolado, sendo aberto com um corte longitudinal para extrair dele as partes que deveriam ser queimadas. Durante essas cerimônias, os levitas cantavam o Hallel, respondendo o povo no final de cada estrofe com as primeiras palavras de cada salmo. Se o canto do Hallel terminava antes que os sacrifícios, ele era repetido uma segunda e até uma terceira vez. Finalizado o rito sacrificial e saído o primeiro grupo, entrava o segundo e, quando este por sua vez terminava, o terceiro grupo fazia sua entrada. A ordem das cerimônias e do ritual era idêntica para os três grupos.¹³⁷

Dentro do perímetro da cidade, o pai de família levava o cordeiro para o templo para ser sacrificado, ao retornar para casa preparava a sala para receber os convidados. Neste contexto, segundo Vicente Serrano:

O sol começava a declinar e as ruas iam ficando vazias e silenciosas, “[...] de repente, é como a cidade tivesse morrido. No entanto, a cidade vivia no interior das casas, onde as famílias, recostadas sobre almofadas, ao redor da mesa, celebravam, à luz trêmula das lâmpadas de azeite, a grande festa que lhes trazia à memória o fato de que seus antepassados foram escravos no Egito e, auxiliados pela mão poderosa”¹³⁸.

Na festa da celebração do *Pessach* as famílias relembavam da escravidão no Egito e a libertação pela poderosa mão de Deus. Segundo Joachim Jeremias: “A refeição começava depois da benção da taça, com o prato de entrada. Depois se servia o cordeiro pascal e misturava-se a segunda taça. Mas antes do início da refeição propriamente dita, o pai de família, Jesus, deu a explicação pascal”.¹³⁹ (Tradução nossa). Assim, quando anoitecia, todos, estavam dentro da sala, os participantes colocavam-se em pé, nos respectivos lugares. Iniciava o *Séder* com santificação do nome de Deus. Os autores a seguir descrevem a tradição da Páscoa na perspectiva do judaísmo rabínico:

Vicente Serrano destaca a fala do pai de família ou chefe do grupo e os demais:

O Presidente – Bendito sejas, Javé, Deus nosso, rei do universo, criador do fruto da videira; Todos – Bendito sejas, Javé, Deus nosso, rei do universo, que nos escolheste entre todos os povos, nos enviaste dentre todas as línguas e nos santificaste com teus mandamentos. Por teu amor nos deste, Javé, festividades para a alegria, épocas para o regozijo, o dia desta festa dos Ázimo, tempo de nossa libertação, santa convocatória em memória da saída do Egito. Pois nos escolheste dentre todos os povos e nos santificaste; nos deixaste em herança, com alegria e regozijo, as festividades de tua santidade. Bendito sejas, Javé, que santificas Isael e

¹³⁷ SERRANO, 1997, p. 29

¹³⁸ SERRANO, 1997, p. 32.

¹³⁹ JEREMIAS, Joachim. **La Última Cena** – Palabras de Jesus. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980. p. 240.

suas festas. Bendito sejas, Javé, Deus nosso, que nos deste a vida, nos conservastes e nos permitiste chegar ao dia de hoje.¹⁴⁰

Carlos Vido destaca sobre a santidade nas refeições:

O desejo de santidade do judaísmo é tal que nenhum gesto poderia escapar a um mandamento e dispensar bênçãos. Deste ponto de vista, as refeições desempenham papel eminente no universo religioso de Israel. No dia a dia e no centro de qualquer festa, em família ou em contraria (*haburoth*), é o lugar privilegiado onde o alimento da vida se mistura intimamente à memória dos altos feitos de Deus para seu povo; onde a lembrança das origens (Êxodo e Gênesis) se inscreve no presente e esboça o porvir da história.¹⁴¹

Quando terminavam o ofício religioso na sinagoga, todos reuniam com os participantes e se sentavam à mesa nos devidos lugares. William F. Arndt descreve o rito da celebração do *Pessach*:

[...] o chefe da família fez uma oração, agradeceu, ofereceu uma taça de vinho e deixou circular a primeira taça. Em seguida veio o canto dos Salmos 113 a 114 (a primeira parte do Hallel) e o consumo das ervas amargas, a segunda taça foi passada. Depois disso, o chefe da família explicou o significado da Páscoa; então o cordeiro foi comido junto com pão sem folhas. Foi seguido por uma oração de ação de graças, e a terceira circulou. Depois veio o canto da segunda parte do Hallel, Salmos 115-118, e a refeição foi concluída com uma taça final, a quarta.¹⁴²

No andamento da cerimônia, “o *matzah*¹⁴³ é quebrado ao meio, a maior parte ficará para o final do *Sêder* e a outra parte para o *Maguid*¹⁴⁴, que recebe uma simbologia de: o pão da pobreza ou o pão da aflição, que os judeus comeram na terra do Egito”.¹⁴⁵

No momento que o oficiante ou chefe da família preparava o *matzot*¹⁴⁶, também, eram preparados os alimentos do *keará*.¹⁴⁷ Os alimentos ingeridos no *Pessach* são motivo de reflexão, assim, cada item é rico em significado:

Betsá – Ovo cozido, bem duro, com casca, passado pelo fogo, tendo simbologia do *Corban Chaguigá*, o sacrifício efetuado no Templo na véspera do *Pessach*.¹⁴⁸

¹⁴⁰ SERRANO, 1997, p. 123.

¹⁴¹ VIDO, 1985, p. 36.

¹⁴² ARNDT, William F. **Bible Commentary The Gospel According To St. Luke**. Saint Louis: Missouri, 1956. p. 437.

¹⁴³ Pão sem fermento ou pão ázimo (ou asmo).

¹⁴⁴ Recitação contida na Hagadá.

¹⁴⁵ BAHBOUT, Elie. **Hagadá de Pessach**: com leis e comentários. São Paulo: Sêfer, 2010. p. 43.

¹⁴⁶ Pães sem fermento ou Pães Ázimos que são comidos durante sete dias no mês de *Abib*, também referenciado em: Êx 23.14,17; 34.23.

¹⁴⁷ Uma travessa onde eram colocados os símbolos que serão empregados na cerimônia.

Zerôa – Osso, o mais comum é queimado um pescoço de frango, “pedaço de braço de cordeiro ou ovelha para os sefaradim, assado com um pouco de carne, em lembrança ao cordeiro Pascal, que era sacrificado no Templo, na véspera de Pêssach”¹⁴⁹. O nome *Zerôa* alude ao versículo de Deuteronômio 5.15 “Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que lahweh teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido”. O *Zerôe* “é o único que não será comido”.¹⁵⁰ O *Zerôa* era uma forma de recordação.¹⁵¹

Marôr – “Podendo ser alface romana (ou endívias)”¹⁵² Ervas amargas lembrando da amargura da escravidão dos antepassados. Elie Bahbout destaca sobre as folhas de alface romanas:

[...] simbolizando a amargura do trabalho no Egito. Explica o “Talmud Yerushalmi” (Pessachim P2 H5), que mesmo que as folhas da alface no começo não sejam muito amargas, e até um pouco doces, no entanto a natureza da alface é que se ela permanecesse mais tempo na terra ficaria muito amarga, assim também o exílio no Egito no começo era “doce”, pois o Faraó deu grande honra a Yaakov e seus filhos, e somente depois começou a amargura, quando os judeus foram escravizados.¹⁵³

Charósset – Pasta de frutas, como maçãs, nozes, tâmaras e canela, amassadas no vinho casher, formando uma massa, simbolizando a argamassa preparada pelo povo hebreu escravizados, que seria utilizado nos trabalhos de construção do Egito.¹⁵⁴

Carpás – Verdura ou legume, assim “mergulhadas em água salgada ou vinagre”¹⁵⁵ O ritual têm vários motivos e significados, Eli Bahbout esclarece dois motivos do consumo do *Carpás*:

- 1) Despertar a curiosidade das crianças; e
- 2) Mostrar que somos livres e não escravos, pois pessoas ricas comem uma verdura no começo das refeições para abrir o apetite (o contrário dos pobres que preferem não despertar o apetite) [...]. A água salgada nos lembra das lágrimas de nossos antepassados no Egito. O Rabi Chaím z.t.l. também explicou que é também para lembrar a água do mar na qual foram afogados os egípcios e seus cavalos. A palavra

¹⁴⁸ MAGALHÃES, Marcelo. **Páscoa no Judaísmo e Cristianismo**. Belo Horizonte: Memorial, 2009. p. 58.

¹⁴⁹ GORODOVITS, David. **Na espiral do tempo: uma viagem pelo calendário judaico**. São Paulo: Sêfer, 2008. p. 119.

¹⁵⁰ FRIDLIN, 2011, p. 3.

¹⁵¹ BAHBOUT, 2010, p. 26.

¹⁵² FRIDLIN, 2011, p. 3.

¹⁵³ BAHBOUT, 2010, p. 27.

¹⁵⁴ MAGALHÃES, 2009, p. 58.

¹⁵⁵ BAHBOUT, 2010, p. 39.

Carpás é composta das letras iniciais do versículo (*Shemot* 14.9): “Cól Sús Réchev Par`ô” – “todos os cavalos das carruagens do Faraó”.¹⁵⁶

Chazêret – Alfaca romana, que estará alocada como uma segunda porção de *marôr*.¹⁵⁷ Segundo Eli Bahbout:

No *Sêder*, segundo as posições da bandeja, a alfaca é chamada com nome diferente, pois há costumes de diferenciar o *chazêrete* do *marôr*, colocando no local denominado *marôr* a alfaca e no local denominado *chazêrete* a escarola ou a parte interior do pé da alfaca, podendo haver inversão dos locais. No entanto, cada família deve agir igual aos costumes respectivos de seus pais.¹⁵⁸

Vinho – Os participantes do *Sêder* deveriam ter um cálice, para participar das quatro taças de vinho, correlacionados aos quatro verbos usados na Torá descrevendo a saída do Egito. O cálice é cheio uma quinta vez, mas não é bebido, pois se trata do cálice do profeta Elias.¹⁵⁹

Após o pai de família ou chefe do grupo e os demais participantes recitarem as boas-vindas para a festa.¹⁶⁰ Posteriormente, explicava o significado dos símbolos e dos ritos, bem como, narrava a história da saída do Egito e da libertação de Israel. Vicente Serrano destaca o rito da festa:

- Inicialmente, o pai de família bebia o vinho e pronunciava-se a bênção sobre ele e o vinho;
- Servido o segundo cálice, o filho caçula, ou o mais jovem dos comensais, perguntava por que havia tantas diferenças entre essa noite e as demais, e enumerava tais diferenças: o pão sem fermento, as ervas amargas, comer carne apenas assada, molhar as verduras em água salgada;
- Como preparação para a ceia, dado o seu caráter religioso, todos lavavam as mãos. Imediatamente depois tinha lugar a ceia do cordeiro. Terminando isso, servia-se o terceiro cálice, chamado de bênção, que bebia depois da ação de graças;
- Servido o quarto cálice, recitava-se a segunda parte do *Hallel*, os Salmos 115 até o 118, após os quais se bebia.¹⁶¹

Após a conclusão da explicação, iniciava o canto do *Hallel*, Alois Stoger detalha sobre o cântico:

Senhor, nosso Deus, para ti se dirigem nossos olhos, pois tu és o Deus, rei da misericórdia e da graça. Ele é o misericordioso, que seu reino esteja sobre nós para todo o sempre. O misericordioso que nos envie o profeta Elias para trazer-nos o Evangelho, o auxílio e o consolo. O misericordioso, que nos dê a honra de vermos os dias do Messias e de recebermos a vida

¹⁵⁶ BAHBOUT, 2010, p. 40.

¹⁵⁷ GORODOVITS, 2008, p. 119.

¹⁵⁸ BAHBOUT, 2010, p. 27.

¹⁵⁹ FRIDLIN, 2011, p. 4.

¹⁶⁰ SERRANO, 1997, p. 123.

¹⁶¹ SERRANO, 1997, p. 33.

do mundo futuro; Ele, que aí torna abundante a salvação de seu rei e demonstra a graça a seu Ungido, a Davi e a seu descendente na eternidade!”. Depois de terem tomado esse cálice, cantavam a segunda parte do “Hallel” (SI 113b-117). Aí constava: “Cercaram-me já os laços da morte, os laços do Xeol se abateram sobre mim; caí na aflição e na ansiedade. Foi então que invoquei o nome do Senhor: O Senhor, salvai-me a vida! O Senhor é bom e justo, cheio de misericórdia é nosso Deus. O Senhor vela sobre os simples; eu era um misero e ele me salvou.... Que poderei retribuir ao Senhor por tudo o que ele me tem dado? Erguerei o cálice da salvação invocando o nome do Senhor.”¹⁶²

Pronunciava as bênçãos e bebia-se o segundo cálice. No ritual do *Pessach*, Alois Stoger detalha sobre o segundo cálice:

Um segundo cálice era misturado e servido sem que dele logo se tomasse. O filho perguntava ao pai (de família) em que essa noite com sua particularidade à mesa se diferenciavam de todas as outras noites. O pai explicava então o sentido da celebração pascal e o significado dos alimentos (os “paschahaggada”). Nessas palavras interpretativas deveriam ao menos ser lembrados, a Páscoa (“porque Deus passou do lado das casas de nossos pais no Egito”), o pão ázimo (“porque foram libertados tão depressa que a massa de pão não teve tempo de azedar”) e as ervas amargas (“porque os egípcios amarguraram a vida de nossos pais no Egito”). Depois dessas palavras cantava-se a primeira parte do Hallel (SI 112s). Ele terminava com o hino pascal: “Quando Israel saiu do Egito, e a casa de Jacó se apartou de um povo bárbaro, Judá tornou-se santuário do Senhor, e Israel seu reino” (SI 113,1s).¹⁶³

Vicente Serrano descreve que, na ceia, não se podia deixar de pronunciar três palavras:

Pessach (cordeiro), Matzá (Pão ázimo) e maror (ervas amargas), pois são memória da saída e libertação da escravidão do Egito, motivo pelo qual as pessoas ali reunidas estavam celebrando, bendizendo e honrando a Deus, que realizou tais milagres e os conduziu da escravidão à liberdade, da tristeza à alegria.¹⁶⁴

Posteriormente, lavavam as mãos e tinha início a ceia principal. Assim, novamente, pronunciava a referência do rito, pegavam o pedaço de Matzá para comer. Depois repartia o pão em pedaços, os convidados comiam o pão com ervas amargas. Vicente Serrano detalha o significado: “Simboliza os tijolos e a argamassa que faziam os hebreus no Egito, durante sua escravidão, para a construção das grandes cidades-armazém”.¹⁶⁵ Assim, depois comiam o cordeiro pascal, preparavam as mesas para o banquete, o cordeiro e, servia o terceiro cálice que era bebido

¹⁶² STOGER, Alois. *O evangelho Segundo Lucas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p. 217.

¹⁶³ STOGER, 1985, p. 216.

¹⁶⁴ SERRANO, 1997, p. 34.

¹⁶⁵ SERRANO, 1997, p. 138.

depois da ação de graças. O quarto cálice, quando servido, era recitado uma parte do Hallel dos Salmos 115 até o 118.

Vicente Serrano escreve: dos quatro cálices de vinho obrigatórios no *Seder*, o primeiro serve para o *Kidus* ou santificação da festa; o segundo marca o começo da *Hagadá*; o terceiro acompanha a ação de graças, e o quarto corresponde ao canto do Hallel.¹⁶⁶

Para Leon L. Morris “a refeição não era solitária, mas, sim, era comida em grupos que usualmente consistiam de vinte pessoas”.¹⁶⁷ Dessa forma, observamos que o *Pessach* seguia as ordenanças da celebração reunidos como família. Todos os presentes sentiam, ao celebrar, as dores ou pesadelos que os seus antepassados vivenciaram no Egito, onde, foram escravizados, mas, Deus os libertou. Terminada a celebração do *Pessach* com o canto do Hallel, e, costumava prolongar com uma vigília até a meia-noite.

3.2 O ÚLTIMO PESSACH DE JESUS NA NARRATIVA DE LUCAS

O *Pessach* “servirá de marco para a última ceia de Jesus. Este se tornará o primeiro exemplo de um novo rito, cristão que antecipará o banquete no Reino”.¹⁶⁸ (Tradução nossa). Nesta ocasião, Jesus tinha muito a dizer aos seus discípulos durante a festa, Ele queria comer esta refeição pascal com os seus discípulos antes do sofrimento (Lc 22.15), a festa apontava para sua obra perfeita de redenção. Assim, o escritor François Bovon destaca que “este jantar não terá apenas um valor litúrgico, mas também um alcance soteriológico”.¹⁶⁹ (Tradução nossa)

Jesus está vivendo sua última semana em Jerusalém. As reações podem ser vistas: as autoridades querendo matá-lo, enquanto, o povo abraçava. Vários aspectos iam surgindo ao se aproximar a Cruz. Os sinóticos estão correlacionados em relação ao *Pessach*. Entretanto, Lucas é o único que registra o consolo do anjo no Getsêmani e o suor de sangue (22.43,44). Isidoro Mazzarollo destaca:

¹⁶⁶ SERRANO, 1997, p. 35.

¹⁶⁷ MORRIS, Leon L. **O evangelho de Lucas**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova 1974, p. 285.

¹⁶⁸ BOVON, François. **El Evangelio Según San Lucas**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010, p. 259.

¹⁶⁹ BOVON, 2010, p. 263.

O evangelista Lucas abandona a expectativa imediatista e se concentra naquilo que é o centro do tempo, pois entre o tempo da “Lei-profetas” e o tempo da Igreja se encontra o tempo de Jesus, como centro da história da Salvação. Lucas parece traçar o perfil da conduta humana diante dos grandes desafios da história.¹⁷⁰

Para Josef Schmid, ao “[...] contrário de Marcos e Mateus, Lucas oferece o jantar pascal e a instituição da eucaristia antes da designação do traidor”.¹⁷¹ (Tradução nossa). Lucas inicia o capítulo com um anúncio da antiga festa da Páscoa. Segundo Isidoro Mazzarollo “a festa durava uma semana e seria estranho que ela começasse no meio e não no início da semana. Ela deveria começar no sábado, mesmo que fosse na véspera, ou seja, no cair da tarde da sexta-feira”.¹⁷² Este capítulo evidencia a proposta de Jesus em detalhar o quanto o pecado está presente no mundo. Para Isidoro Mazzarollo, o capítulo 22 é a “sinfonia” de abertura do grande “drama” da paixão.¹⁷³

Lucas associa a última ceia explicitamente à ceia pascal e à festa dos pães asmos. Lucas, no capítulo 22, “marca o fim do tempo de Jesus e o começo da Igreja”.¹⁷⁴ Para Leon L. Morris, o “dia dos pães asmos é uma expressão incomum, e talvez signifique o dia em que todo o fermento era removido dos lares como preparativo da festa. Era o dia em que a festa combinada começava. No dia da abertura as vítimas eram sacrificadas”.¹⁷⁵

Jesus havia predito em Lucas 9.22: “[...] É necessário que o Filho do Homem sofra muito, seja rejeitado pelos anciãos, chefes dos sacerdotes, escribas, seja morto e ressuscite ao terceiro dia”. Agora, a primeira parte deste verso está em andamento: a rejeição por parte deste grupo. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas tramam matar Jesus. Ryle J. C detalha sobre os homens que tramaram para matar Jesus:

Homens, que deram os primeiros passos para fazerem morrer a Jesus, eram os guias ensinadores da nação judaica. Os servos que deveriam dar as boas-vindas ao Messias foram os que conspiraram contra ele para

¹⁷⁰ MAZZAROLLO, Isidoro. **A Eucaristia como memorial da Nova Aliança**: Continuidade e Rupturas. Porto Alegre: Edições EST, 1994. p. 44, 45.

¹⁷¹ SCHMID, Josef. **El Evangelio Según San Lucas**. Barcelona: Editorial Herder, 1968. p. 461.

¹⁷² MAZZAROLLO, 1994, p. 46.

¹⁷³ MAZZAROLLO, 1994, p. 44.

¹⁷⁴ MAZZAROLLO, 1994, p. 44;

¹⁷⁵ MORRIS, 1974, p. 285.

matarem. Os pastores que deveriam regozijar-se quando apareceu o cordeiro de Deus, foram os maiores cúmplices de sua imolação,¹⁷⁶

O povo estava sedento de suas palavras, dos milagres e reconhecia que Jesus era profeta. Então, o segundo passo para a crucificação de Jesus é executado, um dos doze o trairia. Segundo Lucas, a paixão ocorre sob a influência de satanás. Seu instrumento é Judas, homem natural de Karioth, era um dos doze discípulos, confidente de Jesus, alguém do círculo íntimo. Josep Rius Camps descreve sobre a ambição de Judas:

Judas, por ambição pessoal, rebelou-se contra. Quis transformar essa força em poder, mas uma e outros são incompatíveis. Judas quis voltar aos valores da sociedade – poder, dinheiro... traição. A deserção de Judas atingirá todo grupo (“do número dos Doze”) e implicará a perda de significado do novo Israel: “Ele foi tratar com os chefes dos sacerdotes e com os chefes da guarda o modo de lhes entregar” Jesus (22.4). A inesperada decisão de Judas tira os dirigentes do atoleiro. “Alegraram-se e combinaram dar-lhe dinheiro” (22.5), trinta siclos de prata, segundo Mt 26.15, o equivalente – conforme os entendidos – a 120 dias de trabalho. “Judas aceitou, e procurava uma oportunidade para entregá-lo a eles, escondido da multidão” (22.6) de peregrinos que enchiam a cidade durante as festas da Páscoa.¹⁷⁷

Não fica claro porque Judas traiu Jesus, mesmo assim, ele estava determinado a entregar Jesus aos capitães. O verbo “entregar” (gr. *paradídomi*) indicado para a traição de Judas é o mesmo utilizado para indicar a voluntariedade de Jesus se entregar pela humanidade (Rm 8,32; Gl 2,20; Ef 5,2). Segundo Isidoro Mazzarollo “essa traição não é fruto de uma tentação do momento [...]. Havia um plano para tanto. A execução do plano de matar Jesus na festa da Páscoa tinha um inconveniente para seus fautores: *efobouton gar tón laón* (temiam o povo, Lc 22,2)”.¹⁷⁸ O plano de Judas é de entregá-lo, Isidoro Mazzarollo escreve: “Este projeto que está no coração de Judas é antagônico ao projeto de Deus. A messianidade de Jesus, Filho de Deus (Mc 1,1) vai ser manifesta mediante a vitória contra esse projeto de Satã”.¹⁷⁹

No período de festividade do *Pessach*, os peregrinos que subiam a Jerusalém multiplicavam muitas vezes o número da população da cidade. Para Vicente Serrano, nos dias que precediam a festa, e, sobretudo na véspera,

¹⁷⁶ RYLE, J. C. **Comentário Expositivo do Evangelho segundo Lucas**. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1955. p. 307.

¹⁷⁷ CAMPS, Rius Josep. **O evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 322.

¹⁷⁸ MAZZAROLLO, 1994, p. 48.

¹⁷⁹ MAZZAROLLO, 1994, p. 49.

Jerusalém transformava-se num mercado barulhento e multicolorido, saturado de vozes e de gente.¹⁸⁰ Os peregrinos vinham do mundo inteiro. Há fontes que descrevem a quantidade do número de pessoas, segundo J. Bonsirven:

O Talmud por sua vez menciona outra Páscoa, durante o reinado de Agripa II (50-100 d.C.), quando foram sacrificados 1.200.000 cordeiros, aos quais correspondia uma população de 12 milhões de pessoas entre habitantes de Jerusalém e peregrinos. O rei Agripa pretendia fazer uma espécie de censo, solicitando ao sumo sacerdote. Para isso Agripa retirou um rim de cada cordeiro sacrificado e “na recontagem, encontrou 600 mil pares de rins [...] Esse número dos que saíram do Egito não é historicamente confiável.”¹⁸¹

Outra mensuração é descrita por Flávio Josefo, entre 63 e 66 d.C., foram sacrificados 255.600 (variante: 256.500) vítimas e 2.700.000 pessoas celebrando a festa.¹⁸² Segundo Flávio Josefo, a propósito do cerco que começou repentinamente por ocasião da Páscoa de 70 d.C., foram 1.100.000 mortos, 97.000 prisioneiros, e 3.000 que fugiram para a ravina arborizada de Jarde, totalizando 1.200.000 participantes da Páscoa.¹⁸³ Joachim Jeremias, destaca outras fontes:

Tácito fornece-nos uma quarta indicação; segundo seu parecer, um total de 600.000 homens devem ter ficado confinados em Jerusalém, no ano 70. Devemos ter certa reserva quanto a esse número, porque Tácito seguramente se baseou em Josefo, e nesse número encontra-se o seguinte dado: os trãnsfugas contaram que o número de cadáveres dos pobres lançados para fora das portas era 600.000; quanto ao número de outros mortos, é impossível avaliar.¹⁸⁴

O número dos que subiam a Jerusalém, por ocasião do *Pessach*, tornava materialmente impossível que todos pudessem alojar-se na cidade. Joachim Jeremias chega à conclusão: “[...] obtemos, como número de participantes à Páscoa: 18.000 X 10 = 180.000. Subtraindo alguns 55.000 habitantes de Jerusalém, obtemos um número aproximativo de 125.000 peregrinos para a Páscoa”.¹⁸⁵ Vicente Serrano escreve:

Diante da quantidade de peregrinos na cidade de Jerusalém, é provável que algumas dependências do templo oferecessem alojamento, muitas pessoas, alojavam nas aldeias próximas de Jerusalém, e a outra parte, alojava em tendas ao redor da cidade. Entretanto, o cordeiro deveria ser comido dentro

¹⁸⁰ SERRANO, 1997, p. 26.

¹⁸¹ BONSIRVEN *apud* SERRANO, 1997, p. 30.

¹⁸² JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário**. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2010. p. 112.

¹⁸³ JEREMIAS, 2010, p. 112.

¹⁸⁴ JEREMIAS, 2010, p. 112.

¹⁸⁵ JEREMIAS, 2010, p. 119.

da cidade, cujo perímetro era expandido legalmente, de tal forma ficaria impossível cumprir esse requisito dentro do recinto muralhado.¹⁸⁶

O comportamento de Jesus corresponde ao de um judeu praticante, Ele “quer restituir o significado original. O significado para Jesus era como para qualquer outro judeu. Jesus é o anfitrião de uma ceia que simboliza sua vida de serviço aos outros e que seus discípulos farão em sua memória”.¹⁸⁷ Vicente Serrano destaca o objetivo de Jesus em relação da ceia:

Jesus queria que esta ceia significasse daí em diante o ponto de partida e o núcleo de uma nova história, ou melhor, de um aspecto novo e definitivo da única história da salvação na qual está implicada toda a humanidade. Este aspecto inédito começaria naquela mesma noite, impulsionado pelas palavras e pelos gestos de Jesus.¹⁸⁸

Jesus envia seus discípulos Pedro e João, para preparem o *Pessach*. Ele ordenou “Logo que entrardes na cidade, encontrareis um homem levando uma bilha de água” (22.10). Para Donald Arthur Carson, “as instruções sugerem que Jesus já havia combinado tudo em segredo com algum amigo em Jerusalém. [...] A visão de um homem carregando um cântaro de água teria sido algo bastante incomum; parece uma forma de identificação preestabelecida”.¹⁸⁹ Conforme William F. Arndt afirma “o dono da casa podia ter sido de um discípulo de Jesus; possivelmente ele havia prometido colocar um quarto à sua disposição. Na verdade, de acordo com a tradição, era a casa em que João Marcos cresceu”.¹⁹⁰ (Tradução nossa). Leon L. Morris descreve que Jesus fez um acordo secreto com o dono da casa, onde, seria celebrado o *Pessach*:

Ao assim fazer, impediu Judas Iscariotes de trai-Lo antes da hora. Ele haveria de morrer, mas isto no devido tempo dEle, e não quando seus inimigos escolhessem. Destarte, nenhum dos discípulos sabia onde estariam para a refeição. Pedro e João deviam procurar um homem com um cântaro de água, que seria um fato distinto, pois as mulheres usualmente carregavam cântaros de água (os homens carregavam odres de água). Ele iria em frente deles onde haveriam de dizer certas palavras ao dono da casa, evidentemente uma fórmula combinada.¹⁹¹

Angelo Lancellotti e Giovanni Boccali: “começa o ciclo da última Ceia, a paixão mística ou sacramental, que tem como objetivo não só destacar o significado

¹⁸⁶ SERRANO, 1997, p. 32.

¹⁸⁷ BROWN, Raymond E; FITZMYER Joseph A.; MURPHY Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2011. p. 295.

¹⁸⁸ SERRANO, 1997, p. 57.

¹⁸⁹ CARSON, D. A. **Comentário bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1527.

¹⁹⁰ ARNDT, 1956, p. 431.

¹⁹¹ MORRIS, 1974, p. 286.

sacrificial da paixão física, mas, com a instituição da Eucaristia, perpetuar no tempo a aplicação de seus frutos salvíficos”.¹⁹² Alois Stoger descreve onde deveria celebrar a Páscoa:

A Páscoa devia ser comida dentro dos muros da cidade. Às famílias da cidade de Jerusalém cabia a obrigação de fazer preparar lugar suficiente para os peregrinos da festa, quando esses quisessem celebrar lá a Páscoa. Para isso o dono da casa recebia a pele do cordeiro. Como antes de entrar em Jerusalém, o Messias sabe onde está o animal de montaria sobre o qual faz sua entrada, e dispõe dele com autoridade, assim também sabe onde está preparada a sala para a celebração de sua Páscoa, e a reclama com a mesma autoridade. A Páscoa que é preparada está sob a luz da autoridade e do conhecimento de Jesus daquilo que virá.¹⁹³

O *Pessach* deveria ser celebrado no lugar escolhido por Deus (Dt 16.3-7), “naquela sala encontravam-se, celebrando com Jesus a ceia de *Pessach*, mais pessoas além dos doze apóstolos. Se não todas, algumas daquelas às quais antes fizemos referência. E entre elas, sem dúvida alguma, Maria, sua mãe”.¹⁹⁴

A Páscoa de Cristo, “além de cultural e profética, é a páscoa da comunhão com o necessitado”.¹⁹⁵ Isodoro Mazzarollo descreve que a páscoa judaica, pode ser vista numa tríplice dimensão, segundo Autor da carta aos Hebreus:

- a) Continuidade: O sacrifício de Cristo encontra no sacrifício antigo num suporte, na figura do sumo-sacerdote (Hb 7,20-26). Jesus participa da Páscoa, com os seus discípulos (Lc 22.7,14-15);
- b) Ruptura: Se o sacrifício de Cristo fosse igual aos do sacerdócio antigo, que novidade traria? A eficácia e o aperfeiçoamento vêm do sacrifício Novo (Hb 9,11-12.24-26). O Mestre não irá comer outra vez até que venha o Reino de Deus (Lc 22.16);
- c) Superação: “Ir além”. A oferenda de si próprio, com o desejo do Pai, no Espírito Santo, torna-se uma oferenda perfeita, que vai muito além de um sacrifício ritual. Depois deste sacrifício, nada mais resta a fazer, a não ser a sua memória, porque Ele encontrou, através da própria oferta, a glorificação. Este cálice é a Nova Aliança no seu Sangue, não mais no sangue dos cordeiros (Lc 22,20).¹⁹⁶

O *Pessach* seria a última oportunidade de Jesus de estar com os seus discípulos. Para John MacArthur, essa “última refeição de Páscoa então seria rica de significado, mais que qualquer Páscoa já aguardada pelas mais devotas das famílias

¹⁹² LANCELOTTI, Angelo; BOCCALI Giovanni. **Comentário ao Evangelho de São Lucas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979. p. 204.

¹⁹³ STOGER, 1985, p. 214.

¹⁹⁴ SERRANO, 1997, p. 63.

¹⁹⁵ MAZZAROLLO, 1994, p. 61.

¹⁹⁶ MAZZAROLLO, 1994, p. 61.

israelitas”.¹⁹⁷ Para James R. Edwards: “Ele está presidindo intencionalmente sua última refeição na Páscoa, que ele convocou”.¹⁹⁸ Segundo Leon Dufour: “Jesus não deseja sofrer nem morrer, mas, quer celebrar a Páscoa com seu pequeno grupo...”¹⁹⁹. (Tradução nossa).

O texto de Lucas especifica, “[...] chegou a hora...”. Colocou-se sentado no centro da mesa, como o chefe do grupo, e revelou o desejo intenso de comer com ele o *Pessach* (Lc 22.14,15). R. C. H. Lenski “quanto mais a hora da sua paixão e morte se aproximava, mais Jesus ansiava que viesse, para que a grande obra de redenção fosse concretizada”.²⁰⁰ (Tradução nossa). Josep Rius Camps diz “A frase semitizante: com grande desejo eu desejei, expressa o desejo vivíssimo de Jesus de completar sua obra”.²⁰¹ Para Angelo Lancellotti e Giovanni Boccali: “Revela o íntimo sentimento do Redentor em face da grande hora que se aproxima: esta Páscoa não é apenas a ceia de despedida, mas principalmente a oferta suprema de amor destinada a perpetuar-se na Igreja com os sinais eucarísticos”.²⁰² Alois Stoger destaca:

Com a última ceia começa a sua paixão e glorificação, é lançado o fundamento do batismo e da vinda do Espírito Santo. Sua morte é deslumbrada pela Páscoa e por Pentecostes e pelos acontecimentos escatológicos; sua morte traz a salvação para muitos. [...] A ceia que Jesus se dispõe a festejar com os seus, os doze que estão com Ele, é *ceia de despedida*. A lembrança dessa ceia de despedida continuará, para sempre, ligada à marcha de Jesus para a morte.²⁰³

Nesta última refeição, além do desejo de participar da última Páscoa com seus discípulos, “revela uma antecipação da confirmação da salvação. Jesus assevera aos apóstolos, de modo profético, a superação da Paixão e da Morte”.²⁰⁴ Norval Geldenhuys detalha:

Ele ansiava para celebrar a última Páscoa com eles. Isso nos lembra das palavras do Salvador no capítulo 12, verso 49, onde ele disse: Eu vim trazer fogo à terra, e o que eu farei, se ela já estiver acesa? “Nunca seremos

¹⁹⁷ MACARTHUR, John Jr. *A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. p. 40.

¹⁹⁸ EDWARDS, James R. *The Gospel according to LUKE*. Nottingham: Apollos, 2015. p. 626.

¹⁹⁹ DUFOUR, Leon. *Culto y existência em el Nuevo Testamento*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1983. p. 294.

²⁰⁰ LENSKI, R. C. H. *El interpretación de El Evangelio Segun San Lucas*. México: Publicaciones El Escudo, 1963. p. 906.

²⁰¹ CAMPS, 1995, p. 325.

²⁰² LANCELOTI, 1979. p. 206.

²⁰³ STOGER, 1985, p. 218.

²⁰⁴ MAZZAROLLO, 1994, p. 62.

capazes de soas as profundezas desses dois ditos. No entanto, vemos como o Salvador em sua encarnação perfeita olhou para a frente com intensa ansiedade até o momento em que o clímax de Seu ministério e auto-entrega seria alcançado pelo trabalho de redenção (ao longo do caminho do sofrimento e da morte) seria realizado. E foi porque a instituição da Sagrada Comunhão por ocasião da celebração daquela última comida pascal era o sinal de que tudo estava agora ponto para a realização final de seu trabalho de redenção e que a Velha Dispensação preparatória agora tinha que dar lugar à Nova Dispensação que o Salvador estava tão sinceramente ansioso para celebrar essa comida pascal junto com os seus discípulos.²⁰⁵

O escritor Josef Schmid descreve: “as primeiras palavras pronunciadas por Jesus expressam o estado de ânimo em que celebra aquela Páscoa com os poucos que lhe são leais.”²⁰⁶ (Tradução nossa).

Norval Geldenhuys afirma que, na véspera de sua crucificação, “Jesus sabe que todo o curso de sua vida de auto-sacrifício e humilhação na terra estava se aproximando. Mas Ele também sabe que chegará o dia em que Ele, como triunfante, levará seus seguidores à bela herança de redenção completa e abençoada”.²⁰⁷ (Tradução nossa).

O olhar e fala de Jesus está sempre voltado para o reino de Deus. A cruz e, conseqüentemente a morte, não é o fim. A morte de Jesus Cristo é um evento do passado que antecipa a esperança futura do retorno de Jesus como o Filho do Homem.²⁰⁸ (Tradução nossa). Segundo François Bovon: “Embora a Páscoa fosse amada por Deus desde o tempo do Êxodo, mesmo respeitada por Jesus, a Páscoa não deixa de ser um rito humano, um sinal de aponto para uma realidade esperada, uma celebração imperfeita à espera de seu cumprimento”.²⁰⁹ (Tradução nossa). Josef Schmid especifica sobre o jantar pascal:

O jantar pascal encontrará o seu cumprimento, e ainda, [...] A festa da Páscoa recordava para Israel a sua libertação da escravidão egípcia, pela qual o povo escolhido de Deus se tornou um povo livre, Mas ao mesmo tempo é a sombra das coisas futuras (Col 2,17), figura antecipada do reino de Deus, que pode ser chamado de seu cumprimento.²¹⁰

Importante ressaltar o entendimento de R. C. H. Lenski, que destaca sobre a última ceia e o local da próxima:

²⁰⁵ GELDENHUYS, 1956, p. 553.

²⁰⁶ SCHMID, 1968, p. 461.

²⁰⁷ GELDENHUYS, 1956, p. 553.

²⁰⁸ EDWARDS, 2015, p. 627.

²⁰⁹ BOVON, 2010, p. 279.

²¹⁰ SCHMID, 1968, p. 461.

Ela acontecerá quando esta Páscoa terrena “for cumprida no Reino de Deus”, quando tudo o que ela prefigurava sobre o Cordeiro de Deus morto por nossos pecados e sobre nossa participação, por meio da fé, neste sacrifício, alcançar seu último cumprimento no Reino da glória no céu. Assim, a Páscoa que Jesus está agora comendo com seus discípulos é a última; a próxima será celebrada no céu.²¹¹

Darrell L. Bock destaca que Jesus reorganiza a Ceia:

O que torna essa ceia tão diferente é que Jesus não só se refere ao êxodo e vincula a ceia à história de Israel, mas também reorganiza a ceia completamente como um veículo para descrever sua morte iminente como sacrifício substitutivo. A referência de Lucas “por vós” aponta para a natureza substitutiva do sacrifício. Em Marcos 14.24, Jesus fala de seu sangue derramado dado “por muitos”, uma alusão a Marcos 10.45, apresentado a ideia de que Jesus morrerá como “resgate de muitos”. Na verdade isso é uma alusão messiânica muito provável a Isaias 53.12, onde o Servo toma sobre si os pecados de muitos.²¹²

Larry Huch comenta sobre os cinco cálices:

- 1) O primeiro cálice, chamado de cálice da santificação, estimula as recordações de que através do sangue de *Jesus*, nosso Cordeiro de *Pessach*, nossos pecados foram lavados. “Ainda que vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Is 1.18);
- 2) O segundo cálice é o cálice da libertação. Por meio do sangue de Jesus, não somos simplesmente perdoados. Na Ceia do (NT) diz: “Cristo nos regatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (Gl 3.13);
- 3) O terceiro cálice, o cálice da redenção. A palavra “remido” tem por significado ser visto. Por meio do sangue de Jesus, estamos vistos outra vez, literalmente, como filhos das promessas e das alianças de D’us. “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebeste dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pe 1.18-19);
- 4) O quarto cálice, o cálice da consumação, o cálice do ato final do *Séder*. É o cálice sobre o qual Jesus disse: “não beberei mais do fruto da videira, até que venha o reino de Deus” (Lc 22.18);
- 5) O quinto cálice, o cálice de Elias, que por tradição se espera este profeta como anunciante da chegada do Mashiach.²¹³

Para Walter Grundmann “Em que a bênção do copo distribuído por Jesus entre os discípulos só se torna reconhecível pela justificação. [...] A bênção faz com que a morte de Jesus não o separe dos seus, mas que eles recebam a participação

²¹¹ LENSKI, 1963, p. 906.

²¹² BOCK, Darrell L, A Páscoa no Evangelho de Lucas. In: BOCK, Darrell L.; GLASER Mitch (org.). **O Messias na Páscoa**: A tradição judaica por trás da figura do Messias e da Páscoa. São Paulo: Cultura Cristã, 2020. p. 93.

²¹³ HUCH, Larry. **A Bênção da Torá**: revelando o mistério, revelando o milagre. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2010. p. 154-170.

na refeição escatológica”.²¹⁴ (Tradução nossa). A refeição pascal na Palestina no século I seguia as seguintes etapas:

- (1) Entrada; quando bebido um cálice de vinho e um segundo cálice era enchido;
- (2) A liturgia da Páscoa, na qual o chefe da família recontava a história do êxodo; o segundo cálice de vinho era bebido;
- (3) A ceia propriamente dita, que iniciava com o partir do pão; após a ceia, um terceiro cálice de vinho era abençoado. A ceia celebrava a libertação da escravidão do povo de Deus e apontava para sua futura libertação definitiva.²¹⁵

Foi servido o cálice, conforme o texto de Lucas 22.17: Jesus “Tomando o cálice, deu graças e disse: Tomai-o e distribuí-o entre vós”. Lucas define o vinho do verso 17, entre os ditos escatológicos, simbolizando assim a esperança futura da Páscoa. Neste verso, menciona um gesto profético de Jesus acompanhado por uma palavra imperativa. Neste verso, o que Jesus faz, os demais discípulos terão que fazer também. Assim, Jesus e todos os seus discípulos participam de toda a ceia pascal. Para Raymond Brown, Joseph Fitzmyer e Roland Murphy este cálice é uma promessa de que eles compartilharão a vida com ele no banquete escatológico.²¹⁶ Vicente Serrano descreve, terminadas as bênçãos, Jesus bebeu o cálice e o passou para os demais discípulos²¹⁷, ainda, segundo o texto de Lucas 22.17, R. C. H. Lenski descreve que “Jesus participou de toda a Páscoa da mesma forma que se costumava entre os judeus. [...] É insustentável o ponto de vista de que Jesus não bebeu de forma alguma vinha nesta Páscoa”.²¹⁸ (Tradução nossa). Outros estudiosos discordaram de Vicente Serrano e de Lenski. Theodor Zahn cita que “Jesus não bebeu da taça, como aconteceu com o pai da casa, primeiro e só então deu o cálice aos discípulos para beber também”²¹⁹ (Tradução nossa), o segundo, Alois Stoger descreve o momento que Jesus tomou o cálice:

Jesus alcança o cálice aos convivas e convida-os a tomar. Ele mesmo não toma, pois do contrário teria sido supérfluo que os convidasse a tomar. Quando o pai de família tinha tomado do cálice, era isso também sinal para que bebesses os participantes da ceia.²²⁰

²¹⁴ GRUNDMANN, Walter. **Das Evangelium nach Lucas**. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1974. p. 394.

²¹⁵ BROWN, 2011, p. 296.

²¹⁶ BROWN, 2011, p. 297.

²¹⁷ SERRANO, 1997, p. 64.

²¹⁸ LENSKI, 1963, p. 907.

²¹⁹ ZAHN, Theodor. **Das Evangelium des Lucas**. Leipzig: A. Deichert'sche Verlagsbuchhandlung Nachf., 1913. p. 672.

²²⁰ STOGER, 1985, p. 218.

Josef Rius Camps destaca “Jesus aceita o cálice, antecipando o momento em que o Pai lhe pedirá que aceite sua paixão e morte como expressão de sua entrega total por amor à humanidade”.²²¹

Para Josef Schmid os versos 15-18 olham para o Reino de Deus escatológico da plenitude e sua finalidade é destacar o fato de que é aquela a última Páscoa que Jesus celebra com seus discípulos. Alois Stoger afirma sobre as palavras de Jesus pronunciadas na ceia pascal:

À luz das palavras de Jesus, ditas a respeito da antiga Páscoa, a nova comida e a nova bebida que Ele dará são dádivas de despedida do Senhor que caminha para a morte, comemoração da nova redenção, comunhão à mesa com o Ressuscitado, promessa da ceia nova e da vida nova que terão lugar no reino de Deus.²²²

Depois que o cálice, havia uma lavagem cerimonial para simbolizar a necessidade de limpeza moral e espiritual. Vicente Serrano destaca que os discípulos lavaram as mãos e deram continuidade a cerimônia do *Pessach*. Segundo Vicente Serrano: “Depois seguira-se a primeira lavagem das mãos, após a qual foram servidas as ervas amargas, o pão ázimo e o haróset”.²²³ O escritor John MacArthur Jr descreve também sobre a lavagem cerimonial:

Parece ter sido durante essa lavagem cerimonial que os discípulos “suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior”. [...] A lavagem externa nada vale se o coração estiver contaminado. E o orgulho é uma prova segura da necessidade de uma limpeza do coração. [...] Lavar os pés era uma tarefa delegada tipicamente ao mais baixo escravo. Normalmente, num cenáculo alugado como esse, um criado estaria à disposição para lavar os pés dos convidados quando eles entravam. Omitir esse detalhe era considerado uma descortesia total (cf Lc 7.44). Lavar os pés era necessário por causa do pó, da lama e outras sujeiras encontradas por um pedestre nas estradas sem pavimento dentro e ao redor de Jerusalém. Mas evidentemente não havia nenhum servo para executar a tarefa quando Jesus e os discípulos chegaram ao cenáculo; então, em vez de se apresentarem para executar uma tarefa tão humilhante um para outro, os discípulos tinham simplesmente deixado os seus pés sem lavar.²²⁴

Nesta ocasião da ceia, Jesus deixa claro que não comerá mais a Páscoa com seus discípulos, até que se cumpra no Reino de Deus, e ainda, não beberá do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus. Para François Bovon, o versículo 16 “que se refere ao futuro escatológico em que essa Páscoa terá cumprimento no

²²¹ CAMPS, 1995, p. 324.

²²² STOGER, 1985, p. 219.

²²³ SERRANO, 1997, p. 65.

²²⁴ MACARTHUR, 2003, p. 41.

reino de Deus, sobretudo o tempo que se estende desde o presente até ao fim”.²²⁵ (Tradução nossa). A fala de Jesus de “não tornarei a comê-la”, Angelo Lancellotti e Giovanni Boccali descrevem:

Com esta afirmação Jesus quer vencer a amargura provocada pela menção da iminente paixão, com a perspectiva alegre da Páscoa escatológica no reino de Deus. Nele e símbolo da redenção espiritual da humanidade do pecado e da morte, terá seu “cumprimento”; e o primeiro passo desse cumprimento é representando pela substituição da ceia hebraica pela Eucaristia.²²⁶

Ângelo Lancellotti e Giovanni Boccali cita que é uma expressão típica da linguagem bíblica, conforme os textos de Nm 6,4; Is 13,12.²²⁷ Agora, em relação ao “produto da videira” para Josep Rius Camps essa expressão tem alusão à parábola dos vinhateiros (cf. 20,9-19). O reinado de Deus inaugurar-se-á com a entrada dos pagãos (cf. 20,16: “entregará a vinha a outros”).²²⁸

A expressão usada por Jesus “até que”, é comentada por R. C. H. Lenski “aponta o fato glorioso de beber a taça na consumação do Reino”.²²⁹ (Tradução nossa). Para Josef Schmid o vinho que Jesus está se referindo é:

O vinho que Jesus beberá com seus discípulos no reino de Deus (Mc 14,25), não designa a eucaristia como a Páscoa da nova aliança, mas simboliza a alegria da vida eterna. Uma interpretação realista, literal da imagem do vinho fica, pelo claro sentido escatológico das palavras, tão fora de lugar como a compreensão referida à reunião de Jesus com os seus discípulos após a ressurreição. O termo “novo” (Mt 26,29) expressa mais a diferença total da natureza do vinho aqui prometido, cuja bebida é mencionada apenas como traço destacado no quadro da comunidade.²³⁰

O *Pessach* chega ao fim. Para R. C. H. Lenski: “Jesus também esta noite estabeleceu o Sacramento do Novo Testamento, que deve ser usado até que o Reino de Deus venha”.²³¹ Assim, em um lugar escolhido e hora marcada, Jesus celebra sua última Páscoa judaica com os seus discípulos. Na sala, o olhar de Jesus e seus ensinamentos estão voltados para o reino de Deus, Ele deseja que a ceia significasse novos aspectos.

²²⁵ BOVON, 2010, p. 272.

²²⁶ LANCELOTTI, 1979, p. 206.

²²⁷ LANCELOTTI, 1979, p. 206.

²²⁸ CAMPS, 1995, p. 326.

²²⁹ LENSKI, 1963, p. 908.

²³⁰ SCHMID, 1968, p. 464.

²³¹ LENSKI, 1963, p. 908.

3.3 INSTITUIÇÃO DA CEIA DO SENHOR NA NARRATIVA DE LUCAS

Jesus celebrou o seu último *Pessach* e instituiu a solenidade da Ceia do Senhor, assim, os textos bíblicos relatam a celebração, onde Jesus deu um novo significado. A Páscoa instituída por Jesus em lugar da antiga é a grande inauguração da “eucaristia”, Alois Stoger descreve a Páscoa de Jesus:

É instituída a nova Páscoa. Ao cordeiro pascal substitui o corpo de Jesus, ao cálice pascal com vinho substitui o cálice com o sangue de Jesus. [...] Tendo ceado o cordeiro pascal, Jesus serviu-se do terceiro cálice de vinho, o “cálice da bênção” (1Co 10,16), para sua nova dádiva. A expressão da ação de graças está colocada no começo do todo da ceia eucarística, embora seu lugar histórico seja antes do cálice.²³²

Em relação à nova aliança Isidoro Mazzarollo destaca: “Se a primeira aliança tivesse sido sem defeito, não se trataria de colocar em lugar dela, uma segunda. Assim sendo, ao dizer nova, tornou velha a primeira. [...] a aliança é a espinha dorsal da teologia de Lucas na Instituição da Eucaristia”.²³³ Norval Geldenhuys cita sobre os textos bíblicos em relação à instituição da Ceia do Senhor:

Não há contradição entre as quatro representações da instituição, pois é notável que nem Mateus, nem Marcos, nem Paulo (1Co 11) dizem explicitamente que o Salvador definitivamente distribuiu o vinho após o pão. Tudo o que é ensinado em Mateus, Marcos e 1 Coríntios 11 no grego original é que, por ocasião da Páscoa, o Salvador instituiu a Sagrada Comunhão dando pão e também dando vinho.²³⁴

Os textos sinóticos relatam a instituição eucarística, conforme esses textos, a primeira intenção dos discípulos não era de nos transmitir, integralmente, tudo o que Jesus fez e disse durante a sua última refeição.

Os relatos da instituição da eucaristia são descritos por Mateus e Marcos, e, Lucas e Paulo. Carlos Vido comenta sobre os escritores:

Hoje em dia a maioria dos exegetas estão convencidos de que os dois primeiros representam o texto litúrgico utilizado para a eucaristia na primeira comunidade de Jerusalém, enquanto os dois outros são a fórmula litúrgica da comunidade de Antioquia. Dizendo que nossas narrativas são litúrgicas, situamos bem o problema histórico: esses textos não nos contam tudo o que Jesus fez durante sua última ceia, mas contam-nos como os primeiros cristãos, em Jerusalém e em Antioquia, celebravam em sua liturgia a memória da última ceia.²³⁵

²³² STOGER, 1985, p. 219.

²³³ MAZZAROLLO, 1994, p. 65.

²³⁴ GELDENHUYS, 1956, p. 554.

²³⁵ VIDO, 1985, p. 44.

Através da celebração do *Pessach*, o povo relembra os desígnios de Deus intervindo na história e libertando da escravidão. Paul Hoff destaca “De modo análogo, Yeshua fixou o memorial de sua morte para advertir a redenção ao povo que foi auferida por causa do holocausto do Filho de Deus”.²³⁶

O evangelista Lucas descreve: “Jesus tomou então o *Matzá*, ou pão sem fermento e pronunciou a bênção e disse: ‘Isto é o meu corpo é dado por vós. Fazei isto em minha memória’. Jesus está ensinando aos discípulos sempre que participar deste ritual, lembre-se de mim” (1Co 11.25,16). Segundo Raymond Brown, Joseph Fitzmyer e Roland Murphy:

Na liturgia pascal, o cabeça da casa tomava o pão para a distribuição como um símbolo de que ele provia para os seus. Jesus agora é quem provê, não o pão, mas a si mesmo para os seus. Este é o significado do termo grego *sôma*, o qual não significa meramente o corpo humano, mas toda a vida, o ser humano em sua totalidade.²³⁷

Para R. C. H. Lenski, estas palavras pronunciadas por Jesus permanecem eficazes para todos os tempos em qualquer lugar que o sacramento seja celebrado,²³⁸ Jesus pega um pão abençoa, assim, pega o cálice e dá graças. O pão e o vinho são símbolos do seu próprio corpo vivo e de seu sangue. Para J. C. Ryle:

Com estes dois elementos, anuncia-se por emblemas palpáveis que Jesus Cristo foi crucificado como nosso substituto: tais elementos são, por assim dizer, um sermão visível que fala aos sentidos dos comungantes e ensinam deste modo a verdade fundamental do Evangelho, a saber: Cristo ao expirar na cruz deu vida espiritual aos homens.²³⁹

Correlacionado com a temática do pão e do vinho, existe um significado salvífico. Raymond Brown, Joseph Fitzmyer e Roland Murphy citam: “Quando esta ceia é vista na sequência das ceias com pecadores, a palavra isto não deveria ser limitada à mera repetição das palavras de Jesus”.²⁴⁰

Segundo Vicente Serrano: “o pão, nas mãos de Jesus, tinha adquirido um significado totalmente novo. Para os discípulos, já não seria o pão da aflição que seus pais tinham comido no Egito; Era o corpo de Jesus, pão de vida, descido do céu[...]”.²⁴¹

²³⁶ HOFF, Paul. *O Pentateuco*. São Paulo: Vida, 1983. p. 118.

²³⁷ BROWN, 2011, p. 297.

²³⁸ LENSKI, 1963, p. 910.

²³⁹ RYLE, 1955, p. 310.

²⁴⁰ BROWN, 2011, p. 297.

²⁴¹ SERRANO, 1997, p. 70.

Nenhum dos discípulos imaginava que nesta ocasião, fosse, ao mesmo tempo, um símbolo de morte, de entrega, mas também de ressurreição. Josef Schmid descreve sobre a Páscoa Cristã:

A ceia cristã do Senhor deve ser a comemoração que mantém viva a memória da morte de Jesus e a redenção que veio por ela. [...] A Eucaristia é para o banquete comemorativo e proclamação da morte do Senhor ao mesmo tempo.²⁴²

Carlos Vido comenta: católicos e protestantes se desafiaram sobre o sentido da frase “isto é o meu corpo”, interpretada pelos primeiros como uma correspondência absoluta (isto = meu corpo), e pelos segundos como um símbolo (isto simboliza meu corpo).²⁴³ Já o escritor Leon L. Morris, cita:

O ponto crítico é o significado de “é”. Alguns argumentam em prol da transformação do pão no corpo de Cristo, mas o verbo pode significar tipos de identificação muito variados, conforme vemos em declarações tais como “Eu sou a porta,” “Eu sou o pão da vida,” “aquela rocha era Cristo”.²⁴⁴

Vicente Serrano faz uma ligação da antiga tradição para o novo significativo:

As palavras e o rito estão perfeitamente dentro da história e do significado de *Pessach*. A partir da forma sacerdotal e, sobretudo, nos tempos a que nos estamos referindo, a morte do cordeiro, com o derramamento de seu sangue ao pé do altar, tinha autêntico caráter de sacrifício. Esse caráter é o que reveste as palavras de Jesus, tal como as expressam Paulo e Lucas. O mandamento de evocar e fazer daí em diante aquilo mesmo que acabava de fazer Jesus, está na linha dos escritos no livro do Êxodo: “Esse dia será para vocês um memorial (...). Vocês o celebrarão como um rito permanente, de geração em geração” (Ex 12,14).²⁴⁵

Este corpo é símbolo da nova aliança. Para David Lenz Tiede os elementos de “ação de graças” (vv. 17,19; 1Co 11.24) é uma reminiscência das muitas orações de bênção na liturgia da Páscoa.²⁴⁶ (Tradução nossa).

Jesus ao dirigir-se aos seus discípulos relatando sobre seu corpo e seu sangue e para quem se entregaria, “vós”, assim, proporcionou aos discípulos o entendimento que a morte expiatória de um servo. Isodoro Mazzarollo descreve: “Com sua Páscoa, Cristo, se torna o Cordeiro da Nova Aliança, que passa de uma

²⁴² SCHMID, 1968, p. 461.

²⁴³ VIDO, 1985, p. 54.

²⁴⁴ MORRIS, 1974, p. 287.

²⁴⁵ SERRANO, 1997, p. 70.

²⁴⁶ TIEDE, David Lenz. *Augsburg Comemetary on The New Testament Luke*. Manufactured: Augsburg Publishing Houve, 1988. p. 382.

festa judaica, com o tempo e o lugar determinados, para uma festa sem tempo e sem lugar, pois assume o caráter cúlrico da Festa da comunidade”.²⁴⁷

O corpo de Cristo – o cordeiro de Deus, simbolizava, para aqueles que iriam participar da última ceia, estariam lembrando, da nova aliança ou do novo pacto de Jesus com a humanidade, com o objetivo de salvar todos quanto acreditassem n’Ele. “O novo pacto é também um comer e uma bebida, mas apenas do pão e do vinho, e apenas para os discípulos”.²⁴⁸ (Tradução nossa)

E, depois de comer, fez o mesmo com a taça dizendo: “Essa taça é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22.20). David Lenz Tiede escreve: “um homem deveria morrer pelo povo e toda a nação não deve perecer”. Derramar sangue significa morrer ou matar (Gn 9.6)²⁴⁹ (Tradução nossa). Em Lucas (v. 20) e Paulo (1Co 11.25), a nova aliança no meu sangue provavelmente também inclui uma alusão a Jr 31.31”.²⁵⁰ (Tradução nossa)

Lucas coloca a consagração do vinho fora do banquete pascal, para acentuar a absoluta peculiaridade do rito Cristo, quanto ao vinho, Ângelo Lancellotti e Giovanni Boccali escrevem: “Nesta, intacto o sentido de fundo coloca-se em primeiro plano a nova aliança, selada no (hebraísmo para “com o”) sangue de Cristo, tal como a antiga aliança o foi com o sangue das vítimas imoladas (Êx 24.8;)”.²⁵¹ Leon Morris afirma que o derramamento do sangue indica, para nós, a morte de Jesus na cruz, em que uma nova aliança é inaugurada. Sua morte iminente substituirá os sacrifícios da lei antiga como novo modo de aproximação de Deus.²⁵²

David Lenz Tiede escreve: “os dois cálices (v 17.20) na ceia acaba sendo a pista de que a conclusão escatológica da refeição da Páscoa (com seus vários cálices) foi transformada em uma lembrança da “nova aliança” estabelecida através da morte de Jesus, que estava prestes a realizar em Jerusalém”.²⁵³ (Tradução nossa). Alois Stoger compara antiga aliança com o novo pacto, através de Jesus Cristo:

²⁴⁷ MAZZAROLLO, 1994, p. 61.

²⁴⁸ LENSKI, 1963, p. 909.

²⁴⁹ TIEDE, 1988, p. 381.

²⁵⁰ TIEDE, 1988, p. 382.

²⁵¹ LANCELOTTI, 1979, p. 206.

²⁵² MORRIS, 1974, p. 288.

²⁵³ TIEDE, 1988, p. 382.

A nova Páscoa, que Jesus lega como instituição, não é inferior à antiga. Sua ação salvífica está presente quando se celebra a ceia comemorativa. A ordem de Jesus aos apóstolos de repetirem essa ceia concede à Igreja força e vida e a lei para seu agir. Jesus leva o termo a passagem (pascha) da cruz para a ressurreição em sua pessoa; na eucaristia faz passar sempre mais da morte do pecado para sua vida nova a todos aqueles que provam, com fé, o pão e o vinho.²⁵⁴

Isidoro Mazzarollo detalha sobre a ruptura entre a Páscoa antiga e a Páscoa futura:

A ruptura de Jesus continua pelo fato de Ele determinar que a Páscoa futura não está vinculada à Páscoa do êxodo, mas à sua Páscoa, à memória de sua vida e de sua comunhão com o Pai e com o mundo (Lc 6.46). Ele se dá como oferenda e naquilo que oferece aos seus ele próprio se define: “Este é o meu corpo; este é o meu sangue!” O sentido se complementa quando ele inova o costume judaico, com uma ruptura a mais: na ceia judaica cada membro tinha a sua taça; nesta ceia de Jesus, eles *diamezousin (repartem/condividem)* a mesma taça em sinal de comunhão. Jesus deixa claro (Lc 22.1) que o fundamento da Eucaristia é a vida comunitária. “A eucaristia só acontece na comunidade”.²⁵⁵

Para William F. Arndt “Cristo concederá aos discípulos, um legado precioso, uma refeição memorial que também é uma refeição de maior bênção para eles, garantindo que Ele dá seu corpo e derrama seu sangue por eles – um fato garantido a eles por receberem essas mesmas coisas (corpo e sangue de Cristo)”.²⁵⁶ (Tradução nossa)

Na última Páscoa judaica celebrada por Jesus, marca o início da instituição da Ceia do Senhor. A nova páscoa está vinculada com a antiga, assim, o cordeiro (animal) é substituído pelo corpo de Jesus (homem) e o cálice pascal com vinho substituído pelo sangue de Jesus. Nestes simbolismos, há um significado salvífico, assim, a nova páscoa tornou-se uma nova aliança.

3.4 CEIA DO SENHOR E AS DISSENSÕES (1 Coríntios 11.23-34)

As narrativas bíblicas que fundamentam a memória da Páscoa Cristã centram-se na figura de Jesus. Para Carson, a pregação de Jesus colocou-se em pé de igualdade com as Escrituras judaicas, na medida em que se subentendia que fazia parte de uma “nova aliança”.²⁵⁷

²⁵⁴ STOGER, 1985, p. 224.

²⁵⁵ MAZZAROLLO, 1994, p. 63.

²⁵⁶ ARNDT, 1956, p. 439.

²⁵⁷ CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 553.

Os cristãos esperavam a volta do Messias e pensavam que seria breve, e, os registros escritos não eram prioridade, para eles, gerações futuras talvez não fossem existir²⁵⁸, assim, somente passou a valer aquilo que haviam deixado por escrito, quando aquela geração havia morrido. Assim houve valorização da escrita, onde, começaram a distribuir as cartas de Paulo.

As palavras da criação da Ceia do Senhor na época, quando Paulo foi a Corinto pela primeira vez, ou seja, em 49/50, já eram tradicionais das comunidades.²⁵⁹ Corinto, a capital da província da Acaia, nos tempos de Paulo era uma cidade de forte caráter romano. A grande diversidade cultural religiosa e social em Corinto²⁶⁰.

Alguns irmãos da comunidade em Corinto não praticavam o real significado da Ceia do Senhor, “estavam perdendo o significado do “corpo” dado na morte”.²⁶¹ (Tradução nossa); eles estavam abusando do próprio Senhor por não “lembrar dele”, especialmente em termos da salvação que ele fez durante sua morte, que tinha a intenção de torná-los um, não irmãos “divididos” como estavam fazendo na celebração da Ceia.

Nesta comunidade, Paulo enfrenta alguns grupos de lideranças diversas: os de Paulo, de Apolo, de Cefas e de Cristo. No início de sua carta, ele relata à Igreja que existiam fornicação (1Co 5), processos entre cristãos nos tribunais gentios (1Co 6.1-11), prostituição (1Co 6.12-20), causas religiosas estavam provocando conflitos entres os cristãos, e ainda, era celebrado uma refeição do Senhor sem comunhão em que cada um se apressa em tomar sua própria refeição (11.20-21). “A maioria dos membros da comunidade eram antigos gentios (1Co 12.2), algo indicado também pelos problemas na comunidade (participação de banquetes cúlticos, processos de juízes gentios, prostituição)”.²⁶²

Em Corinto havia distinção entre assembleia cúltica e refeição. Todos os que participavam traziam algo para comer. Era nesta refeição pós-assembleia de oração

²⁵⁸ BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 56.

²⁵⁹ VOIGT, Gottfried. *Gemeinsan glauben, hoffen, lieben: Paulus an die Korinther I*. Vandenhoeck: Biblisch-theologische Schwerpunkte, 1989. p. 103.

²⁶⁰ SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 237.

²⁶¹ FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Cambridge: Eerdmans Publishing Co, 2014, p. 624

²⁶² SCHNELLE, 2010, p. 237.

e culto que aconteciam as discórdias.²⁶³ Paulo escreve essa exortação porque havia uma divisão na igreja de Corinto, e por causa dessa situação, as pessoas indo para a igreja voltavam piores para as suas casas (11.17). As divisões deploradas por Paulo (11.18) conflitam com a comunhão pretendida pela ceia (11.17). Após exposição da tradição, Paulo passa para a parte exortativa. O jantar dos irmãos em Corinto estava desonrando o Senhor, aparentemente, eles esqueceram que através de Cristo há salvação, assim, o objetivo do apóstolo Paulo é corrigir os abusos, alertando todos das possíveis consequências se permanecerem com as mesmas atitudes em relação à Ceia do Senhor.

Neste contexto, Paulo adverte à Igreja perguntando se não tinham comida ou bebida em casa (1Co 11.22). Porque as assembleias eram turbulentas, havia desordem, e, costumeiramente, os crentes traziam suas casas e comiam sem esperar pelos outros, Maurice Carrez detalha “a refeição do Senhor se torna então um repasto rápido, em vez de ser uma comunhão”.²⁶⁴ Paulo é obrigado a fazer as devidas correções aos irmãos que comem o pão e bebem a taça do Senhor; por causa da desordem, conseqüentemente, resultou na desunião entre os irmãos da comunidade, o que é totalmente oposto a Ceia do Senhor.

O apóstolo Paulo traz uma séria exortação: “Fazendo-vos essas advertências, não vos posso louvar a respeito de vossas assembleias que causa mais prejuízo que proveito” (1Co 11.17). Neste contexto, Alfredo Wikenhauser e Otto Kuss descrevem que “O comportamento absurdo dos coríntios mostra o seu conceito errado do banquete comunitário; mais ainda, evidencia-se o seu desprezo pela comunhão religiosa eclesial em toda a sua amplitude”.²⁶⁵ (Tradução nossa).

A recitação de Paulo em relação a Ceia tem o objetivo de corrigir a situação em Corinto. Ele não doutrina sobre a Ceia, a questão é em relação às condutas humanas e o corpo de Cristo. Diante dos escândalos dos individualismos, e ainda, das desigualdades na comunidade dos Coríntios, como que o apóstolo Paulo reage? Leon Dufour detalha a reação de Paulo:

Não sonha com uma partilha prévia dos bens entre os crentes que nivelasse de antemão a condição dos comensais; não exorta a partilhar tudo o que se

²⁶³ MAZZAROLLO, 1994, p. 98.

²⁶⁴ CARREZ, Maurice. *Primeira Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. p. 54.

²⁶⁵ WIKENHAUSER, Alfredo; KUSS, Otto. *Comentario de Ratisbona al Nuevo Testamento – Cartas a los coríntios*. Barcelona: Editorial Herder, 1976. p. 259.

possui, como sugerem alguns resumos dos atos dos apóstolos. [...] Ele refere-se a outra coisa: a unidade efetiva da assembleia como tal por ocasião da “comida do Senhor”.²⁶⁶

Paulo não está pedindo que a comida seja compartilhada, mas nesta ocasião exista unidade, pois na celebração da Eucaristia relembra o grande sacrifício de Cristo, dessa forma, Paulo orienta que o comportamento sem amor durante a refeição e o desprezo dos pobres são incompatíveis com a grandeza da morte de Cristo.

Depois do momento de oração, os que haviam trazido alimentos para o banquete “comunitário” empanturravam-se, enquanto os que nada podiam trazer deveriam voltar para suas casas com o estômago vazio.²⁶⁷ Margaret E. Thrall escreve sobre a postura dos mais ricos de não esperar os mais pobres para participar da Ceia do Senhor:

Os cristãos mais ricos, que forneceram a maior parte da comida e bebida para a refeição, provavelmente chegaram à reunião mais cedo do que os outros. Os membros mais pobres teriam que trabalhar mais horas em seus negócios, ou poderiam bem ser escravos, que eram ainda menos capazes de dispor de seu próprio tempo. Em vez de esperar pelos outros, os ricos estavam com pressa para começar, e o fizeram. Conseqüentemente, quando os membros mais pobres chegassem, eles teriam que passar fome. Algumas pessoas bebiam demais e ficaram intoxicadas. Nestas circunstâncias, era impossível para eles comerem a Ceia do Senhor mesmo que eles estivessem realizando as ações certas e dizendo as palavras corretas sobre o pão e vinho, eles não estavam realmente preocupados com o que Cristo quis dizer com suas palavras e ações na última Ceia. Eles estavam preocupados apenas com a satisfação de seus próprios apetites.²⁶⁸

Paulo adverte a comunidade porque os ricos estavam desprezando a Igreja e envergonhando os pobres: “Cada um se apressa por comer a sua própria ceia; e, enquanto um passava fome, o outro fica embriagado (1Co 11.21)”. Na celebração da Ceia do Senhor não é possível ignorar a presença dos demais irmãos, porque se tratava da “ceia do Senhor”. Leon Dufour esclarece: “Todos “formam um corpo” parte da assembleia, sem isto não é possível existir a eucaristia”.²⁶⁹ (Tradução nossa)

A acusação contra os irmãos em Corinto por serem irreverentes, não é porque eles não conseguiam distinguir os elementos da Ceia, mas porque eles se esqueceram o significado do corpo, percebe-se pelo comportamento inaceitável e

²⁶⁶ DUFOUR, 1983, p. 277.

²⁶⁷ MAZZAROLLO, 1994, p. 98.

²⁶⁸ THRALL, Margaret E. *The first and second letters of Paul to the Corinthians*. Cambridge: At the University Press, 1965. p. 83.

²⁶⁹ DUFOUR, 1983, p. 278.

egoísta em relação aos irmãos mais pobres. “Tratar qualquer membro com indiferença fria e egocêntrica no jantar do Senhor é profanar o Corpo sagrado; é um pecado contra o próprio Cristo, como qualquer comportamento arrogante em outro lugar”.²⁷⁰ (Tradução nossa)

Assim, em relação à tradição da celebração da ceia do Senhor “a comunidade de Corinto está desautorizada a desprezá-la ou manipulá-la”.²⁷¹ Charles R. Erdman comenta sobre a repreensão de Paulo aos irmãos de Coríntios:

Assim, quando Paulo se volta para repreender os graves abusos que estão presentes na observância do sacramento, ele dá a discussão mais completa que as Escrituras contêm sobre a origem, a natureza e o significado da Ceia de nosso Senhor. Os abusos que Paulo procurou corrigir eram graves ao extremo. Eles tiveram sua ocasião no costume de unir o sacramento com uma “perfeição de amor” ou refeição comum da qual os cristãos geralmente participam no início de suas assembleias. De acordo com o costume, cada pessoa trouxe consigo provisões de acordo com sua capacidade.²⁷²

Para Gottfried Brakemeier, “A fim de corrigir as aberrações da prática eucarística em Corinto, Paulo invoca a tradição acerca desse sacramento”.²⁷³ Para Vicente Serrano “Paulo omite certos abusos que se comeriam nas reuniões fraternas e recorda aos coríntios tanto a doutrina sobre a eucaristia como a práxis que as comunidades cristãs seguiam em sua celebração”.²⁷⁴ Neste contexto, Leon Dufour descreve:

Os cristãos de Corinto viviam em um ambiente idolátrico: nos numerosos templos da cidade eram oferecidos sacrifícios a vários deuses como nas cerimônias da cidade e também em certas reuniões corporativas. Depois de queimar uma parte dos animais imolados, o resto foi entregue ao sacerdote e ao doador. Esta carne era usada em uma refeição pública, que tinha lugar em uma dependência do templo e era de natureza cultural, ou simplesmente em casa: a carne era trazida diretamente do templo ou comprada no mercado, onde o excesso era vendido.²⁷⁵

Nestas reuniões em assembleias realizadas na casa de algum cristão, eles retornam aos antigos hábitos num banquete com muitas libações, é neste contexto que Paulo inicia fazer um elogio à igreja de Corinto (11.2). Segundo Udo Schnelle “a

²⁷⁰ MOFFATT, James. *The first epistle of Paul to the Corinthians*. London: Hodder and Stoughton Limited, 1959. p. 172.

²⁷¹ BRAKEMEIER, Gottfried. *A primeira carta do apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 149.

²⁷² ERDMAN, Charles R. *The First Epistle Of Paul to the Corinthians*. Philadelphia: The Westminster Press, 1929. p. 101.

²⁷³ BRAKEMEIER, 2008, p. 148.

²⁷⁴ SERRANO, 1997, p. 46.

²⁷⁵ DUFOUR, Leon, 1983, p. 261.

forma organizatória da comunidade oferece possivelmente também uma contribuição para a compreensão dos conflitos em Corinto, pois a fração em várias comunidades domésticas pode ter favorecido a formação de grupos”.²⁷⁶

Os coríntios se reúnem como igreja (11,18), porém, à comunidade não sabia compartilhar, cada um se apressa em tomar sua própria ceia (11,20-21). A refeição do Senhor na igreja de corinto deixava de ser um momento de comunhão, assim, não há então o corpo de Cristo. Udo Schnelle destaca sobre a Ceia do Senhor na Igreja de Corinto: “Deficiências na ceia do Senhor são criticadas por Paulo em 1Cor 11,17-34; em Corinto vinculava-se o ato sacramental a uma refeição comunitária (cf. 1Cor 11,23-25), e o ato do cálice e do pão emolduravam originalmente a refeição”.²⁷⁷ Importante destacar que a celebração da Ceia era precedida pela Festa do Amor, a festa *Ágape*, Peter Wagner descreve sobre a Festa *Ágape*:

A festa do *Ágape* era não apenas um tempo de comunhão, mas, também, e sobretudo, um ato de amor aos membros mais pobre da igreja. Era uma oportunidade para os cristãos ricos repartirem um pouco de seus bens materiais aos pobres. Uma vez que todos traziam de casa alguma coisa para comer e faziam uma espécie de ajunta-prato, os pobres poderiam participar de uma boa refeição pelo menos uma vez na semana. Depois desse banquete, então, eles celebravam a Ceia.²⁷⁸

A Ceia do Senhor está centralizada na morte expiatória de Cristo e o seu sacrifício vicário. Isidoro Mazzarollo destaca que “Não é a Eucaristia que é dada a carne (*sarx*) de Jesus para a vida do mundo, mas na sua morte. Na Eucaristia está o preço da Redenção pelo qual veio a Salvação, a qual traz o preço do seu sangue (Lc 22,20)”.²⁷⁹ Warren Wiersbe destaca quatro pontos que o apóstolo Paulo ensinou sobre a Ceia: “Devemos olhar para trás, para frente, para dentro e ao redor”, Warren detalha:

- 1) Devemos olhar para trás – Devemos lembrar o fato de haver morrido, pois sua morte faz parte da mensagem do evangelho: “Cristo morreu [...] foi sepultado” Não é a vida de Cristo nem seus ensinamentos que salvam os pecadores, mas sua morte. Portanto, devemos nos lembrar do motivo de ter morrido: Cristo morreu por nossos pecados; foi nosso substituto (Is 53.6; 1 Pe 2.24), quitando uma dívida que jamais poderíamos pagar;
- 2) Devemos olhar para frente – Observamos a Ceia do Senhor “até que ele venha”. A volta de Jesus Cristo é a esperança da Igreja e de cada cristão. Jesus Cristo não apenas morreu por nós, mas também

²⁷⁶ SCHNELLE, 2010, p. 238.

²⁷⁷ SCHNELLE, 2010, p. 241.

²⁷⁸ WAGNER, Peter. *Se não tiver amor*. São Paulo: Luz e Vida, 1983. p. 80.

²⁷⁹ MAZZAROLLO, 1994, p. 100.

- ressuscitou e subiu ao céu e, um dia, voltará para nos levar para junto dele;
- 3) Devemos olhar para dentro – A fim de participar dignamente, é preciso examinar o coração, discernir os pecados e confessá-los ao Senhor. Tomar a Ceia com pecados não confessados no coração é se tornar réu do corpo e do sangue de Cristo, pois foi o pecado que o pregou à cruz; e
 - 4) Devemos olhar ao redor – Não se deve fazer isso com o objetivo de criticar outros cristãos, mas sim de discernir o corpo do Senhor (1 Co 11.29). Devemos reconhecer seu corpo no pão e também na igreja a nosso redor – pois a igreja é o corpo de Cristo. A Ceia deve ser uma demonstração de sua desunião.²⁸⁰

O memorial eucarístico vai muito mais além dos gestos, palavras ou ritos, não é mais uma celebração anual que relembra a intervenção de Deus para libertação do povo (Êx 12.12), neste contexto detalha Isidoro Mazzarollo:

[...] é nova na sua profecia pois sua atualização está na escuta e na prática da sua palavra, todos os dias (Lc 4,18-19; cf Is 61,1-2; Lc 6,20-26; 8,19-21); é nova no seu significado (o epicentro da Nova Aliança não está num fato do passado – Ex 13,17), mas no Cristo e na participação no Reino de Deus, participando da história (Lc 10,14-16).²⁸¹

A ceia cristã é a antecipação do banquete escatológico, um conceito evidente em todo o Novo Testamento, pois enquanto se repete a Eucaristia como celebração da ceia que ele fez com os seus, se espera que Ele venha para ter comunhão com Ele.²⁸² Friedrich Lang comenta:

Ele pegou o pão da mesa, elogiou e quebrou o pão para distribuir aos discípulos. A palavra falada para a distribuição de pão é para Paulo: “Este é o meu corpo para vocês”. A palavra sobre o pão diz: Ao comer o único pão distribuído, os convidados da mesa participam do efeito de salvação do corpo de Jesus dado à morte e, assim, se unem à comunhão do corpo (eclesiológico) de Cristo. As palavras de Jesus, que interpretam o significado da refeição, e alimentação e a bebida dos discípulos pertencem em estreita colaboração; constituem a comunhão sacramental com o Senhor e, portanto, também com os participantes entre si.²⁸³

O que está acontecendo com os cristãos de Corinto? Segundo o apóstolo Paulo os alimentos eram levados pelas pessoas, assim, notavam desigualdades entre os participantes da refeição, cada um comia por conta própria. Segundo Alfredo Wikenhauser e Otto Kuss:

²⁸⁰ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento: volume I*. São Paulo: Geográfica editora, 2006. p. 792, 793.

²⁸¹ MAZZAROLLO, 1994, p. 68.

²⁸² MAZZAROLLO, 1994, p. 100.

²⁸³ LANG, Friedrich. *Die Briefe na die Korinther: Ubersetzt und erklart*. Gottingen un Zurich: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994, p. 151.

Em vez de reunir os fiéis com amor fraterno em torno de uma mesa comum, pensa apenas em si mesmo; cada um consome egoisticamente as iguarias que levou consigo, sem tornar os mais pobres participantes e, embora alguns dos participantes passem fome, outros chegam até ficar bêbados²⁸⁴

Os cristãos de Corinto participavam do ritual, mas o coração estava longe do propósito de Deus. Segundo Carlos Vido, o apóstolo Paulo apresenta uma solução:

Paulo apresenta um remédio para esta situação deplorável. Não se contenta com exortar os fiéis a partilhar suas provisões; oferece uma solução mais radical, que consiste em separar inteiramente as duas refeições: “Não tendes casas para comer e beber?” (11,22) – “Se alguém tem fome, coma em sua casa!” (11,34). Ele ordena, positivamente que se separe esta da “refeição do Senhor”. E não por ser falta de respeito para com Cristo absorver os alimentos eucarísticos depois de se ter alimentado com comida profana, mas pelo fato de que estas refeições, devido a desigualdades chocantes, provocavam divisões, opondo-se assim ao próprio sentido da eucaristia²⁸⁵.

O apóstolo Paulo orienta a comunidade de Corinto que a celebração da Ceia do Senhor não se trata apenas em comer pão ou beber o cálice, assim, “Paulo vai até à proibição de unir a refeição do Senhor com a refeição alimentar”.²⁸⁶ O objetivo de Paulo é que a Ceia obedeça um ato litúrgico digna à refeição eucarística e não a desordem que acontecia quando se reuniam, assim, segundo Carlos Vido “Paulo relata os atos e as palavras da última Ceia, na qual Jesus enuncia claramente que não se trata de uma alimentação comum, mas de um pão e de um cálice graças aos quais os fiéis participam de seu corpo e de seu sangue”.²⁸⁷

O culto deles não estava centrado em Deus, eles se reuniam, mas havia divisões no meio deles (11.18). Havia divisões, partidos, e cismas entre eles. Os irmãos da igreja de Corinto participavam dos elementos da Ceia, mas não era a Ceia que eles celebravam, Paulo escreve: “Desse modo, quando vos reunis, já não é para comer a ceia do Senhor” (1Co 11.20). Gordon D. Fee detalha sobre as palavras pronunciadas da Ceia do Senhor:

As palavras da instituição são repetidas para lembrá-los de porque eles celebram tal refeição em primeiro lugar, uma razão que remonta ao próprio Jesus. Eles fazem isso para “lembrar dele” de uma maneira especial, ou seja, para “proclamar a morte do Senhor até que ele venha”. As ações dos Coríntios obviamente não estão de acordo com a essência dessa proclamação. Assim, dessa maneira indireta, Paulo está trazendo-os de volta mais uma vez ao lugar onde todas as suas alegações com eles

²⁸⁴ WIKENHAUSER, 1976, p. 259.

²⁸⁵ VIDO, 1985, p. 65.

²⁸⁶ VIDO, 1985, p. 66.

²⁸⁷ VIDO, 1985, p. 66.

começaram, com o “Messias crucificado” (1.18), cuja morte eles devem continuar a “proclamar até que ele venha”.²⁸⁸

Eles diziam que celebravam a Ceia do Senhor, mas com gestos egoísmo, assim, eles estavam se reunindo para pecar. Para Paulo “a Igreja não pode reduzir-se a uma coleção de comunhões individuais com o Senhor”.²⁸⁹ Assim, “para pôr fim às divisões que minavam a jovem comunidade, Paulo proclama com vigor, nos quatro primeiros capítulos da sua carta, a “loucura da cruz”, tema que não se deve perder de vista para compreender todo o conjunto”.²⁹⁰ (Tradução nossa).

Paulo tem o cuidado de advertir à Igreja o que ele transmite é o que recebeu do Senhor (1Co 11.23), não porque foi testemunha ocular, mas “a referência à celebração litúrgica da fé em Cristo ressuscitado, tal como devia ser feito na comunidade-mãe de Jerusalém e nas comunidades de Damasco e Antioquia”.²⁹¹ Paulo informa que recebeu a tradição do “Senhor” [...] e está preocupado com o sacramento.²⁹² (Tradução nossa)

Para Alfredo Wikenhauser e Otto Kuss:

A tradição, que Paulo transmitiu aos coríntios, remonta ao próprio Senhor Jesus. [...] Não se exclui a possibilidade que o apóstolo estar falando de uma revelação recebida direto de Jesus. Mas muito provável que se trata de uma recepção mediata recebida da comunidade primitiva.²⁹³

Importante o comentário de Leon Dufour:

Qualquer retrocesso ou desvio, mesmo eventual, é inaceitável. O apóstolo teme por seus fiéis de Corinto, imersos como estão em um ambiente politeísta. Eles devem se lembrar da história de Israel; o mesmo povo escolhido chegou a abandonar o Deus vivo: todos tinham atravessado o Mar vermelho, todos se tinham alimentado com o maná do céu e, no entanto, muito tinham caídos na tentação dos falsos deuses.²⁹⁴

Após estabelecer os fundamentos para sua repreensão, Paulo passa a lembrar os coríntios nos versículos 23-26 das origens solenes da Comunhão e da razão pela qual sua prática era tão inconsistente com o Senhor²⁹⁵. Para Gordon D.

²⁸⁸ FEE, 2014, p. 606.

²⁸⁹ CARREZ, 1993, p. 54.

²⁹⁰ DUFOUR, Leon, 1983, p. 259.

²⁹¹ SERRANO, 1997, p. 48.

²⁹² VOIGT, 1989, p. 102.

²⁹³ WIKENHAUSER, 1976, p. 259.

²⁹⁴ DUFOUR, 1983, p. 263.

²⁹⁵ CRAWFORD, Brian. A Páscoa e a Ceia do Senhor. In: BOCK, Darrell L.; GLASER Mitch (org.). *O Messias na Páscoa: A tradição judaica por trás da figura do Messias e da Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020. p. 128.

Fee “Paulo aparentemente se sente compelido a lembrá-los de seu significado, repetindo as palavras reais da instituição. [...] essas tradições eram conhecidas nas igrejas paulinas”.²⁹⁶ (Tradução nossa). Paulo agora invoca a tradição da Ceia, que ele transmitiu a eles durante sua estadia de fundação, a fim de orientar a congregação para uma celebração adequada. Os versículos 23-25 são um relatório litúrgico sobre a criação da ceia do Senhor por Jesus.²⁹⁷ (Tradução nossa).

Inicialmente, Paulo não tem elogios para eles neste assunto, assim, orienta à igreja: “Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão” (1Co 11.23). A preocupação de Paulo é estabelecer a tradição do jantar que eles receberam veio do próprio Jesus: “Eu recebi do Senhor”²⁹⁸ (Tradução nossa). Michel Quesnel detalha sobre o versículo 23:

Nessa passagem, Paulo não redige um texto: está claro que ele cita um texto sabido de cor e cuja paternidade vem de um lugar mais elevado do que o dele. Ele é apenas o elo de uma tradição que remonta a Jesus e que se desenvolve progressivamente, devendo desembocar na redação dos evangelhos.²⁹⁹

Quando Paulo diz “Eu recebi do Senhor, ele provavelmente não quer dizer que Jesus lhe deu essas palavras pessoalmente e diretamente; em vez disso, o que ele mesmo teria recebido tinha realmente vindo do Senhor”³⁰⁰ (Tradução nossa). Para “A tradição, que Paulo recebeu do Senhor, é lembrada para mostrar que os abusos atuais resultam de não continuar a prática do Mestre”.³⁰¹ (Tradução nossa). Friedrich Long detalha: “Paulo provavelmente assumiu essa tradição da Ceia do Senhor da congregação em Antioquia Síria (ou já em Damasco)”.³⁰² Segundo Archibald Robertson “Paulo era o elo certo em uma cadeia que chegava do próprio Senhor até eles. Eles não receberam do Senhor, mas o receberam de alguém que o

²⁹⁶ FEE, 2014, p. 604.

²⁹⁷ LANG, 1994, p. 150.

²⁹⁸ FEE, 2014, p. 606.

²⁹⁹ QUESNEL, Michel. *As epístolas aos Coríntios*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p. 74.

³⁰⁰ FEE, 2014, p. 606

³⁰¹ ORR, William F; WALTHER, James Arthur. *The Anchor Bible - I Corinthians: A New Translation – Introduction with a Study of the Life of Paul, Notes, and Commentary*. New York: Doubleday & Company, Inc, 1918. p. 270.

³⁰² LANG, 1994, p. 151.

recebeu e, portanto, não têm desculpas”.³⁰³ (Tradução nossa) Neste contexto, Roy A. Harrisville detalha:

O que ele recebeu e transmitiu não foi algo que “para todos os fins práticos” veio “do Senhor”. O que ele recebeu e deu por sua vez, qualquer que seja sua mediação, tinha apenas um sujeito, ator ou diretor, e que era seu fiador.³⁰⁴

Assim, as palavras de Paulo ensinando os irmãos em Coríntios relata que o Senhor na noite em que foi traído, tomou o pão. O texto aos Romanos 4.25 detalha: “O qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação” Neste contexto, James Moffatt destaca:

A frase significa que sua tradição voltou ao próprio Senhor, que sabia o que era essencial para participar de sua própria ceia. Não é possível em inglês, como é em latim (*tradidi... tradebatur*), preservar a ideia de que o verbo passado não só corresponde ao substantivo “tradição”, mas ao mesmo tempo que o verbo traído. Traído novamente, é a mesma palavra que foi proferida em Romanos 4.25.³⁰⁵

No verso 23, a expressão fazendo referência à noite em que o Senhor “foi traído”, é a mesma usada logo acima para a tradição que Paulo “entregou”. Brian Crawford comenta sobre à noite em que Jesus foi traído:

Na noite em que Yeshua é entregue às autoridades, ele toma o pão, dá graças e parte o pão (11.23-24). É possível, mesmo que não certo, que esse pão tenha sido o pão *afikoman* que ocupa um papel tão central na tradição posterior da Páscoa judaica. Sendo ou não o *afikoman* Yeshua dá um significado radicalmente novo ao Pão: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós” (1Co 11.24). Essas pouquíssimas palavras transbordam de significado. É preciso observar que Yeshua as diz sobre seu próprio corpo humano de carne e sangue. Diz essas palavras também no contexto de um Sêder pascal, onde a comida e outros elementos têm significado memorial e simbólico. O *matzá* sem fermento, chamado “o Pão da Aflição”, não é literalmente aflição nem literalmente sem pecado, mas representa e simboliza aflição e pureza sem pecado.³⁰⁶

Para Gordon D. Fee “Uma das características mais notáveis das palavras da instituição é o contexto singular que foi transmitido junto com elas “na noite em que ele foi traído”. O verbo “*betrayed*” é apenas ambíguo o suficiente para que possa significar “enviado” (como em “enviado até a morte”).³⁰⁷ (Tradução nossa)

³⁰³ ROBERTSON, Archibald. *A critical and exegetical commentary: First epistle of St Paul to the Corinthians*. New York: Charles Scribner's Sons, 1911. p. 242.

³⁰⁴ HARRISVILLE, Roy A. *Augsburg commentary on the new testament – I Corinthians*. U.S.A: Augsburg Publishing House, 1987. p. 193.

³⁰⁵ MOFFATT, 1959, p. 167.

³⁰⁶ CRAWFORD, 2020, p. 129.

³⁰⁷ FEE, 2014, p. 608.

Na “noite em que foi entregue”, Jesus celebrou sua última ceia com seus discípulos, assim, se tornaria um modelo de celebração. Para C. K. Barrett a expressão “recebido” “corresponde ao hebraico *qibbel*, e “entregue” a *masar*”.³⁰⁸ Neste contexto que Jesus se entregou Gottfried Brakemeier detalha, o seguinte entendimento:

É o Jesus terrestre, que, no entanto, é idêntico ao Senhor ressuscitado, presente em sua comunidade. Anote-se que a “entrega” de Jesus não deve ser restrita à traição de Judas (cf. Mt 10.4; Lc 22.4). Jesus foi entregue pelo Sinédrio (Mc 15.1); por Pilatos (Mc 15.15) e outros. De certa forma, o ser entregue faz parte do “destino” de Jesus (Mc 9.31), no que a comunidade percebe até mesmo o desígnio de Deus (Rm 8.32). Não que Deus seja culpado da morte de seu filho, mas ele o entregou “por causa das nossas transgressões” (Rm 4.25).³⁰⁹

Importante descrever o comentário de Ben Witherington:

Os Coríntios podem ter visto a Ceia do Senhor como uma refeição funerária. Mas a tradição, como Paulo registra, mostra o que Jesus fez na última ceia não foi instituído um rito funerário. A palavra “novo” é fatal para visão de que as palavras de Jesus registradas aqui deveriam ser sua última vontade e testamento.³¹⁰

As palavras de Paulo são reflexo das últimas frases sobre o comportamento dos cristãos da congregação. Assim detalha Gottfried Voigt

O tratamento certo do sacramento, ou seja, o comportamento direito do culto, só pode ser alcançado através de uma reflexão rigorosa sobre a própria coisa, ou seja, o sacramento. Não são as nossas ações que fazem do sacramento o que é; mas o sacramento deve determinar nosso comportamento. Através de um comportamento e amor, fraternal e fora da comunidade, você peca no corpo e no sangue do Senhor.³¹¹

O apóstolo Paulo comenta que quem comer e participar do pão indignamente será réu do corpo do Senhor (1Co 11.27). Segundo Ben Witherington, “A referência no verso 27 é o corpo crucificado real de Cristo, como a referência ao sangue deixa claro. Com “indigno” Paulo refere-se àqueles que estão participando de maneira indigna, não as pessoas que são elas mesmas indignas”.³¹² (Tradução nossa). Paulo deixa claro de que aqueles que comem e bebem como estão fazendo, “de forma indigna” são responsáveis, individualmente, pela sua própria morte. Que

³⁰⁸ BARRETT, C. K. *A Commentary on the first epistle to the Corinthians*. New York: Harper & Row, Publishers, 1968. p. 264.

³⁰⁹ BRAKEMEIER, 2008, p. 149.

³¹⁰ WITHERINGTON, Ben. *Conflict and community in Corinth: a socio-rhetorical commentary on 1 and 2 Corinthians*. United States of America: Eerdmans Publishing Co, 1951. p. 250.

³¹¹ VOIGT, 1989, p. 102.

³¹² WITHERINGTON, 1951, p. 251.

significa “indignamente” e “não discernir o corpo do Senhor”? Maurice Carrez comenta:

Aquele que não toma consciência da significação do pão e do cálice, não avalia o engajamento a Cristo e aos outros que a sua participação pessoal na refeição do Senhor representa. Com isso ele regride ao outro tempo, antigo, passado, ao reino da morte, ao mundo como ele ainda é.³¹³

Para Charles R. Erdman: “Que tal conduta vergonhosa como ele havia descrito estava realmente profanando a festa sagrada e ignorando e insultando o corpo e o sangue do Senhor que foram simbolizados pela festa”.³¹⁴ “O verbo *diakrinein* significa distinguir, fazer um juízo correto sobre alguma coisa, portanto discernir”.³¹⁵ David Prior escreve como seria alguém ser réu do corpo e do sangue de Cristo:

Ser réu do corpo e do sangue de Cristo Jesus é um pecado gravíssimo. Você só tem dois lados para estar em relação ao sangue. Você está debaixo dos benefícios do sangue ou está do lado daqueles que levaram Jesus para a cruz e o mataram. Você é assassino de Cristo ou é beneficiário do sangue de Cristo. Participar indignamente da Ceia e ser réu do corpo e do sangue de Cristo; é estar mesma posição de Anás, Caifás, Pilatos e os soldados romanos que pregaram Jesus na cruz. Assim, só existem duas possibilidades: Você está debaixo dos benefícios do sangue de Cristo ou é réu do corpo e do sangue do Senhor: O apóstolo Paulo está dizendo que quem participa da Ceia indignamente se torna culpado de derrama o sangue de Cristo; isto é, coloca-se não do lado dos que estão participando dos benefícios da sua paixão, mas do lado dos que foram culpados por sua crucificação.³¹⁶

O apóstolo Paulo estava preocupado com a situação dos irmãos em Corinto e os seus avisos não eram para afastar do sacramento, mas, para lembrar do real significado da Eucaristia, assim, ele comunica: “Você não percebe o que come e bebe: nos dons do Sacramento, ele se dá a si mesmo – e como o corpo de que você desfruta é “dado para você” e o sangue estabelece o “novo pacto”, você percebe o santo de Deus que só tem nele, em Cristo, e que se completará quando ele vier”.³¹⁷ (Tradução nossa). Para Willaim F. Orr e James Arthur Walther:

A identidade da igreja com o corpo de Cristo leva Paulo a atribuir problemas físicos dos cristãos à violação deste corpo. Essa violação dificulta e restringe a natureza redentora e curativa da comunhão em que os pobres são alimentados, os solitários são amigos, os doentes são visitados, os de luto são confortados e os pecadores são perdoados. Tal comunhão

³¹³ CARREZ, 1993, p. 55-56.

³¹⁴ ERDMAN, 1929, p. 103.

³¹⁵ BRAKEMEIER, 2008, p. 154.

³¹⁶ PRIOR, David. *A mensagem de 1 Coríntios – A vida na Igreja local*. São Paulo: Abu, 1985. p. 202.

³¹⁷ VOIGT, 1989, p. 106.

redentora pode produzir saúde espiritual e física, enquanto a quebra da comunhão pode causar o inverso.³¹⁸

A consequência de não fazer um autoexame antes de participar da ceia haverá um julgamento do Senhor. É por isto que o apóstolo Paulo relata que “há entre vós muitos fracos e doentes e muitos que dormem” (1Co 11.30). Neste contexto escreve Ben Witherington:

O exame solicitado no verso 28 deve ser consideração de como participar adequadamente da Ceia, não uma avaliação introspectiva da dignidade de participar. Aqueles que participam de uma maneira indigna, abusando da refeição, são responsáveis ou culpados em algum sentido do corpo e do sangue do Senhor. Eles estão participando sem discernir ou distinguir “o corpo” (v. 29).³¹⁹

Paulo solicita que todos façam um exame de si, porque quem não faz ou não consegue discernir o corpo de Cristo corretamente, traz julgamento sobre si mesmo. “O autoexame é ordenado para evitar o julgamento que pode ser incorrido por comer e beber uma atitude não discriminatória”.³²⁰ Correlacionado com a temática, escreve William F. Orr e James Arthur Walther: “[...] algumas doenças e mortes atuais são expressões presentes de tal julgamento, provocadas por seu fracasso discernir o corpo”.³²¹ (Tradução nossa). O julgamento expresso por Paulo no verso 32 deixa claro que não tem a ver com a salvação eterna, mas com o julgamento temporal, como: da doença e da morte. Conclui-se que inúmeras estavam doentes por não discernir o “corpo” de Cristo. Agora, todos os que conseguiam discernir o “corpo” de Cristo, não estariam experimentando os “julgamentos”, porque entendiam que aquele “corpo” de Cristo é reconhecem o corpo de Jesus no pão memorial.

As palavras de Paulo orientando a Igreja devolveram o sentido real que eles nunca deveriam ter perdido. A condenação foi removida pela morte de Cristo, assim, quando Jesus anunciou a sua morte, fazendo o novo em sua memória, dessa forma, os crentes ao participar da Ceia do Senhor, não celebram o Senhor morto, sem sinal de vida, mas, a morte do Senhor, até que ele venha, Paulo escreveu: “Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha” (1Co 11.26) Michel Quesnel comenta sobre a morte de Jesus “A morte de Jesus assumiu outra dimensão, à medida que foi completada pela

³¹⁸ ORR; WALTHER, 1918, p. 274.

³¹⁹ WITHERINGTON, 1951. p. 251.

³²⁰ ORR; WALTHER, 1918, p. 274.

³²¹ FEE, 2014, p. 619.

ressurreição, completando-se uma vinculação indissolúvel: Desse modo, o rito do pão e do cálice constitui ao mesmo tempo sinal da ressurreição que se manifestará pelo retorno glorioso de Cristo, no último dia”.³²²

A Ceia do Senhor é coisa séria, assim como foi a morte de Cristo. O sentido que Paulo dá no contexto da celebração da Ceia é o mesmo que ele expressa em outro texto bíblico “O cálice de bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão” (1Co 10.16-21) A participação no banquete também produz comunhão entre todos que compartilham, porque é um pão, onde muitos participam e fazem parte de um único corpo (1Co 10.17). É na ceia do Senhor que realiza a suprema união do homem com Deus. A punição para aqueles que participarem da Ceia indignadamente não tem por objetivo de destruição, mas corretivo e educativo.

³²² QUESNEL, 1983, p. 78.

4 RESSIGNIFICAÇÃO DO *PESSACH*

Os elementos pascais como já citado, fazem parte do banquete do *Pessach*, assim, se faz necessário detalhar aqueles que têm uma importância maior em relação aos demais itens da celebração da última Ceia do Senhor. Alguns elementos pascais sofreram ressignificação. De acordo com entendimento de Roland Barthes a ressignificação é uma mutação cultural advinda da reordenação dos elementos *significado*, *significante*, *significação* e *signo*.³²³ Roland Barthes detalha cada definição: O significado é denominado “representação psíquica da coisa”. Significante, funciona como “mediador” do significado. A significação é o poder concebido como um processo que une o significante e o significado, ato cujo produto é signo.³²⁴

Neste entendimento, pretende-se demonstrar que a Páscoa judaica e a Páscoa cristã estão definidas por quatro significantes (pão, cordeiro, sangue e libertação). Os significantes buscam resgatar os principais elementos no rito entre os judeus e na celebração da Ceia do Senhor.

No evento do *Pessach* no Êxodo, como já citado, era escolhido um cordeiro, sem mancha, macho, de um ano, que seria imolado (sacrifício do cordeiro) no dia catorze ao entardecer. O sangue do cordeiro é requisitado para colocar nas portas das casas dos hebreus, com o objetivo de proteger do anjo da morte. Após o anjo passar faraó concedeu libertação, entretanto, antes da partida, segundo a tradição, comiam o cordeiro (sem quebrar os ossos), e ainda, acompanhado de pães ázimos e ervas amargas, e, usando cintos, sandálias nos pés e com cajado na mão, como alguém que partiria com urgência. A ocasião que funda a celebração está descrita no livro de êxodo e dá sentido a essas representações.

Já na Páscoa cristã apresenta alguns significantes correlacionados com ao *Pessach*, mas com significados diferentes. O primeiro e mais marcante exemplo é que o cordeiro não é um animal, mas o próprio Jesus Cristo, segundo o texto de João 1.36: “Ao ver Jesus que passava, disse: Eis o Cordeiro de Deus”, assim, o sacrifício de Jesus, selou a nova aliança.

³²³ BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 46.

³²⁴ BARTHES, 2007, p. 50-53.

Agora, quem tem o direito de transformar o significado de uma festa estabelecida na Torá? Darrell L. Bock responde:

A liturgia da Páscoa se tornou parte da narrativa histórica de Israel e tem se desenvolvido continuamente desde o êxodo. [...] Jesus leva a questão além do que se esperava no contexto desses costumes. Ele não olha apenas para o livramento original do Egito, mas ocupa pessoalmente o centro do palco e volta a atenção dos seus discípulos para um ato de livramento novo e maior. Assim, ele reivindica para si a autoridade legítima sobre calendário sagrado, não por subtração, mas por adição. Jesus também acrescenta ao simbolismo da celebração da Páscoa e, ao fazê-lo, reivindica autoridade sobre a tradição judaica, semelhante à sua reivindicação do ser Senhor sobre o sábado (Lc 6.1-5). Jesus declara ser ele mesmo a realização plena da Páscoa.³²⁵

A tabela abaixo demonstra quatro significantes em comum (pão, cordeiro, sangue e libertação). Os significantes demonstram os principais elementos do *Pessach* e da Ceia do Senhor, conforme o quadro abaixo:

Quadro 02 – Elementos da Páscoa judaica e da Páscoa cristã.

Significante	Significado judaico	Significado cristão
PÃO	Pão sem fermento, considerado resultado da pressa dos hebreus ao sair do Egito. (Êx 12.11).	"Corpo de Cristo" (Lc 22.19) passagem para a vida eterna (após a ressurreição).
CORDEIRO	Ser livre de pecado, "puro" (Êx 12.5).	Jesus, qualificado como um ser livre de pecado, "puro", é designado como o cordeiro de Deus (Jo 1.29).
SANGUE	"Sangue derramado" do "ser puro", o cordeiro (Êx. 12.7; Lv 17.11)	"Sangue derramado" do "ser puro", Jesus é representado pelo vinho (Lc 22.20).
LIBERTAÇÃO	Libertação do povo hebreu do cativo egípcio (Êx 12.31)	Libertação dos pecados para toda humanidade (Rm 6.22).

Fonte: O autor.

³²⁵ BOCK, 2020, p. 94.

4.1 PÃO DO *PESSACH* VERSUS CORPO DE CRISTO

O evangelista João não relata os atos e as palavras especiais de Jesus em relação ao pão e a taça, já os demais evangelistas, contam uma narrativa próxima do relato de Paulo. Friedrich Lang detalha que Paulo transmitiu o relatório como ele o havia adotado. Eram quatro relatórios de implementação entre os evangelhos sinóticos e Paulo:

Marcos representa um tipo, no qual se baseia o relatório litúrgico de Mateus, representando o outro de Paulo e de Lucas (22,19f), que por sua vez se baseiam em uma tradição comum ou intimamente relacionada. Na formulação e interpretação, um desenvolvimento tradicional e historicamente diferente em três fios tradicionais pode ser esperado, mas na compreensão do significado da Ceia do Senhor, há uma correspondência completa em todos os quatro relatórios. O tipo de tradição representada por Marcos coloca pão/corpo e vinho/sangue lado a lado e contém uma visão escatológica da refeição do reino de Deus. O tipo representado por Paulo e Lucas coloca pão/corpo e cálice/nova aliança lado a lado e traz a chamada ordem de repetição (Paulo no pão e no cálice, Lucas apenas no pão) com uma referência à perspectiva escatológica (“até que ele chegue” V. 26; cf. em Lucas 22, 16-18).³²⁶

A instituição da Ceia do Senhor acontece no contexto do *Pessach*. Para Vicente Serrano:

A Páscoa dos pastores nômades e os Ázimos dos agricultores que pretendiam salvar, por seu valor mágico, os rebanhos e as colheitas, transformaram-se, por um fato histórico que ocorreu no tempo de sua celebração, em sinal de libertação da escravidão que padecia o povo de Israel. Conservaram-se, em parte, os velhos ritos, mas o novo significado deu origem a uma celebração cúltica diferente, embora mantendo o primitivo sentido de salvação que, sem dúvida, tinham aqueles velhos ritos. Este mesmo acontecimento transformou-se com o tempo, ganhando um novo conteúdo, em sinal de salvação e de libertação de outras escravidões, as morais e de todos os povos.³²⁷

Originariamente, o pão recordava o tormento dos escravizados no Egito:

Cozeram pães ázimos com a farinha que haviam levado do Egito, pois a massa não estava levedada: expulsos do Egito, não puderam deter-se nem preparar provisões para o caminho (Êx 12.39). Agora, o pão é declarado por Jesus como: “Isto é o meu corpo que é dado por vós (Mt 26.26; Lc 22.19 e Mc 14.22)”. Após a meditação pascal vinha a oração sobre o pão ázimo, o cordeiro a ser comido e a ação de graças sobre o copo. Agora, de forma surpreendente para os discípulos, Jesus pronunciou outras palavras após as duas orações da mesa.³²⁸

³²⁶ LANG, 1994, p. 151.

³²⁷ SERRANO, 1997, p. 55.

³²⁸ JEREMIAS, 1980, p. 240.

O termo “corpo” era aplicável às sociedades da Páscoa que foram formadas para o festival; o grupo que se juntou à refeição tornou-se um novo tipo de entidade com uma conexão tão estreito que todas as pessoas são membros uma das outras³²⁹ (Tradução nossa). Este “corpo” segundo entendimento de Gordon D. Fee significa:

O significado do “Corpo” nesta mesa é que aqueles que comem do pão único agora devem se entender como um corpo, com todas as suas distinções antigas, completamente ímpias – ricos/pobres, judeus/gentios, pessoa livre/escravo – absolutamente reservadas na única mesa que os une a todos.³³⁰

As palavras de Jesus em relação ao pão que é abençoado e compartilhado é o “corpo por nós”, é uma relação pessoal de Jesus com a Igreja presente. Sobre a relação do que significa o partir do pão no cristianismo e no judaísmo, Mazzarollo afirma:

O gesto tradicional de fazer a prece de louvor, ao romper o pão, quer no ato cúltilo, quer na vida familiar da tradição judaica (expressão *páras lehem* = romper o pão) em (Is 58,7; Jr 16,7), é assumido pelo cristianismo a partir do próprio Jesus. Na tradição dos evangelhos sinóticos, a multiplicação dos pães é um protótipo da pedagogia da partilha (Mc 6,30-44 e par). Ao romper o pão, no rito judaico, com a associação aos banquetes fúnebres, tenha uma aproximação verificável, é possível. No entanto, isso não é suficiente para justificar a origem do pensamento cristão, que no nosso modo de ver não toma de empréstimo, em absoluto, essa conceituação e prática.³³¹

Sobre o pão comido na Ceia do Senhor, que traz à memória o corpo de Cristo oferecido na cruz por nossos pecados, James R. Edwards detalha:

A referência ao pão como o corpo de Jesus reflete sua inovação única na celebração da Páscoa. O verbo “ser” nas palavras da instituição tem sido objeto de muito debate e causa de muita divisão na história da igreja. [...] No NT e no mundo helenístico, o “corpo” (Gr *sōma*) designa toda a pessoa, “Dado por você”. [...] Em seu nome, que ocorre com referência ao pão (v.19) e ao vinho (v.20), imputa à última Ceia e à crucificação que antecipa uma sensação de expiação substitutiva, em conjunto com os verbos transitivos.³³²

Segundo Angelo Lancellotti e Giovanni Boccali a “memória” que Jesus visa não é a meramente comemorativa de um fato passado ou de uma pessoa

³²⁹ ORR; WALTHER, 1918, p. 272.

³³⁰ FEE, 2014, p. 624.

³³¹ MAZZAROLLO, 1994, p. 80.

³³² EDWARDS, 2015, p. 628.

desaparecida, mas a que torna atual, presente e vento salvífico no corpo e sangue de Cristo, respectivamente, “entregue” e “derramado” para a salvação do homem.³³³

Sendo assim, na instituição da nova Páscoa, Jesus é o centro. De Jesus procedem dádiva e bênçãos. Alois Stoger destaca sobre essa dádiva:

A dádiva que Jesus distribui é o seu corpo e seu sangue. O corpo é seu corpo vivo, Ele próprio. Corpo e sangue são representados por ambas as dádivas separadamente. Assim aludem à morte. Jesus dá-se aos seus para a memória de sua morte.³³⁴

Ainda nesta temática das palavras de Jesus referindo-se ao seu corpo, C. K. Barrett detalha:

Jesus disse: Este é o meu corpo, que é para você (podemos dizer, é dado; mas, embora muitos acrescentem quebrado, o grego não tem verbo; é uma adição estranha, mas suave em Lucas 22.19); faça isso como meu memorial. As palavras são atribuídas ao próprio corpo presente (na última Ceia) e fisicamente distintas do pão de que ele falou. A palavra corpo deve ser notada, que o que Jesus historicamente disse foi, Minha carne; pode-se notar aqui, de uma vez por todas, que este Comentário não pode lidar com a questão histórica sobre o que realmente aconteceu na última Ceia, mas apenas com o uso que Paulo faz do incidente, e provavelmente deve ser entendido à luz da referência, em *Pesahim* x, 4, ao corpo da Páscoa. Este (Jesus diz do pão) é o meu corpo.³³⁵

O pão do *Pessach*, anteriormente, era o “pão da aflição” do Êxodo, mas, agora, simbolicamente, como já citado, torna-se o corpo de Cristo, sua própria “carne” sacrificada. O significado do rito está conectado com o pão da Ceia do Senhor, é o pão que Jesus fez referência do seu próprio corpo (1 Co 11.24). Para James Moffatt “O significado do rito emerge primeiro em conexão com o pão ou bolo do pão. Estritamente falando, partir o pão pode significar nada mais do que distribuí-lo”.³³⁶ (Tradução nossa)

As palavras de Jesus dizendo “Isto é o meu corpo”, foram analisadas por diversos teólogos, William F. Orr e James Arthur Walther resumem assim as conclusões:

Tem sido contestado se deve ser interpretado “é como”, “representa”, “simboliza”, “representa”, “Transporta” ou “significa o mesmo que”; e muitos

³³³ LANCELLOTTI, 1979, p. 207.

³³⁴ STOGER, 1985, p. 220.

³³⁵ BARRETT, 1968, p. 266.

³³⁶ MOFFATT, 1959, p. 168.

teólogos insistiram que significa “é idêntico a”, “é a mesma coisa que” ou “tem a mesma substância que”.³³⁷

Sobre o pão ter sido quebrado, Margaret E. Thrall detalha:

A quebra do pão e o derramamento do vinho simbolizam o próprio Jesus, aceitando a morte (a destruição de seu corpo físico e o conseqüente derramamento de sangue) como um meio de estabelecer uma nova aliança, uma nova relação pessoa entre Deus e o homem.³³⁸

O fato de partir o pão é simbolismo de comunhão, mas acima desse simbolismo, a celebração da Ceia do Senhor lança as bases de uma comunhão sólida, resultado porque participam do mesmo corpo de Cristo. Segundo Leon L. Morris “Tomar, quebrar e distribuir o pão eram aspectos regulares da observância da Páscoa e não surpresa alguma. Mas enquanto o dava aos seus seguidores, Jesus disse: *Isto é o meu corpo*”.³³⁹ Assim, após quebrar o pão e repartir aos discípulos, Jesus tomou a taça que “deveria simbolizar a nova aliança selada com o seu próprio sangue, uma aliança nova em sua natureza e em seu conteúdo, uma aliança que garantiria o perdão completo dos pecados e uma renovação espiritual permanente”³⁴⁰ (Tradução nossa). O pedaço de pão é um verdadeiro símbolo de quietude e de paz. O pão representa o alimento, metaforicamente, é símbolo de alimento espiritual e sobrenatural.³⁴¹ C. K. Barrett explica a finalidade do *Pessach* no passado e a Ceia atualmente:

A Páscoa para os judeus foi o sacrifício e o festival da libertação. Ele nos trouxe da escravidão à liberdade, da tristeza à alegria, do luto ao feriado, da escuridão à grande luz, da servidão à redenção. Cristo, o crucificado, por sua morte, efetuou uma libertação semelhante, e isso é representado na Ceia.³⁴²

Neste contexto, a cada Ceia do Senhor é uma nova dramatização da crucificação. E o consumo do pão e o consumo do vinho por cada um dos participantes é um símbolo de que a crucificação afeta vitalmente suas próprias vidas individuais.³⁴³ A Ceia do Senhor não é apenas comer e beber, mas a proclamação da morte de Jesus até que ele venha. Dessa forma, “a comida do Senhor encontrará o seu cumprimento e o seu fim no momento da *parusía*, quando

³³⁷ ORR; WALTHER, 1918, p. 271.

³³⁸ THRALL, 1965, p. 84.

³³⁹ MORRIS, 1974, p. 287.

³⁴⁰ ERDMAN, 1929, p. 102-103.

³⁴¹ LENSKI, 1963, p. 910.

³⁴² BARRETT, 1968, p. 267.

³⁴³ THRALL, 1965, p. 84.

o Senhor, por nos expressar com uma imagem evangélica, oferecer o banquete celestial na companhia do próprio Deus”.³⁴⁴

Nesta perspectiva sobre o corpo de Cristo Ben Witherington comenta: “Paulo diz que o corpo de Jesus ressuscitado nos incorpora, de modo que estamos todos unidos a ele e dependemos dele por um vínculo constitutivo e permanente. É, a ideia de *koinonia*...”.³⁴⁵ (Tradução nossa)

Percebemos então que o pão na Páscoa judaica era sem fermento e relembra o tormento das aflições no Egito, enquanto, na Páscoa cristã, segundo as palavras de Jesus, é o seu corpo. Este pão repartido traz à memória de Cristo e da libertação que ele entrega todas as vezes que a Igreja participa da Ceia do Senhor.

4.2 CORDEIRO DO *PESSACH* VERSUS CORDEIRO DE DEUS

Na celebração do *Pessach* havia necessidade de sacrificar cordeiros (sem defeito e sem mácula). Jesus é o cordeiro de Deus, como já citado, Ele será imolado para realização de um único sacrifício perfeito. Para Adolf Pohl:

A ceia do Senhor aponta para o passado, e ali vemos a cruz de Cristo e seu sacrifício vicário em nosso favor. Mas ela também aponta para o futuro, e ali vemos o véu, a festa das bodas do Cordeiro, quando ele com Anfitrião nos receberá para o grande banquete celestial. A ênfase está na reunião festiva com ele, não na duração ou dificuldade do tempo de espera. O crucificado, agora, ressurreto, glorificado e entronizado, será o centro do banquete que Deus vai oferecer (Is 25.6; 65.13; Ap 2.7), e o sem-número de Ceia desembocará na “Ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19.9).³⁴⁶

Paulo escreve que o nosso cordeiro pascal que foi imolado (1Co 5.7). O cordeiro sem mancha, o qual se tornou “o sacrifício da Páscoa do Senhor”, tipifica o Messias, nosso Cordeiro Pascal, sacrificado por nós (I Cor 5.7; 15.3).³⁴⁷ A celebração da Ceia do Senhor culmina com um banquete, no qual o pão sem fermento e o vinho, estavam transformando-se pelas palavras de Jesus, referindo-se ao corpo e sangue, assim, são ceia do banquete.

³⁴⁴ DUFOUR, 1983, p. 287.

³⁴⁵ DUFOUR, 1983, p. 261.

³⁴⁶ POHL, Adolf. *O Evangelho de Marcos – Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1998. p. 404.

³⁴⁷ GUIMARÃES, Marcelo M. *A Torá: Bemibbar, No Deserto, Números. 3. ed.* Belo Horizonte: Ministério Ensinando de São/AMES, 2006. p. 74-75.

Deus que enviou o seu próprio filho para dar libertação à humanidade. “A proclamação da morte de Jesus não é uma triste ação da morte, mas a alegre testemunha da vitória (15,57)”³⁴⁸ Segundo Vicente Serrano:

Cristo é o cordeiro da nova Páscoa, cujo sacrifício e ceia místicos comemoram e realizam a libertação da humanidade e iniciam o novo êxodo, isto é, a passagem definitiva da escravidão para a liberdade, das trevas para a luz, do pecado para a graça, da morte para vida.³⁴⁹

O sacrifício tem como significado o sacrifício de Jesus, do homem, que se transfigura no “cordeiro de Deus” (Jo 1.29). Na Páscoa cristã, o cordeiro que foi sacrificado foi o corpo de Jesus. Através do sacrifício, a nova páscoa foi instituída, e ainda, as comunidades relembram do preço que Jesus pagou e do significado salvífico.

4.3 SANGUE DO CORDEIRO DO PESSACH versus SANGUE DE CRISTO (VINHO)

Segundo a Torá, conseguia-se a expiação pelo pecado através da morte de uma vítima sacrificial. O derramamento de sangue era a evidência de sua morte. Segundo o dicionário Wycliffe: “A palavra “expiação” é um termo anglo-saxão a força de “transformar em um”. Ela fala de um processo de trazer aqueles que são inimigos para uma harmonia e unidade, significando, assim, reconciliação”.³⁵⁰ “A expiação exige uma reparação, um pagamento ou um resgate à parte ofendida”.³⁵¹ Na narrativa bíblica isso está descrito em palavras do Senhor disse a Moisés: “Porque a vida da carne está no sangue. E este sangue vo-lo tenho dado para fazer o rito de expiação sobre o altar, pelas vossas vidas; pois é o sangue que faz expiação pela vida” (Lv 17.11). Michael Cohen comenta a respeito da expiação: “Sangue é a exigência primária para expiar o pecado humano. Sangue é uma parte essencial de como Deus tirou os filhos de Israel do Egito”³⁵²

O *Pessach* do Antigo Testamento não tinha relação como um meio de auto-expiação humana. Já na Páscoa cristã, o derramamento do sangue de Jesus era a

³⁴⁸ LANG, 1994, p. 155.

³⁴⁹ SERRANO, 1997, p. 108.

³⁵⁰ PFEIFFER, 2009, p. 749.

³⁵¹ COHEN, Michael, A Páscoa e a Expiação. In: BOCK, Darrell L.; GLASER Mitch (org.). *O Messias na Páscoa: A tradição judaica por trás da figura do Messias e da Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020, p. 227.

³⁵² COHEN, 2020, p. 227.

evidência de sua morte, porque a vida está no sangue. Gottfried Brakemeier faz um comparativo do sangue derramado no Antigo Testamento e no Novo Testamento: “Na tradição do povo de Israel, alianças eram seladas com sangue. Assim, acontece também com a nova aliança que tem o sangue de Jesus por fundamento, ou seja, sua morte “em favor de nossos pecados”. (15.3)³⁵³

Sacrifício do cordeiro no ritual do *Pessach* deveria ser “sangue derramado do ser puro”, o cordeiro. Quanto na celebração da Ceia o “sangue derramado do ser puro”, é o Jesus. Nesta temática, o dicionário Wycliffe detalha:

No NT, o termo gr. *katallage*, “reconciliação”, é traduzindo uma vez como “expição” em algumas versões (Rm 5.11); a palavra descreve o trabalho ou a ação de Deus em Jesus Cristo pelo qual o pecador é reconciliado com Deus. Esta reconciliação, porém, não é, meramente, uma reconciliação qualquer. Ela ocorre em um cenário definido do ensino e prática do AT, de forma que a Bíblia não usa injustamente a expressão “fazer expiação” para o verbo heb. *kipper*, que significa pacificação ou propiciação.³⁵⁴

Para Carlos Vido, “o sangue [...] derramado em favor de muitos se refere ao valor da salvação que Jesus atribuía à sua própria morte”³⁵⁵. Leon L. Morris descreve sobre o sangue de Cristo:

O derramamento indica para nós a morte na cruz onde uma nova aliança seria inaugurada. Israel estava num relacionamento com Deus de acordo com a aliança, mas agora haveria uma nova aliança levada a efeito pelo sangue de Cristo (cf Jr 31.31). Sua morte estabeleceria um novo modo de aproximação a Deus. [...] A ceia do Senhor, apresentada assim, indica e inaugura uma redenção efetuada pela morte de Cristo como um sacrifício.³⁵⁶

O derramamento do sangue de Cristo inaugurou uma nova aliança entre Deus e o homem, o sangue de Jesus Cristo, foi derramado em benefício da humanidade. O vinho derramado representa efetivamente a ratificação do novo pacto por seu sangue. Era uma nova aliança em um sentido mais profundo do que qualquer profeta havia previsto. Graças ao sacrifício de Jesus Cristo. Assim, vários autores destacam a temática da “nova aliança”, que veremos abaixo, alguns autores fazem correlação da antiga e da nova aliança. Vejamos: Para Ângelo Lancellotti e Giovanni Boccali “A aliança é chamada “nova” (especificação de Lucas), porque tem

³⁵³ BRAKEMEIER, 2008, p. 152.

³⁵⁴ PFEIFFER, 2009, p. 749.

³⁵⁵ VIDO, 1985, p. 56.

³⁵⁶ MORRIS, 1974, p. 288.

em mira a fundação do novo Israel, como fora já prometido nos vaticínios proféticos (Jr 31,31)".³⁵⁷

Raymond Brown, Joseph Fitzmyer e Roland Murphy descrevem sobre esse novo pacto: "Este pacto, ou aliança, foi criado pela vida de Jesus, agora simbolizada por seu sangue derramado para salvar as pessoas"³⁵⁸. Friedrich Lang detalha que "O sangue de Jesus derramado na cruz é entendido como o sacrifício de expiação através do qual Deus extinguiu os pecados da humanidade e reconcilia o mundo consigo mesmo".³⁵⁹ (Tradução nossa). Assim, vários autores destacam a temática da "nova aliança", que veremos abaixo:

Para Gottfried Brakemeier "A nova aliança não substitui a antiga, mas a renova. A necessidade de tal renovação decorre do pecado. Não é Deus quem anula sua aliança, e, sim, o ser humano através de suas transgressões".³⁶⁰ Já no entendimento de Roy A. Harrisville:

O novo era descontínuo com o velho, mas não porque o velho havia se desgastado com o uso indevido. Deus permaneceu fiel à sua aliança – em vez disso, porque Deus se aproximaria de suas criaturas em uma disposição que velho havia prometido, mas nunca poderia dar.³⁶¹

Assim, a nova aliança é firmada através do sangue de Cristo, estabelecendo uma nova ligação entre Deus e o povo. No entendimento de William F. Arndt, "[...] a taça eucarística significa o estabelecimento de uma nova aliança entre Deus e o homem, uma aliança diferente da lei, uma aliança da graça, do perdão baseado no derramamento do sangue de Cristo".³⁶² (Tradução nossa). Vicente Serrano descreve sobre a novidade da Ceia do Senhor:

A mudança ou novidade que Jesus introduz não se restringe, dentro do âmbito dos tradicionais ritos familiares, ao pão dividido com as mãos e dado aos comensais, e, ao vinho do cálice da bênção, passado também entre eles; estes deixavam de ser, por suas palavras, pão e vinho para transformar-se em seu corpo "entregue" e em sangue "derramado", selo de uma Nova Aliança, e as próprias ações, com aquelas novas palavras, haveriam de repetir-se em sua memória. O que antes se fazia "em

³⁵⁷ LANCELOTTI, 1979, p. 207.

³⁵⁸ BROWN, 2011, p. 297.

³⁵⁹ LANG, 1994, p. 153.

³⁶⁰ BRAKEMEIER, 2008, p. 152.

³⁶¹ HARRISVILLE, 1987, p. 197.

³⁶² ARNDT, 1956, p. 439.

homenagem a Javé”, deveria ser feito daí em diante em memória de Jesus.³⁶³

Assim, a taça ou o cálice, apontam para o sangue de Cristo derramado na Cruz, pelo qual ele ratificou a Nova Aliança entre Deus e o povo. Carlos Vido especifica sobre o termo aliança: “A palavra aliança (*diathêkê*) é um dos termos que os tradutores da Bíblia hebraica para o grego utilizaram para verter a palavra hebraica *berit*, uma noção bem israelita”.³⁶⁴ James R. Edwards descreve sobre a nova aliança instituída por Jesus:

A nova aliança instituída por Jesus não é ratificada pelo sangue de um animal sacrificial substituto, mas pelo sangue de Jesus, que não é jogado sobre os crentes como em Êxodo 24.8, mas recebido nos crentes. Tanto no pão quanto no vinho todo o Jesus está presente: sua pessoa no pão e sua vida no copo.³⁶⁵

Aqui a alusão à morte torna-se precisa através da imagem do sangue derramado. O corpo e o sangue, isto é, o corpo inteiro enquanto votado à morte.³⁶⁶ O sangue de Jesus, simbolicamente, faz alusão ao sangue da nova aliança, para William F. Arndt “[...] o sangue que contém estabelece uma nova aliança. As palavras implicam que o sangue de Jesus é oferecido aos discípulos”.³⁶⁷ (Tradução nossa). Através das palavras de Jesus relacionadas ao cálice, ou, nova aliança, “porque na verdade não se trata da presença física do Senhor, mas do que é feito por Cristo, ou seja, a refundação da comunhão entre Deus e nós pela morte do sacrifício de Jesus”.³⁶⁸ (Tradução nossa). Corroborando, a taça é a “nova aliança” no sangue de Cristo, assim, a “nova aliança” é selada com a morte do Senhor. Para William F. Orr e James Arthur Walther

A ação pela lembrança de Cristo é estendida para anunciar a morte do Senhor até que ele venha, especificando assim o significado da taça e colocando a lembrança na adoração e na vida contínuas da igreja. O cenário da Páscoa não está em destaque neste momento, mas Paulo está enfatizando como cada refeição comum deve se tornar uma lembrança e proclamação do evangelho.³⁶⁹

Importante destacar o comentário de Roy A. Harrisville: “A metáfora era na verdade uma transferência, mas essa transferência do antigo para o novo também

³⁶³ SERRANO, 1997, p. 80.

³⁶⁴ VIDO, 1985, p. 45.

³⁶⁵ EDWARDS, 2015, p. 630.

³⁶⁶ VIDO, 1985, p. 54.

³⁶⁷ ARNDT, 1956, p. 439.

³⁶⁸ VOIGT, 1989, p. 104.

³⁶⁹ ORR; WALTHER, 1918, p. 273.

envolveu uma mudança radical. Aquelas condições históricas às quais a antiga aliança amarrava um único povo discreto deveriam ser alteradas com a morte de Cristo”³⁷⁰ (Tradução nossa).

O cálice mencionado nos Evangelhos sinóticos, não foi introduzido nos elementos originais das ordenanças da Páscoa, fixadas em Êxodo 12, mas foi instituído pelos judeus após o exílio babilônico. Corroborando Gottfried Voigt descreve sobre quando Jesus tomou o cálice: “Ele pagou o cálice a refeição (da noite), ou seja, não é uma determinação de tempo, mas uma marcação atributiva do terceiro, o copo de sobremesa do ritual de passagem”.³⁷¹ (Tradução nossa). O sacrifício com derramamento de sangue detalhado nos evangelhos era “evidente que uma aliança implicava o derramamento de sangue, cujo equivalente você bebe”.³⁷² (Tradução nossa)

Se a nova aliança marcou a participação na morte de Cristo, então “lembrar-se” dele comendo e bebendo em sua convocação significava anunciar que aquele que deu uma parte em sua morte havia sido feito o “pode de Deus e a sabedoria de Deus”.³⁷³ Friedrich Lang detalha que “Ao beber deste cálice, os convidados da mesa do Senhor participam do efeito de salvação do sangue derramado de Jesus e são incorporados à nova ordem de salvação escatológica que Deus representa para todos os povos (cf. Jes 25 e 53) que prometeram”.³⁷⁴ (Tradução nossa)

O “vinho” ou “o fruto da vinha” era bebida costumeira nos tempos do Velho Testamento. Yeshua levantou o “cálice”, fazendo disso um memorial do Seu “puro” sangue da Nova Aliança que é dado por vós (Lc 22.20).³⁷⁵ Para William F. Orr e James Arthur Walther:

A taça indica os meios pelos quais os crentes aceitam a nova aliança que é inaugurada pela morte de Cristo. O sangue neste contexto representa a morte de Cristo (Rm 3.25; Cl 1.20, isso está de acordo com a ideia do Antigo Testamento em Lev 17.11,14). Assim, a taça refere-se ao destino sacrificial de Cristo, que trouxe uma nova aliança (cf. palavras da taça atribuídas a Jesus: Mateus 20.11; Marcos 14:36; João 18.11), e aquele que bebe a taça recebe o destino possibilitado pelo novo convite. Assim, a passagem indica que a Ceia do Senhor constitui um corpo de crentes que

³⁷⁰ HARRISVILLE, 1987, p. 197.

³⁷¹ VOIGT, 1989, p. 105.

³⁷² MOFFATT, 1959, p. 169.

³⁷³ HARRISVILLE, 1987, p. 197.

³⁷⁴ LANG, 1994, p. 153.

³⁷⁵ GUIMARÃES, 2006, p. 74-75.

recebem a refeição como seus seguidores e que recebem a taça como indicação de participação consciente nos benéficos da nova aliança³⁷⁶

Na medida em que todos os cristãos comem e bebem a Ceia do Senhor, a Igreja está proclamando sua morte até que ele volte. A proposta de Paulo era que a Igreja não apenas relembresse o que Jesus fez, mas pudesse viver. O dicionário Wycliffe descreve quatro aspectos de Jesus Cristo e de sua obra:

- 1) Ele tanto era Deus quanto homem, para que pudesse agir junto a ambas as partes como também em uma única causa.
- 2) Ele cumpriu a lei de Deus e atingiu a justiça, vencendo a tentação e manifestando uma constante obediência até mesmo na morte de cruz;
- 3) Em cumprimento à sua obediência, Ele suportou o justo juízo do pecado, como um a favor de muitos. Dessa forma, o pecado não foi tolerado; entretanto foi julgado em um ato que em si foi a coroa da obediência e, portanto, aceitável ao Pai; e
- 4) Ele ressuscitou ao terceiro dia, para que o pecador julgado nele seja também renovado vitoriosamente através dele. Em virtude da nova vida em Cristo, o pecador é assim libertado do poder como também da culpa e da penalidade do pecado, e pode viver a nova vida de comunhão para a qual foi restaurado.³⁷⁷

O sangue do cordeiro por meio do sacrifício era de um animal puro, entretanto, não era um meio de expiação humana, mas, no Novo Testamento com o derramamento do sangue de Cristo, inaugurou uma nova aliança ou um novo pacto entre a humanidade e o criador. A nova aliança não foi substituição da antiga, apenas, renovação.

4.4 LIBERTAÇÃO

Os judeus, nos rituais do *Pessach*, atualizavam a libertação do Êxodo, assim, lembravam que apesar das inúmeras perseguições sofridas, conservavam a sua própria identidade em meio aos outros povos vizinhos. A palavra libertação, segundo o dicionário Wycliffe é “Libertação, livramento, liberdade são palavras que abrangem o conceito bíblico de libertação da escravidão, servidão, ou prisão”.³⁷⁸

Nesta temática de libertação Vicente Serrano detalha:

A liberdade é certamente um dos dons mais preciosos que Deus deu ao homem, o dom que distingue este dos demais seres e o torna semelhante a Deus. Mas a liberdade é um dom delicado e frágil, que se quebra com facilidade em suas mãos, como demonstra até a sociedade a história

³⁷⁶ ORR; WALTHER, 1918, p. 273.

³⁷⁷ PFEIFFER, 2009, p. 750.

³⁷⁸ PFEIFFER, 2009, p. 1158.

humana, não só a passada, de tempos distantes, mas a atual, a que nós mesmos protagonizamos.³⁷⁹

Para um judeu, o *Sêder* expressa à exigência de uma constante vigilância para conservar tal liberdade e para que esta e a dignidade humana sejam patrimônio de todos os homens. Ao recordar que seus antepassados foram escravos e que Deus os tirou da escravidão com mão poderosa, não só se reconhece a ação maravilhosa de Deus para com seu povo, mas sim, ao mesmo tempo, a própria responsabilidade na conquista de igual liberdade para qualquer homem.³⁸⁰ Vicente Serrano descreve a liberdade no Antigo Testamento:

Mas o *Seder* não é somente exigência dessa liberdade que poderíamos chamar de física, mas de outra liberdade mais profunda e mais cara: a liberdade interior de cada indivíduo. De nada vale a liberdade física se permanecerem outras formas de escravidão mais degradante e mais vil da dignidade humana, sobretudo as que escolhemos e impomos a nós mesmo quando nos separamos de Deus e de seus mandamentos, para seguir nossa própria vontade e correr para prostrar-nos diante não sabemos de que ídolos, ou ante o próprio eu, transformado em um pequeno e tirânico deus.³⁸¹

A liberdade dos cristãos no Novo Testamento veio pelo sacrifício de Jesus, assim, especifica C. K. Barrett:

A Ceia Cristã foi assim fundada na morte sacrificial de Jesus, um ato de libertação divina pelo qual os pecados eram perdoados e uma nova aliança estabelecida entre Deus e os homens, que, sendo reconciliados com Deus, agora estavam unidos entre si. Era para ser acompanhado por um recital do ato de expiação, no qual o amor de Deus era elogiado aos homens pecados.³⁸²

Segundo Vicente Serrano complementa a ideia:

Ele bem sabia que Deus tinha chamado todos os homens à liberdade desde que os criou; por isso Jesus iria entregar seu corpo (Lc 22,19) e derramar seu sangue por todos para a remissão de pecados (Mt 26,28); isto é, ele se entregaria para conseguir para todos os homens a autêntica liberdade, a que rompe as correntes de todas as escravidões interiores, a que quebra o poder do pecado.³⁸³

Através de Cristo, o pecado do homem foi expiado, Cristo (nosso substituto). Deus se deu a conhecer na morte e ressurreição de Jesus, assim, a natureza e a

³⁷⁹ SERRANO, 1997, p. 87.

³⁸⁰ SERRANO, 1997, p. 87.

³⁸¹ SERRANO, 1997, p. 88.

³⁸² BARRETT, 1968, p. 273.

³⁸³ SERRANO, 1997, p. 89.

vida de Deus consistiam em demonstrar a sua divindade e o seu poder para toda humanidade. O escritor Vicente Serrano detalha:

Celebramos a eucaristia para anunciar a todos os homens sua morte redentora e sua ressurreição; para levar a estes, feita carne em nossa vida, sua mensagem de salvação; para entregar-nos como ele se entregou; para tornar presente e construir com gozo a cada dia o Reino de Deus na terra dos homens, até que ele retorne, para transformar a cidade terrena em cidade de Deus. Por isso, a celebramos em sua memória. Fazê-lo de outra maneira ou não viver as exigências do que celebramos perde seu valor e carece de sentido. Cada eucaristia é um desafio a nosso compromisso cristão e a nossa presença como cristãos no mundo.³⁸⁴

Leon Dufour analisa a eucaristia a partir dos textos bíblicos:

Pelo fato de sua existência e de sua comida, a comunidade proclama o valor vivificante da morte de Jesus. Para Paulo, não é a “memória” de um fato distante, mas a proclamação da salvação atual, graças ao valor permanente do evento passado. Apenas a morte do Senhor dá origem à comunidade do próprio por meio do batismo; por meio da eucaristia, a morte mantém vivo este novo corpo. Jesus, em seu último jantar, não instituiu propriamente um meio para permanecer presente entre nós após sua morte; o que ele fez foi manifesta a união que a partir de então ia estabelecer entre ele e seu discípulos, porque ele morreu na fidelidade ao seu Pai e segundo o desígnio deste: sua morte introduz os crentes na comunidade de vida que o Pai lhe dá. Na assembleia eucarística celebra-se na sua fonte a aliança acordada com Deus: essa fonte é a morte do Senhor. Num sentido profundo, a comida litúrgica simboliza a morte do Senhor a sua eficácia permanente.³⁸⁵

Percebemos nos posicionamentos teológicos desses estudiosos que quando os judeus celebravam a Páscoa, relembavam da libertação do Egito. Enquanto, no Novo Testamento, a liberdade veio pelo sacrifício de Jesus, através da morte Cristo libertou e perdoou a humanidade dos pecados e proporcionou uma nova aliança entre Deus e o homem.

³⁸⁴ SERRANO, 1997, p. 93.

³⁸⁵ DUFOUR, 1983, p. 286.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa demonstra que a libertação se dá através de um dos elementos do *Pessach* o “cordeiro pascal”, sendo como principal fator da temática “A ressignificação do *Pessach*”. O objetivo da pesquisa é investigar a tradição festiva da Páscoa desde a sua origem como relatada no Antigo Testamento, passando pela vivência pascal da morte e ressurreição de Jesus no NT, utilizando do texto da primeira carta aos coríntios e do texto do Evangelista Lucas.

Assim, qual a importância do *Pessach* e sua ressignificação? Para comprovar foram utilizados textos do Antigo Testamento relacionados ao *Pessach* e segundo o evangelho de Lucas, observando uma perspectiva da metodologia histórico social.

Diante de vários relatos detalhados na pesquisa introdutória, observa-se que, originariamente, o *Pessach* surge em uma antiga crença celebrada pelos nômades, neste período, não estava ligado a nenhum altar, não era o sacerdote que celebrava, mas o líder do clã. Entretanto, havia o ritual de sangue, que tinha o objetivo de afastar as adversidades no deserto. Dessa forma, com a mudança do *Pessach* do ambiente familiar para o Templo o ritual do sangue continuou, porém, o cordeiro não era mais imolado pelo líder do clã, mas pelo sacerdote, e, o sangue não era utilizado para colocar nas portas das casas, mas derramado sobre o altar.

O *Pessach* além de ser uma celebração histórica é profética, demonstrando o início de nação livre. Foi em uma celebração do *Pessach* que Jesus instituiu a Ceia do Senhor. As duas celebrações estão correlacionadas, dessa forma, o *Pessach* não foi extinto por Jesus, pelo contrário, Ele deu uma ressignificação. Observa-se, por exemplo, que a ressignificação do cerimonial, envolvendo o cordeiro pascal dos judeus (AT) nada mais era do que o próprio cordeiro de Deus (Jesus). A ressignificação não fez com que o *Pessach* perdesse sua força, origem e celebração entre os judeus, pelo contrário, celebrada pelos cristãos tem Jesus no centro.

Por fim, no decorrer da pesquisa, através da perspectiva bibliográfica, histórica e cultural, foram demonstradas as diferentes interpretações do *Pessach*. Originariamente era uma festa familiar, entretanto, no reinado o rei Josias, pela

descoberta do livro no templo houve uma comemoração do *Pessach* 2Cr 35.1-19. A celebração do *Pessach* serviu de marco para a instituição da Ceia celebrada por Jesus. A nova páscoa está vinculada com a antiga, o cordeiro (animal) é substituído pelo próprio Jesus Cristo (homem), Ele é o cordeiro pascal imolado (1Co 5.7). O cálice pascal com vinho foi substituído pelo sangue de Jesus, O sangue de Jesus Cristo, foi derramado em benefício da humanidade. Na Páscoa cristã, Jesus é posto como alguém que selou a nova aliança. Através de Cristo, o pecado do homem foi expiado, Cristo (nosso substituto). Deus se deu a conhecer na morte e ressurreição de Jesus, assim, a natureza e a vida de Deus consistiam em demonstrar a sua divindade e o seu poder para toda humanidade. O *Pessach* de origem nômade, com o decorrer do tempo, tornou-se uma grande festa dos judeus. Através das palavras de Jesus, os elementos da Páscoa judaica proporcionaram novos significados, assim, instituiu-se a Eucaristia. Nesta ocasião, conforme demonstrado, houve a nova aliança não substituindo a antiga, apenas, dando um novo entendimento em alguns elementos pascais. O que demonstrava ser suposição em relação a temática foi comprovado através da investigação que alguns elementos pascais, proporcionaram ressignificação através da Páscoa cristã.

Independentemente do entendimento ou posicionamento doutrinário, as breves reflexões almejam-se contribuir aos interessados sobre a temática “A ressignificação do *Pessach*”.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.

ARNDT, William F. *Bible Commentary The Gospel According To St. Luke*. Saint Louis: Missouri, 1956.

ANDRADE, Claudionor. *Geografia Bíblica – A geografia da Terra Santa é uma das maneiras mais emocionantes de se entender a história sagrada*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BAHBOUT, Elie. *Hagadá de Pessach: com leis e comentários*. São Paulo: Sêfer, 2010.

BALANCIN M. Euclides e STORNILO Ivo. *Como ler o livro do Êxodo*. O caminho para a liberdade. São Paulo: Paulus, 1990.

BARRETT, C. K. *A Commentary on the first epistle to the Corinthians*. New York: Harper & Row, Publishers, 1968.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2007.

BOCK, Darrell L. A Páscoa no Evangelho de Lucas. *In*: BOCK, Darrell L.; GLASER Mitch (org.). *O Messias na Páscoa: A tradição judaica por trás da figura do Messias e da Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.

BOVON, François. *El Evangelio Según San Lucas*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

BRAKEMEIER, Gottfried. *A primeira carta do apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

BROWN, Raymond E; FITZMYER Joseph A e MURPHY Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CAMPS, Rius Josep. *O evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995.

CARSON. D. A. *Comentário bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARREZ, Maurice. *Primeira Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números*. volume 1. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

COHEN, Michael, *A Páscoa e a Expição*. In: BOCK, Darrell L.; GLASER Mitch (org.). *O Messias na Páscoa: A tradição judaica por trás da figura do Messias e da Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020. p.

CRAWFORD, Brian. *A Páscoa e a Ceia do Senhor*. In: BOCK, Darrell L.; GLASER Mitch (org.). *O Messias na Páscoa: A tradição judaica por trás da figura do Messias e da Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.

CROATTO, José Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981.

CRUSEMANN, Frank. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

DARBY, John N, *Sinopse dos Livros do AT - Números*. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2020.

DUFOUR, Leon. *Culto y existência em el Nuevo Testamento*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1983.

EDWARDS, James R. *The Gospel according to LUKE*. Nottingham: Apollos, 2015.

ERDMAN, Charles R. *The First Epistle Of Paul to the Corinthians*. Philadelphia: The Westminster Press, 1929.

FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Cambridge: Eerdmans Publishing Co, 2014.

FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*; Tradução Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

FLASHMAN, Richard H, *A Páscoa nos Escritos*. In: BOCK, Darrell L.; GLASER Mitch (org.). *O Messias na Páscoa: A tradição judaica por trás da figura do Messias e da Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.

FRIDLIN, Jairo. *Hagadá de Pêssach*. 12. ed. Rio de Janeiro: Sêfer, 2011.

GASS, I, B. *Uma introdução à Bíblia – Exílio Babilônico e Dominação Persa*. São Leopoldo: Paulus, 2004.

GELDENHUYS, Norval. *Commentary on The Gospel Of Luke*. London: Edinburgh, 1956.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2007.

GOLDINGAY, John. *Pentateuco para todos: Números e Deuteronômio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

GORODOVITS, David. *Na espiral do tempo: uma viagem pelo calendário judaico*. São Paulo: Sêfer, 2008.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1998.

GRUNDMANN, Walter. *Das Evangelium nach Lucas*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1974.

GUIMARÃES, Marcelo M. *A Torá: Bemibbar, No Deserto, Números*. 3. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião/AMES, 2006.

HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARRISON, Roland K. *Levítico – Introdução e Comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1980.

HARRISVILLE, Roy A. *Augsburg commentary on the new testament – I Corinthians*. U.S.A: Augsburg Publishing House, 1987.

HOFF, Paul. *O Pentateuco*. São Paulo: Vida, 1983.

HUCH, Larry. *A Benção da Torá: revelando o mistério, revelando o milagre*. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2010.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2010.

JEREMIAS, Joachim. *La Última Cena – Palabras de Jesus*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980.

LANCELLOTTI, Angelo; BOCCALI Giovanni. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

LANG, Friedrich. *Die Briefe na die Korinther: Übersetzt und erklärt*. Gottingen un Zurich: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994.

LENSKI, R. C. H. *El interpretación de El Evangelio Segun San Lucas*. México: Publicaciones El Escudo, 1963.

LORASCHI, Celso. *O profeta Sofonias e a reforma de Josias*. São Paulo: Estudos Bíblicos, v. 29, n. 116, 2021.

MACARTHUR, John Jr. *A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

MACKINTOSH, C.H. *Estudo Sobre o Livro de Levítico*. São Paulo: Literatura Cristã, 2003.

MACKENZIE, J. L. *Ázimos*. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.

MAGALHÃES, Marcelo. *Páscoa no Judaísmo e Cristianismo*. Belo Horizonte: Memorial, 2009.

MALANGA, Eliana Branco. *Bíblia Hebraica como obra aberta*. São Paulo: Humanitas, 2005.

MAZZAROLLO, Isidoro. *A Eucaristia como memorial da Nova Aliança: Continuidade e Rupturas*. Porto Alegre: Edições EST, 1994.

MOFFATT, James. *The first epistle of Paul to the Corinthians*. London: Hodder and Stoughton Limited, 1959.

MORRIS, Leon L. *O evangelho de Lucas*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1974.

NAKANOSE, Shigeyuki. *Uma história para contar: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22,1-23,30*. São Paulo: Paulinas, 2000.

ORR, William F; WALTHER, James Arthur. *The Anchor Bible - I Corinthians: A New Translation – Introduction with a Study of the Life of Paul, Notes, and Commentary*. New York: Doubleday & Company, Inc, 1918.

PFEIFFER, Charles F, VOS Howard F, REA John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

PIXLEY, George V. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987.

PINHEIRO, M.J. *A páscoa cristã*. Belo Horizonte: Clube de autores, 2016.

POHL, Adolf. *O Evangelho de Marcos – Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1998.

PRICE, Randall. – *Arqueologia Bíblica: O que as últimas descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PRIOR, David. *A mensagem de 1 Coríntios – A vida na Igreja local*. São Paulo: Abu, 1985

QUESNEL, Michel. *As epístolas aos Coríntios*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

REIMER, Haroldo. *O Antigo Israel: história, textos e representações*. São Paulo: Fonte Editorial. 2017.

ROBERTSON, Archibald. *A critical and exegetical commentary: First epistle of St Paul to the Corinthians*. New York: Charles Scribner's Sons, 1911.

ROMER, Thomas. *A origem de Javé: O Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

RYLE, J. C. *Comentário Expositivo do Evangelho segundo Lucas*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1955.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

SCHMID, Josef. *El Evangelio Según San Lucas*. Barcelona: Editorial Herder, 1968.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SIQUEIRA, Tércio Machado. *Estudos Bíblicos: um estudo sobre a origem da Páscoa*. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/um-estudo-sobre-a-origem-da-pascoa>. Acesso em: 01 fev. 2022.

STOGER, Alois. *O evangelho Segundo Lucas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel da época pré-estatal*. São Paulo: Paulinas, 1993.

THRALL, Margaret E. *The first and second letters of Paul to the Corinthians*. Cambridge: At the University Press, 1965.

TIEDE, David Lenz. *Augsburg Comemntary on The New Testament Luke*. Manufactured: Augsburg Publishing Houve, 1988.

TOGNINI, Enéas. *O Período Interbíblico: 400 anos de silêncio profético*. São Paulo: Hagnos, 2009.

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

VIDO, Carlos. *A Eucaristia na Bíblia*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

VOIGT, Gottfried. *Gemeinsan glauben, hoffen, lieben: Paulus an die Korinther I*. Vandenhoeck: Biblisch-theologische Schwerpunkte, 1989.

WAGNER, Peter. *Se não tiver amor*. São Paulo: Luz e Vida, 1983.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento: volume I*. São Paulo: Geográfica editora, 2006.

WIKENHAUSER, Alfredo; KUSS, Otto. *Comentario de Ratisbona al Nuevo Testamento – Cartas a los coríntios*. Barcelona: Editorial Herder, 1976.

WITHERINGTON, Ben . *Conflict and community in Corinth: a socio-rhetorical commentary on 1 and 2 Corinthians*. United States of America: Eerdmans Publishing Co, 1951.

ZAHN, Theodor. *Das Evangelium des Lucas*. Leipzig: A. Deichert' sche Verlagsbuchhandlung Nachf, 1913.